CAMILLO CASTELLO BRANCO

OBRAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.°, de 200 a 300 paginas
Impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro ? — Justiça. —Espinhos e flôres.— Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. —O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Poesias dispersas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pags. em papel de linho nacional. Tiragem 48 exemplares.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reproducção zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reproducção como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — Esgotado
16 — Esgotado
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pier reLoti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet

33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses! .. por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Ivelling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Favières, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendès.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Esgotado.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yonge.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Hamive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

VII

O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
— RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48 —
LISBOA

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.°, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

L Por
C3493s

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES

ROMANCE

5.ª edição, conforme a 1.ª, unica revista pelo auctor

347889
14. 3. 38.

1919

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES

Nota das edições que tem tido este volume até á presente

1.ª edição — Porto — 1867 — Typ. do Commercio — 1 vol. de 261 pags. — Ha exemplares d'esta edição com novos frontispicios. — Lisboa, sem data, Campos Junior.

2.ª edição — Lisboa — 1889 — Vol. 3.º da collecção Pedro Correia.

3.ª edição — Lisboa — 1902 — Vol. 7.º da nossa collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional para bibliophilos.

4.ª edição — Lisboa — 1911 — Vol. 7.º da nossa collecção.

5.ª edição — Lisboa — 1919 — que é a presente.

ADVERTENCIA

Na edição d'este romance, dada em folhetins do *Commercio do Porto,* estampou-se uma nota que dizia respeito aos «mulatos» do seculo XVI. O author inadvertidamente entendeu á moderna a palavra como a tinha entendido outro ignorante mais antigo que ementára a lei de D. João III, citada na dita nota, com as palavras «Leis respectivas aos escravos». *Mulatos,* ao menos os alludidos na lei de 1538, não eram homens, eram «machos asneiros, filhos de cavallo e burra». Se eu tivesse consultado frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo antes de annotar o vilipendio dos escravos no seculo XVI, em Portugal, não injuriaria os filhos das burras chamando-lhes filhos de pretas. N'aquelle tempo era melhor ter a primeira linhagem.

Aspou-se, portanto, n'esta edição a nota absurda, e fez-se aqui advertencia do caso para se agradecer a quem logo nos fez conhecer o erro. E este testemunho de gratidão seja incentivo para que nos favoreçam com as suas emendas as pessoas que benevolentemente nos podem ir melhorando os livros nas ulteriores edições. Bemdito seja Deus, ainda nos falta um vicio: o orgulho.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

I

O que era o paço e quem estava n'elle

Estamos no Minho, o leitor e eu.

Chegámos á «Portella», uma legua andada de Villa Nova de Famalicão, na estrada de Guimarães. Deixada a estrada, entremos n'umas brenhas de arvores, por atalho tortuoso com seu docel de carvalheiras e festões de vides enroscadas n'ellas. Andou o leitor um kilometro em vinte minutos, se não parou algumas vezes a respirar o acre saudavel das bouças, e a ver o pullular dos milharaes e a ouvir as toadas das seareiras que cantam. Para este ver, cheirar e ouvir é preciso que vamos em agosto ou setembro, ao repontar do sol ou ao desdobrar da noute. Fóra d'esta quadra e horas não vá; que as aldeias, pesar dos poetas que as viram nas bucolicas de Camões e Bernardes, teem horas e mezes dos que teve o Creador, quando inventou o dormir.

Andados, pois, mil passos na quebrada da ramalhosa encosta, nos sahe de rosto uma casa de dous sobrados,

caiada, azulejada, com suas columnas pintadas de verde e como de papelão grudado á parede, com as bases amarellas e os vertices escarlates. Vão-se os olhos n'aquillo! Esta maravilha architectonica devem-na as artes ao gôsto e genio pintoresco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as côres que lá viu de memoria, e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha, o qual se havia ensaiado n'um S. Miguel de retabulo de alminhas com uma fortuna digna de Italia.

Admirado isto, rodeia o leitor uns pardieiros de demolidas arribanas, e, na revolta do quinchoso, topa com umas ruinas.

Aqui tem o paço de Ninães.

Se levou comsigo o *Nobiliario do conde D. Pedro,* o legitimo e genuino, publicado pelo snr. Alexandre Herculano, abra em paginas 227 e leia o *Titulo* XXXV, que logo encontra historias galantes e tragicas, mais ou menos passadas no paço, cujas ruinas ahi tem.

Verá que nasceu e creou-se aqui um D. Vasco Martins Pimentel, fidalgo da casa de D. Affonso III e seu meirinho-mór; o qual Vasco Martins nasceu de uma D. Sancha, que o houvera de um fidalgo com quem clandestinamente se casára, no primeiro anno de viuva.

Ora succedeu que, estando o rapaz nos paços de el-rei, travou-se de razões com uns donzeis appellidados Marinhos, os quaes lhe chamaram *manzelado,* injuria disparada ao pundonor de sua mãi; porquanto, era motivo para desairar o bom nome de uma dama, consoante as leis consuetudinarias do tempo, passar ella a segundas nupcias, durante o primeiro anno de viuva; e tanto

que o filho havido n'esse espaço defezo ás nupcias corria o perigo de empatelhar-se com os illegitimos, não em juizo nem nos direitos de successão, mas certamente no tal qual desdouro de sua mãi.

O leitor cordato, se lhe chamassem «manzelado», que faria? Chamava os Marinhos á policia correccional, como pessoa que tem no codigo a salvaguarda de sua honra.

Ignoro o que diziam as leis de Affonso III, no tocante áquelle insulto. O que sei é que D. Vasco se affrontou grandemente e foi-se aos Marinhos, e *deu a huum delles tam gram punhada que lhi britou loogo huum olho;* e, abraçado no outro, foi cahir com elle por uma fresta ao saguão do paço! Vejam com que franqueza se esmurravam os donzeis na casa e na presença de el-rei!

Ao do olho britado ainda lhe succedeu peior. Lá quando se lhe ageitou o lanço, D. Vasco Martins agarrou d'elle e o lançou depois em *huum poço muyto alto que estava nos paaços d'el-rei.* Esta segunda diabrura valeu-lhe estar dous annos preso em Santarem. Depois de solto, o estomagado meirinho-mór do reino (que bom meirinho-mór!) passou-se a Castella com duzentos e cincoenta cavalleiros, e lá morreu n'uma escaramuça debaixo das muralhas de Córdova.

Tornando ao ponto: aqui tem o leitor esta escalavrada e grossa parede afestoada de hera, e além outro lanço derrocado e a dentro das paredes um silveiral que rompe do pedregulho. Pois eram esta ou aquella a parede do quarto em que D. Sancha deu á luz o britador e mergulhador de donzeis, D. Vasco Martins Pimentel, que santa gloria haja!

Veja-me esta janella, a unica das tres que provavel-

mente o paço tinha. Das tres, digo, e aproveito o ensejo de inteirar o leitor da bruteza immunda da fidalguia d'aquellas éras. Os paços de então, tirante a bellicosa torre, eram córtes de gado. Comiam á unha do mesmo çarro de cortição ou gamella, bebiam do mesmo acetér, dormiam no mesmo sobrado os de um sexo, os do outro no sobrado visinho; e os sexos sacramentalmente misturados não sei onde pernoutavam. Quantos paços conheço por este Minho, taes como o de Numães, o de Carude, o de Barbude, o de Delães e outros menos arruinados, offerecem-me crer que os fidalgos portuguezes, até ao seculo XIII, eram uns animalaços que não comiam nem pernoutavam mais limpa e honestamente que os nossos bácoros e os nossos mastins.

Torno a pedir-lhe que me repare n'esta janella. São quatro pedras lavradas a marrêta, postas em invasadura esquadriada. Olhemos, porém, de longe, porque n'aquelle peitoril repousam nove seculos e alguma hora hão-de vir abaixo. D'alli, e recostada com a face n'uma d'aquellas ilhargas de pedra, a formosa Sancha, viuva sem saudades, anciava, olhando ao longe, emquanto não ouvia o chofrar das patas do rinchão murzello do seu Martim Fernandes, que, lá de Riba-Vizella, vinha por trevas e chuva aquecer-lhe no seio os embriões d'aquelle D. Vasco esmurrador de olhos, e baldeador de Marinhos por saguões e poços. Os suspiros que já bafejaram aquellas pedras! O arfar de seios que já se refrigeraram n'aquelle peitoril, onde as corujas pousam e guincham por noute velha! Aquillo dá que scismar e poetar; mas quem, como v. exc.ª, viaja com um guia em annos de prosa, como eu, ha-de abster-se de poesia.

Este paço de Ninães foi senhorio de differentes appel-

lidos. Passou aos Vasconcellos, depois condes de Castello-melhor, razão de ter casado D. Leonor Rodrigues Pimentel com Gonçalo Mendes de Vasconcellos. No lapso de muitos annos, herdaram-no com o vasto territorio circumjacente os senhores de S. João de Rey e os Pereiras Caldas, ascendentes do author da *Ulyssea*, os padres da Companhia de Jesus e a Misericordia do Porto.

No paço, porém, e a ampla quinta que o circuitava em 1576, residia uma viuva, que o era de um fidalgo da casa de Azevedo, mãi de um moço de vinte annos, chamado Ruy Gomes de Azevedo.

Estes muros, combros e casarias, que se cruzam e espalham em volta das ruinas, não retalhavam no seculo XVI a quinta de Ninães. Por largo estadio em volta verdeciam ainda os arvoredos que circuitavam as espaçosas veigas, os almargeaes extensos e paues, que todos se avistavam dos adarves da torre, soterrada ha hoje cem annos.

A viuva de D. Vasco de Azevedo era, ainda assim, comparativamente pobre, attento o empenho em que seu marido deixára a casa, desbaratada na milicia de Africa e India, onde foi servir com esperanças de ganhar commendas, que el-rei D. João III lhe não dera—ingratidão e desenganos juntos a cavar-lhe precocemente a sepultura, onde se escondeu com as suas cicatrizes.

D. Thereza por alli se ficou ermando e cuidando na creação do filho, jurando a Deus e á memoria de seu marido não lhe fallar na gloria da milicia nem espertar-lhe, no tenro animo, affecto ás armas. Com o proposito de lhe ir torcendo o espirito, contava-lhe a mãi a ingratidão dos reis com seu pai, soldado de Arzila e Malaca,

de Moluco e Mazagão, por onde gastára o melhor de seus haveres, e de onde voltára rico de serviços e testemunhos de valor a requerer o premio que sobejava para os indignos e não chegou para elle. Ruy Gomes de Azevedo condescendia de boamente á vontade de D. Thereza, movido não tanto d'ella como de seu proprio espirito, captivo, desde a puericia, de sua prima D. Leonor Correia de Lacerda, da estirpe dos senhores de Farelães, então representados por um dos seus bons ramos, nos moradores do paço do Roboredo, um quarto de legua distante do paço de Ninães.

D. Thereza comprazia-se n'estes amores do filho. Leonor, além de nobilissima, era rica, e, sobre rica, formosa. Cumulava-se ainda a satisfação da viuva com a certeza de que Ruy, casado e rico, nunca pensaria em desabraçar-se de uma esposa amada para correr sua vida nos perigos da guerra e affrontoso menoscabo dos seus.

Incitava-o ella, pois, encarecendo-lhe dons e graças da prima Leonor, variando umas vezes por outras o applauso no dar-lhe a sentir a precisão de restaurar com o dote da esposa a casa de Ninães, damnificada por seu pai. Esta variante impressionava pouco mais de nada os fidalgos espiritos de Ruy. A não se darem moções incompativeis com o calculo da onzena que os rendimentos de Ninães pagavam, Ruy Gomes, affeito á frugal e barata vida de aldeão, achar-se-ia bastante remediado para não resignar sua independencia. O que o movia era o amal-a, o ser amado d'ella, o conversarem-se sósinhos como irmãos, desde meninos até aos vinte, que um e outro perfaziam no anno de 1576.

Gonçalo Correia de Lacerda, pai de Leonor, dava a entender, praticando com sua prima Thereza, que não

estorvaria o amarem-se e casarem-se os primos, comtanto que elles differissem para os vinte e cinco annos a sua união. Era scisma do velho fidalgo que, antes d'aquella idade, o siso, o claro entendimento, não preside, como convém, ás tendencias do coração; pelo que, urgia aos paes circumspectos demorar a execução de tão serio acto da vida até que o juizo maduro dos filhos retemperasse com o aço da experiencia o fragil das inclinações dos annos em flor.

D. Thereza argumentava contra, citando exemplos de venturosos enlaces em idade da primeira juventude. O velho, que tinha sido marido infeliz por se ter casado sem a reflexão que os dezeseis annos implicavam, dava-se a si como exemplo. Ia mais longe: corroborava a mania com o casamento da sua contraventora.

— Se a prima Thereza — dizia elle — não casasse aos quinze com o primo Vasco de Azevedo, que tinha então dezoito, certo não passaria o melhor tempo de sua mocidade aqui sósinha, em quanto elle gastava fazenda e forças na guerra d'além-mar. Quizesse-lhe elle aos vinte como queria aos dezoito, prima Thereza, vêl-o-ia quedar-se em sua casa, em vez de se ir á India... fazer o quê? Desfalcar os bens, que já não eram metade do que tinham sido, ganhar feridas e derramar o sangue que lhe faltou aos quarenta annos de idade. Das duas uma: guerra ou casa. Soldados querem-se solteiros; casados querem-se bons maridos, bons paes e bons curadores dos haveres de seus filhos. N'uma palavra, deixemos ver se Ruy se conserva n'este apêgo á sua aldeia; depois, casal-os-hemos, e não lhes ha-de faltar tempo e occasiões de se fartarem de estar casados.

D. Thereza não redarguia, porque seu primo Gonçalo

Correia era obstinado, testudaço e capaz de trancar suas portas a quem lhe incommodasse os habitos do seu pachorrento viver entre abegões, eguariços e uns quasi servos de gleba, que o temiam, como os outros da idade média temiam a seu decimo segundo avô D. Godinho Fáfes.

II

Cavillações de um chanceller-mór do reino

Não se cuide que Gonçalo Correia vivia isento de dissabores. Pungentissimos o inquietavam á conta de um litigio com seu primo Salvador Correia de Sá, bisavô do primeiro visconde da Assêca. Oriundos do Couto de Farelães, as vergonteas do mesmo tronco renhiam e contendiam sobre o legitimo lôgro de vinculos e fóros, em posse dos quaes o fidalgo de Roboredo se não achava assás seguro pela amarra da lei.

Perder a demanda era deteriorar-se-lhe notavelmente a casa e julgar por sentença uma cousa pouco menos de latrocinio de seus avós, accusação que os parentes litigantes lhe fulminavam.

A previdencia de tal sahida molestava-lhe a indole igualmente cubiçosa dos bens que sensivel ao desdouro dos antepassados.

Ao tempo em que Ruy e Leonor se davam reciprocos alentos e esperanças para os vinte e cinco annos, Gon-

çalo Correia de Lacerda decahiu do pleito em segunda estancia.

Chegada a nova infausta, mandou pôr aos varaes da liteira os machos e foi a Lisboa, impondo á honestidade da filha o preceito de reclusão completa, durante a sua ausencia.

Foi o fidalgo hospedar-se na côrte em casa de seu primo o chanceller-mór do reino Pedro Esteves Cogominho.

Este magistrado era tambem minhoto, visinho e por igual parente de Ruy Gomes de Azevedo. A casa d'elle, chamada o morgadio de Pouve, não posso mostral-a ao leitor, porque me impedem causas que eu lhe direi no ultimo capitulo d'esta chronica.

O chanceller recebeu o attribulado primo, e ouviu-lhe as lastimas do seu brio e justiça esmagados. Quanto ao brio, o magistrado condizia; mas, no tocante á justiça, rosnava o que quer que era. Queria dizer que a Relação do Porto julgára bem. Todavia, como o réu vencido levava para o desembargo do paço appellação da sentença, o doutor Pedro Esteves quebrantou-lhe a paixão, promettendo patrocinar-lhe a causa. Pediu-lhe Gonçalo Correia sua palavra: deu-lh'a o chanceller. A causa, a juizo do appellante, estava de antemão vencida.

Pedro Esteves Cogominho atalhou friamente o expansivo contentamento do primo, dizendo-lhe n'um tom sisudo e pausado:

— Temos que fallar, primo Lacerda... muito de espaço...

— Respeito da demanda? — acudiu o outro, sentindo despegar-se-lhe alguma entranha das maiores — Não é certo o bom despacho?... Duvída, primo?

— Não.

— É de tamanha justiça!...

— *Hum*... regougou nazalmente o doutor; e, mudando para jovial, proseguiu: — Não se falle mais de demandas. O dito dito. Outra cousa... O primo viu por lá, em Pouve, meu sobrinho João Esteves?

— Lá lhe passei á porta, apiei da liteira, e dei-lhe parte da minha vinda e perguntei se queria alguma cousa para vossa mercê. Disse-me que lhe tinha escripto na vespera.

— E' verdade. Como governa elle o morgadio?

— Mal. O rapaz é atravessado. Gasta sem tom nem som. A casa é grande, mas não dá para tanto.

— E' certo isso—conveio o chanceller.—Grande culpa tive no desconcerto de meu sobrinho! Andei errado em trazêl-o para a côrte, quando meu irmão falleceu. O acêrto era deixal-o na aldeia. Vezou-se a luzir, a pompear, a estadear-se, a fazer praça de cavallos e lacaios. Quando o mandei para a provincia, já me estava caro, e trazia-me inquieto com as suas visitas por conventos... e, a dizer-lhe tudo, inquietava-me muito que as moças da rainha folgassem com elle—disse o chanceller, inclinando-se ao ouvido do primo.

— Que tal!—exclamou Gonçalo de Lacerda—O rapaz era arrojadiço!...

— E por lá? que faz elle?

— Por lá...—murmurou o senhor de Roboredo—por lá...—proseguiu, dando aos hombros e casquinando—por lá... rapaziadas, rapaziadas, primo chanceller... Mas... não se conta que elle tenha posto nodoa nos creditos de pessoa da sua condição... Louvemos a Deus e louvemol-o a elle por isso...

— Ah!... sim... Estimo muito... Eu receiava que meu sobrinho maculasse o nome de alguma dama virtuosa.

— Nada... Não me consta; salvo se o faz lá por Guimarães, Braga e Porto, por onde elle passa o mais do tempo.

— Isso sabia-se...

— E' verdade... sabia-se.

— Pois muito quizera eu ver socegado aquelle rapaz, que amo como a filho...—tornou o doutor—Já tenho pensado em casal-o como remedio...

— Mau remedio!—interrompeu o adversario do casamento antes dos vinte e cinco — Que idade tem elle?

— Vinte e dous e tantos mezes.

— Deixe-o chegar aos trinta, primo. A minha opinião é aos vinte e cinco, mas o primo João Esteves precisa dos trinta... e bons!

— Aos trinta—replicou o doutor—já o casamento se não dá como remedio para concertar espiritos errados; bastante de si é já o remedio da idade. Casal-o era agora, em quanto a alma nova e rebelde carece de freio; e ha ahi mais doce freio que a sujeição á esposa amada?

— Isso é o ponto da verdade, porém acontece ás vezes o marido tomar o freio nos dentes e depois...

Concluiu com um frouxo de riso apoiado pelo chanceller e proseguiu:

— Vossa mercê é um sabio capaz de aconselhar os mais avisados; não obstante, releve-me a ousadia de lhe dar o meu parecer, fundado na experiencia: não pense em prender o moço. Deixe-o cançar, que elle virá de per si á cata do repouso.

— Hei-de ponderar detidamente o seu aviso... — disse com reflexiva gravidade Pedro Esteves.

— Faz vossa mercê como discreto. Pouco ha tive eu com a nossa prima Thereza Figueirôa uma larga prática, respeito de casamentos...

— Ah!... é verdade, como está a prima Figueirôa? ainda é bella?

— Está velha. Tem quarenta e quatro annos.

— Foi uma dama perfeita!

— Foi, mas quê?... Porventura, amou-a como devia o primo Vasco de Azevedo?... Não. Deixou-a, foi-se á India, voltou, tornou-se á Africa. Veio alfim envelhecido, contristado, enfermiço, e quasi pobre morreu... Aqui tem vossa mercê um que mordeu o tal freio e correu desentoado até quebrar a cabeça n'um penedo!

— E o filho? como se chama?

— Ruy. E' um bom rapaz, docil, sujeito, affeiçoado á lavoura, poupado e todo entregue aos cuidados de sua casa, como quem pensa em desaggraval-a dos damnos com que o pai a quebrantou. Veio ao intento fallar-se do casamento, por motivo de minha filha Leonor se agradar do primo Ruy, e elle, ao que diz a mãe e eu creio, morrer de amores d'ella. Póde dizer-se que foram creados mão por mão; fazem annos no mesmo mez e os mesmos annos. Pois, primo chanceller, a despeito do juizo d'elle, disse eu á prima Thereza que sómente aos vinte e cinco os deixaria casar. Veja quão rigido sou nos meus principios e doutrinas!

— Então... — volveu meditativo Pedro Esteves Cogominho — é pacto feito o casamento de minha prima Leonor com Ruy de Azevedo?

— Sim... a minha tenção é essa, resalvando mu-

dança no rapaz ou n'ella; que eu, se ella escolher melhor, á mão não lhe vou; porém melhor não sei onde; isto é, melhor de sangue e bons dotes de espirito; que, no patrimonio, o que elle tem é o decimo, se for, do que ella ha-de herdar, embora eu perdesse a demanda, questão de dignidade e honra, como vossa mercê conhece...

— Sim...

— Que, se não fosse o aggravo feito a meu avô, legitimo possessor do vinculo de Ruivães e fóros, eu despresava o pleito e mandava n'uma salva de ouro ao primo Correia de Sá a sentença dada contra mim... Espero, porém, que...

— Ahi vem vossa mercê martellar-me com a demanda!...— atalhou risonho o chanceller — Fallava-se do casamento de sua filha, motivo para se fazerem epitalamios, e vossa mercê a tirar-me o espirito para os feitos appellados e conclusos! Ápre com a teima! Deixe-me tambem ser poeta e alegrar-me com as delicias de um casamento bem sorteado!... Dizia o meu collega na casa da supplicação, o doutor Antonio Ferreira... coitado! morreu da peste ha sete annos!... Deus o tenha á sua vista!... Dizia elle:

Não fazem damno ás musas os doutores...

E, sendo assim, tambem eu me quero aperceber e conloiar com as musas para ir estrear-me com ellas ao Minho no casamento da prima Leonor...

— Está a folgar o primo chanceller!—atalhou ridentissimo o velho.

— A folgar estou, em verdade, primo Correia; mas... ha cousas! — disse o chanceller, bamboleando a cabeça

e esfregando a mão esquerda com a direita--ha cousas...

— Então? — sobreveio o pai de Leonor, curioso de entender as suspensões do magistrado.

— Vou dizer-lhe a ideia que me anda bascolejando ha mais de um anno e que lh'a teria já expendido, se vossa mercê me não atalhasse com a noticia do resolvido casamento da priminha Leonor. Ahi vai. Tencionava pedir-lh'a...

Gonçalo de Lacerda, como o chanceller se detivesse, assoando-se com o vagar e trombetear proprio de seu nariz grande e grave, entendeu que o pedido da filha era para elle, e o mesmo foi abrir a bocca, esbugalhar os olhos e espantar-se.

Pedro Esteves riu-se atraz do lenço e continuou:

— Tencionava pedir-lh'a para meu sobrinho João...

O fidalgo de Roboredo não pôde ter-se que não sahisse logo com a resposta:

— Deus nos livre!...

— Das penas do inferno!— ajuntou jovialmente o chanceller-mór do reino; e, compondo o aspeito, proseguiu:— Deus nos livre!... Pois quê! tão desigual em sangue e bens de fortuna seria o casamento!... Em sangue são tão primos, que suas tetravós eram irmãs; em haveres, o morgadio de Pouve, se não emparelha o de Roboredo...

— Não é isso... — atalhou Gonçalo Correia de Lacerda—não faz isso ao caso, primo Pedro Cogominho... A duvida está no genio de seu sobrinho, que me não quadra, e no intento de Leonor ao primo de Ninães.

— Ah! sim, isso é outra cousa. De accordo. Guarde-me Deus de pôr mão no sagrado das vontades e dos

corações! O que está gizado por ella e por vossa mercê faça-se. Disse-lhe isto em palestra; longe de mim o pensamento de revirar os seus intentos, primo. Acredite-me...

— Pois sim, eu entendo o que é...

— Mas que repugnancia tão de salto vossa mercê mostrou!...—volveu o chanceller—Pelos modos, muitissimo indigno se lhe figura meu sobrinho!...

— Não tanto assim, primo...

— Qual... *Deus nos livre!*... clamou o primo Correia, como quem dissesse: a *minha filha não lh'a dava eu!*... Porquê? Os vicios de meu sobrinho? *Rapaziadas*, disse vossa mercê, *rapaziadas*... E quem as não tem? qual de nós as não teve? Rapaziadas sem desdouro de avós nem de netos, na quadra propria d'ellas, antes isso, antes quero que as elle tenha para depois de marido e pai as não praticar. Meu sobrinho tem vinte e dous annos, creou-se na côrte, faz pontaria a grandezas, e folga de galear e dar nas vistas. Eis o defeito que lhe notamos: quem acoimar de crime ou sequer vicio esta doudice innocente, calumnia o rapaz. Gasta mais do que deve? Elle o poupará. Dispende-se em luzimentos que nada prestam aos seus creditos de fidalgo e sisudo? Herdou com o sangue esse desvanecimento. Já bisavô, avô e pai foram muito apontados em pompas de trajos, cavallerias, caçadas, corridas e torneios, attributos tocantes ás usanças de fidalgos, como vossa mercê sabe e usou, primo Correia. Não é assim?

— Assim é...— condescendeu o pai de Leonor, engulindo os argumentos com que podia provar que João Esteves era um compendio de vicios.

— De mim creio—tornou o chanceller-mór—que meu

sobrinho póde eleger esposa entre as mais nobres e melhores herdeiras do Minho.

— Quem duvída?

— Duvída o primo Correia.

— Eu!?

— Vossa mercê, duvidando acceital-o para genro.

— Eu já dei as razões...— redarguiu Gonçalo.

— Estão dadas e optimas são: não lh'as impugno. Está destinada sua filha? Basta. Deu a sua palavra. A palavra de um Correia de Lacerda é inabalavel como a rocha, mas queria eu, como tio do representante dos senhores de Pouve, que vossa mercê me houvesse dito que a não estar Leonor promettida, meu sobrinho poderia considerar-se digno d'ella.

— Como na verdade póde... — obtemperou o velho, desconfiado e assustado do tom e gesto do chanceller.

— Bem — concluiu Pedro Cogominho, cortando o dialogo.—Estou satisfeito da sua condescendencia. Vou-me á minha escrivaninha, que são horas. O primo vá visitar os parentes,que não sabem da sua vinda, se não prefere antes repousar-se da fadiga da jornada. E até depois...

III

Dous homens que a si se definem

Cuidadoso da filha e da casa, o senhor de Farelães deixou a côrte ao sexto dia, entregando a sua honra e proveito no zêlo do chanceller, que era sacco onde cabiam as duas cousas.

Saudou Leonor com jubilosas caricias a chegada do pai. Acabára-se-lhe a reclusão. Já ella podia ver o primo Ruy, se é que o não tinha visto passar nas lombas das serras açulando a matilha dos podengos ou desfilar encavalgado pelas clareiras dos pinhaes circumvisinhos.

Admirou-se Gonçalo Correia de ser visitado pelo morgado de Pouve apenas chegou; e admirou-se ainda mais e peior humorado, quando o viu outra vez, passados dous dias, apear no pateo de sua casa e ir sentar-se á beira de sua filha debaixo do façanhoso carvalho, cuja corpulencia anda já celebrada nas chronicas e corographias (1).

---

(1) Veja frei Luiz de Souza, na *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º cap. XIV, e Carvalho na *Corographia*, tom. 1.º, pag. 329.

Deu-se pressa em descer ao pateo o velho.

João Cogominho, mui senhor de si e desenvoltamente cortezão, sahiu ao encontro do primo, abraçou-o, disse-lhe muitas e requintadas finezas em gabação da prima Leonor, e terminou entregando-lhe uma carta de seu tio chanceller-mór do reino.

Gonçalo Correia mandou abrir a sala vaga, como então se chamava á sala que hoje dizemos de visita. Era aquella em que o leitor póde ainda agora entrar, acautellando-se de uns abysmos abertos no taboado, que facilmente o podem engulir e estripar nos paus dos bois, que ruminam nas córtes.

E' esta sala artezoada, apainelada, recamada de laçarias e grinaldas, mirificamente lavradas e douradas em madeira, magnificencia superior a quanto lhe podem deparar casas antigas n'estas provincias do norte. Que esplendores não dardejaria todo aquelle ouro por sobre as colgaduras e guadamecins das paredes, n'aquelle anno de 1576, se hoje ainda se vão os olhos nos primorosos, bem que desbotados, lavores da sala vaga do senhor de Roboredo!

Entrado á dourada estancia e sentado no alto tamborete carmezinado, João Esteves Cogominho esperou que o primo lêsse a carta do chanceller, enfiando, no emtanto, os olhos pelos resquicios da porta almofadada a vêr se lobrigava fóra a encantadora e muda Leonor: muda, como elle quasi a suspeitava, porque a prima, em bom quarto de hora, escassamente lhe dissera que a arvore, de que o primo fazia grandes espantos, consoante o dizer de seu pai, tinha duzentos annos; e ajuntou que, tendo ella cinco, se lembrava de ter visto o arcebispo de Braga D. frei Bartholomeu dos Martyres a

visitar a freguezia sentado no vão do tronco da arvore e lhe perguntára lá dentro a doutrina christã (1).

Gonçalo de Lacerda lêra agitadamente a carta do doutor Cogominho. Dobrou-a á pressa e disse mal assombrado ao hospede:

— Fica entregue, primo. Escrevo a seu tio ámanhã.

O morgado de Pouve, quasi despedido, sahiu pasmado da brutidão do senhor de Farelães, e disse ao tio que o primo Correia era um selvagem a competir em grossura de casca e entendimento com o carvalho que tinha no pateo.

O chanceller azedou-se d'este juizo.

Em carta ao sobrinho lhe havia recommendado que examinasse o ar com que o recebiam o velho de Roboredo e a filha.

De Leonor dizia João Esteves Cogominho que apenas ficára sabendo, por lh'o dizer ella, que aos cinco annos fôra examinada em doutrina christã pelo arcebispo, dentro do ôco da arvore: — o que fazia suppor que sua prima era tão boçal quanto bonita.

---

(1) ...«Arvore de tão desmesurada grandeza, que dentro no tronco, que da muita antiguidade tinha aberto e ôco, se armou uma meza e o arcebispo se assentou a ella em uma cadeira, e por memoria no mesmo sitio e assento visitou a freguezia, e tinha tambem lugar dentro a testemunha que vinha dizer seu dito.» Deve de ser filho do outro o carvalho que hoje braceja admiravelmente no lugar do já extincto. A ramada póde cobrir trezentas pessoas. Rodeia-lhe e defende o carcomido tronco um antemural de cantaria grossa. Esta geração de carvalhos provavelmente deu ao local o nome de *Roboredo*. Pertence hoje a casa ao snr. marquez de Monfalim, como casado com a snr.ª marqueza de Terena, representante dos senhores de Farelães.

A carta do chanceller sobreagitou dolorosamente o fidalgo. Escrevia o velhaco doutor duvidando do exito do litigio sobre a justiça da possessão do vinculo e fóros de Ruivães, segundo a explanação clara que alguns ministros do paço lhe tinham feito do processo, quando elle fôra sem delongas prevenil-os do seu fervoroso empenho. Acrescentava o doutor, em recrescente pavor do velho, que pessoas fidedignas e valídas de Salvador Correia de Sá lhe tinham segredado que, vencido o pleito, ia o author victorioso instaurar-lhe o outro de reivindicação de muitas quintas indevidamente possuidas ha cem annos, fundando a demanda n'uma successa illegitima e incestuosa entre primos co-irmãos.

De feito, na menoridade de Gonçalo Correia, seu pai conseguira atabafar e sumir, á custa de avultosas quantias, um pleito vilipendioso. Cuidava o fidalgo de Roboredo que os desaires de familia não voltariam a lume, e já nem d'isso o inquietavam lembranças até ao momento em que o chanceller lhe poz diante dos olhos os dous phantasmas da pobreza e da ignominia.

Está de sobejo explicado o terror do velho e mais que muito ás claras a cavillação do chanceller.

Gonçalo Correia, respondendo ao doutor, enviou-se todo ao valimento e compaixão d'elle em termos tão supplices e abatidos, que ninguem diria ir n'aquella carta o espirito do fidalgo que se gloriava de poder mandar ao contendor a sua sentença em taça de ouro.

O chanceller redarguiu-lhe com promessa dos possiveis esforços; receiava, porém, de se vêr fraudado nos seus ardentes desejos de o remir não só da quasi pobreza, que tambem do superabundante vilipendio cuspido nas cinzas de sua terceira avó.

Andados alguns dias, o advogado da causa, sujeito muito da privança do chanceller-mór, escreveu ao seu nobre constituinte, pedindo-lhe que fosse a Lisboa, sem detença, a fim de pactuarem o extremo expediente de salvar-se a casa de Farelães, Roboredo e as demais ameaçadas por futuras contendas.

Gonçalo Correia sahiu na mesma hora, dizendo á filha com os olhos em agua:

— Vou vêr se salvamos a nossa casa. Reza sempre e pede a Deus que se remedeie uma grande desgraça que nos está imminente!...

Foi.

E Leonor, bem que excellente filha, não rezou sempre, em conformidade com o pai. D'aquella torre quadrilatera que se ergue de um angulo do palacete, chamada então «casa-forte», — por ser alli o refugio das preciosidades no assalto de fogo ou ladrões — por alta noute conversava ella com Ruy Gomes de Azevedo. Não se cuide que a menina se afortelezava na torre, defendendo-se do moço como de incendio ou de salteadores. Não. A innocencia genuina rende-se; não sabe defender-se. O moço é que era a pureza e estreme honra. Leonor ia d'alli fallar-lhe, porque a estrada passava subjacente á casa forte, e elle não ousava saltar os muros e ouvil-a de outra janella.

Contava-lhe a temerosa menina as palavras afflictivas do pai, no lanço de abraçal-a e partir. Ruy, no intento de consolal-a, dizia-lhe que não receiasse a pobreza; porque, em poucos annos, remiria elle a casa de sua mãe e teria que farte para o decente passadio de numerosa familia. Leonor consolava-se mediocremente. O perdimento da sua primazia entre as mais ricas herdeiras do

Minho incommodava-lhe o *eu* cogitativo, que raro se bandeia nas chimeras do *eu* amorativo. Ruy é que era a excepção dos dous *eus* identificados. Era o louco sublime, o idiota do céu, o abnegativo anjo que se sentia mais amante, ao compasso que a amada mais se amiserava.

Referiu elle á mãe o caso, os sustos de Leonor e as palavras do primo Correia.

D. Thereza disse:

— Melhor seria que Leonor fosse rica; mas, se empobrecer, não terá em nossa casa saudades da meza abundante do pai.

E ajuntava:

— Meu filho, ainda que o primo Correia perdesse as quintas, para ser rico lhe basta o dinheiro que herdou e augmentou. Ouvi dizer a teu pai que ha um quarto na casa-forte de Roboredo especado com traves de ferro e cheio de arcas de moedas de ouro. Deixa-o chorar-se; que elle é capaz de chorar porque não é seu todo o mundo.

— Se elle assim fosse ambicioso, — observou Ruy — não dava a filha a marido com uma casa tão pequena como esta...

— Filho — replicou a mãe — escuta-me e cala-te. A maior parte do que tem, senão tudo que tem Gonçalo Correia de Lacerda, devia ser teu, porque tudo era de minha bisavó D. Maria de Figueirôa. Houve ha oitenta annos um grande crime e um grande roubo, mas Deus perdôe aos criminosos, que eu, ainda que estivesse ás sopas de parentes, não lhes tolhia a salvação. Quem nos diz a nós que o velho sabe tudo e quer restituir?! Sabêl-o, sabe-o elle. Ha muitos annos que outros parentes nossos de Lisboa quizeram demandal-o com o

consentimento de meu avô. Não sei no que parou isso. Póde ser que o inquietem novamente agora com demandas... Eu por mim não assigno papel nenhum...

— Nem pensar n'isso, minha mãe!—atalhou Ruy Gomes de Azevedo—Antes o pão de esmola!...

Foi cortado o dialogo por um tropel de cavallos á portaria de Ninães.

Era João Esteves Cogominho e seus quatro lacaios.

— Primo Azevedo! — chamou o morgado de Pouve.

Ruy observou á mãe:

— Nunca nos visitou!...

— Vai recebêl-o, filho — disse D. Thereza—E' muito teu proximo parente.

— Sei que elle tem ido a Roboredo... — tornou o moço.

— Que monta isso? Tão parente é de Ninães como de Roboredo.

João Esteves estava já no patim, dizendo comsigo:

— Este bruto dá pela barba do outro de Roboredo!... Isto é um mattagal de lobos e meninas que trezandam ao rapozinho!

Observações perdoaveis n'um mancebo requestado pelas damas da rainha D. Catharina.

Abriu Ruy as portadas do sobrado em que o morgado de Pouve entrou olhando a um lado e outro a sala em que hospedava suas visitas o senhor de Ninães.

— Que viver este de cabaneiros! — dizia entre si o sobrinho do chanceller como anojado de vêr montes de milho e feijões, rimas de aboboras e cebolas de envolta com tamboretes de Moscovia, e contadores lavrados com atauxias de cobre e prata.

Ruy não pediu venia da desordem da sua sala: che-

gou-lhe o mais alto tamborete, e dispoz-se a receber a visita com uma seriedade e apostura tão ceremoniosa, que o de Pouve esteve a espirrar de riso, combinando a cortezania com o local, a rima das cebolas ao lado do canhestro palaciano.

— Maravilha-te a visita, primo Ruy?—disse o Cogominho.

— Estimo-a muito... Ha mais de anno que não te vi.

— Tenho estado por Barcellos. Vive-se por lá regaladamente. As primas Pinheiros e as primas Gran-Magriços são a flôr do Minho. Bailam, fazem entremezes, merendas, caçadas, pescarias e cavalhadas que é um fugir alegremente o tempo! Tu que fazes, Ruy? Ninguem te arranca d'este bravio?

— Vivo com minha mãe e cuido da lavoura.

— Ah! tu és lavrador!? Ora no que tu déste!

— Nunca fui outra cousa...

— Pois sahe da lura; mostra-te, que és um rapaz bem figurado; e tracta-te como homem de tua estôfa. Vai-se-te a mocidade a vêr os bois a tozar nas veigas!... Tens cavallos bons?

— Tenho um cavallo velho, que me leva...

— Faz-te um grande favor!... — acudiu João Esteves sorrindo — Mau seria que elle quizesse ser levado!... Eu tenho seis... Estão nas minhas cavallariças, mas são teus quando os quizeres.

— Mercês. Não sou picador que me affoute a medir a minha destreza com a valentia dos teus cavallos.

— Então que aprendeste, Ruy? Jogas as armas?

— Não.

— Não?! Que filho de guerreiro, e bravo guerreiro de

Mazagão! Nem o ver a espada, a lança e o escudo de teu pai te movem?

— Movem á compaixão d'elle, que malbaratou o tempo e o sangue! Minha mãe mandou fazer foucinhas das espadas de meu pai, e fez bem.

— Que blasphemia! — atalhou João Esteves Cogominho — Tens ouvido dizer que el-rei planeia grandes batalhas sobre Africa?

— Não. Aqui não chegam novas da côrte. O que me disseram, vai em quatro annos, foi a perdição das naus que vararam no Tejo em guerra com a tempestade.

— Eu estava embarcado para a empreza.

— Qual empreza?

— Não sei. El-rei mandou.

— Que mandou sei eu. Cá me chegou a carta de el-rei. (1)

— E não te moveste?

— Não. Minha mãe é para mim a patria. Ella não me quer soldado.

— Nem que te chamem para a segunda jornada de Africa?

---

(1) Veja na *Historia Sebastica*, pag. 233, a carta que D. Sebastião escreveu aos morgados, pedindo-lhes coadjuvação para rebater uma sonhada invasão de quinze mil francezes por mar. D. Sebastião começou e acabou, sonhando, o seu reinado. Os aprestos francezes de que o visionario e infeliz invencioneiro se temia dispararam na morte de trinta mil hugonotes nas chamadas «Matinas de S. Bartholomeu. Veja na citada *Historia Sebastica* como D. Sebastião escreveu a el-rei de França *louvando e levantando sobre as estrellas a santa mortandade executada nos hugonotes*.

— E tu foste á primeira do anno passado?—perguntou ironicamente Ruy de Azevedo.

— Não fui porque estava amaleitado, mas hei de ir á segunda; e quem não for é mau vassallo.

— Antes isso que mau filho! — disse Ruy, fatigado dos ares e gestos farfantes de seu primo, acompanhados do tom de censura ao seu pacifico genio.

— Bom!—volveu o de Pouve, embaraçado pela concisão e seriedade de Ruy—Estudas? gostas de ler?

— Estudei até aos quinze annos.

— Em Coimbra?

— Não: no mosteiro de Landim com meu tio D. Jorge de Azevedo.

— Mas não queres ser frade...

— Não: quero ser isto: lavrador.

— Fiz-te uma lerda pergunta agora!... Já me soou que te casavas com a prima Leonor de Roboredo. E' verdade?

Ruy Gomes quedou-se mudo como se o repentino da pergunta o atordoasse. D'este enleio passou subitamente ao azedume. Parecera-lhe audaz a pergunta. Avincou-se-lhe a testa e secaram-se-lhe os beiços.

— Enfadou-te a pergunta?!...—acudiu João Esteves.

— Que me faz isso? — respondeu prompto o de Ninães, contrafazendo o rosto em jovial.

— Pensei que te offendera... Isto é sabido e soado. Disse-te o que se diz. Se é verdade, dou-te os profalças; se não é, a mentira não te mareia o nome. Estive em Roboredo, ha tempo. Achei-a bonita. Pena é que esteja assim a modo de montezinha...

— Está bem!—atalhou Ruy.

— Não está mal para dama aldeã; mas, se fôr á côr-

te, mettem-na a riso. O pai devia fazer o que fazem os outros da sua plana: mandal-a policiar, lapidar... Não vens n'isso, primo Azevedo?

— Não entro nos deveres do pai da sr.ª D. Leonor, minha prima.

— Homem! estás agastadiço! — exclamou o morgado de Pouve, despeitado com os modos incivis do primo.

— E' geito meu... são os habitos de serrano... — disse placidamente Ruy Gomes.

— Então compõe-te, moço; desembuça-te d'esse sombrio capuz de cavalleiro nocturno! Está a gente a fallar-te como rapaz e tu dás a crer que praticas nos dormitorios de Landim com os conegos de Santo Agostinho!

— Que queres, pois, de mim?— volveu Ruy, forcejando em sorrir.

— Fallar. Conviver comtigo. Tirar-te d'este rustico mister de abegão... Vamos ao ponto: é certo o que me disseram? ... Andas namorado de Leonor?

— Ahi está uma pergunta...—disse Ruy, dissimulando a custo o desabrimento que lhe refervia no sangue.

— Que tem a pergunta?

— Que só minha mãe tem direito de fazer-me.

— A fé!—exclamou João Esteves—Não toparam meus olhos ainda nem donzel nem donzella tão melindrada como este Ruy!... Vá feito! Nem palavra mais que te agaste, meu primo. Mas do primo Gonçalo de Lacerda, se eu disser alguma cousa, vai n'isso dissabor para ti?

— Fio de que não dirás mal de um tão nosso parente.

— Não. O que digo é que o homem corre perigo de ficar pobre. Leva perdida uma demanda em que se lhe vai muito e não tarda a ser assaltado de outras em que tudo se lhe irá.

— Pena é, se iniquamente lh'o levarem — disse quietamente Ruy.

— Iniquamente, não. Meu tio chanceller-mór é patrono d'elle, e não basta. A justiça dos primos Correias de Sá é clara e inapellavel. Pobre fica elle...

— Se assim acontecer, — volveu o de Ninães — sobram-lhe abastados parentes que o recolham e se honrem de tão illustre hospede. Pouco valho eu; e me não commine Deus maior pena que prestar-lhe o que tenho.

— Principalmente se a prima Leonor tiver metade do teu morgadio...

— Sem isso.

— Guapo coração!... Vejo que nada te vai em ser rico, primo Ruy!...

— Nada. Os meus thesouros é isto que vês. Umas rimas de cebolas, uns alqueires de milho...

— Pareces romano!... — interrompeu com malicioso riso o sobrinho do chanceller.

— Portuguez, sequer, e muito é já sêl-o da casta de nossos avós, que por aqui se remiram com estes mesmos thesouros e perderam a paz d'esta rude abundancia quando a trocaram pela gloria da India. Repara n'estas grossas e nuas paredes. Sabes que homens aqui viveram? Os filhos e netos dos que largavam a lança e vinham pegar-se ao arado. Elles ganhavam o torrão que lavravam; e nossos paes ganhavam cidades distantes a milhares de leguas, arrazavam-nas a fogo, reedificavam-nas sobre ossadas portuguezas e lá as teem até que o ventar da fortuna esquerda as derrube.

— Toada de Jeremias! — interrompeu João Esteves — Dás em propheta, Ruy!... Olha o tio D. prior de Lan-

dim como te desvairou a razão!... Queres de mim algum serviço? Vou espairecer da tristeza que me pegaste!...

— Pois vai e alegra-te, primo.

— Adeus.

IV

Victoria do velhaco

Deprehende-se do enfadoso dialogo do capitulo anterior que João Esteves, insinuado pelo tio, compulsava os obstaculos impeditivos ao casamento. Se o morgado de Pouve foi, como é bem de ver, a Ninães medir a corpulencia e brios do émulo com quem havia de têl-as, o exame não o deixou satisfeito. Ruy Gomes de Azevedo pareceu-lhe duro de brios asselvajados, parco de palavras e capaz de obras atrevidas. Presumira-o lerdo e montez de entendimento: ao revez, o lavrador sahira-lhe expedito e lustroso na palavra, como se a tivesse aprendido no tracto dos sabios qne pejavam as salas do chanceller-mór do reino.

Descontente, mas não desanimado, João Esteves informou o doutor, encarecendo-lhe a condição de Ruy Gomes para que o chanceller se não ativesse tão sómente ao alvedrio de Gonçalo Correia. O de Pouve, confidenciando com o tio, confessava-se diminuto para

a lucta, se o necessitassem ás ultimas. Nada de bazofias, bem que não tivesse melhores armas e as jogasse todas. E tanto mais é para admirar a ingenua confissão do moço quanto fortes as razões que o compelliam a conquistar a noiva e os pingues senhorios de Roboredo: uma, o amor, o querêl-a, o dizer em si que mais formosa a não podia desejar; outra razão, o ir-se-lhe a casa em pouços annos ás mãos de crédores, por entre as mãos dissolutas do vicio, das galas, das prodigalidades. Pois, com tudo isto, pôde elle, n'um lucido quarto de hora, considerar-se e temer-se do pacifico filho da senhora que mandara desfazer em foucinhas as espadas de marido e avós.

Entretanto, o jurisconsulto advogado de Gonçalo Correia, expostos em miudos os termos da causa appellada e mui em perigo de naufragio no desembargo do paço, dizia, em Lisboa, ao constituinte lavado em lagrimas, como poderia choral-as o homem de infimo lote:

— Vossa mercê, snr. Gonçalo Correia de Lacerda, valha-se de seu primo chanceller. Se lhe elle não acudir, estamos cahidos!

— Pois não é elle o meu patrono? Não lh'o tenho eu dito, doutor?

— Disse; vossa mercê já m'o disse; mas não me convenceu do zelo, vontade de ferro e decisão do snr. doutor Pedro Esteves.

— Aqui tenho as cartas d'elle... — disse Gonçalo Correia, escolhendo-as na carteira.

— Cartas são papeis. Queremos obras; que palavras ditas ou escriptas não reformam leis. Queremos que o chanceller-mór do reino entre á meza dos desembargadores e diga: «Olá! isto ha-de fazer-se assim! As or-

denações dizem que este caso é preto? Nós, os ministros e legisladores, e interpretes das Pandectas e Decretaes, dizemos que este caso é branco, embora parecesse ás justiças de Barcellos e ás da Relação do Porto que era preto o caso». O snr. chanceller é capaz de fazer isto? E'; mas... franqueza e lealdade!... não no faz. E, se o não faz, foi-se tudo! Abysmo chama abysmo. Perdida uma, perdem-se todas as causas. Esta é a verdade.

— Assim...—tartamudeou Gonçalo Correia de commovido e afogado por soluços—assim... vai-se-me a minha casa!

O jurisperito deu aos hombros, apiedando os olhos e mostrando a ponta da lingua, que era tambem signal de consternação.

— Será bom—tornou o velho—que me eu vá lançar aos pés de meu primo chanceller...

— Não, senhor!—clamou o doutor com soberbo entôno — Humilhações não as aconselho aos meus constituintes, maiormente se elles se appellidam Correias e Lacerdas!... Não, senhor!... Espere vossa mercê. Deixe-me pensar... Um raio de luz me aqueceu a cabeça n'este momento!...

Volteou alguns giros na casa o doutor. Gonçalo Correia, fitos n'elle os olhos embaciados, parecia procurar-lhe na cabeça o inculcado raio de luz. Quedou-se de subito o lettrado, como se a ideia lhe saltasse sob o calor fecundante do luminoso hospede, e disse:

— Senhor, vossa mercê tem uma filha.

— Tenho.

— Unica e solteira.

— Sim.

— E o chanceller tem um sobrinho.

— Tem.

— Ahi vai a palavra salvadora: case-os. Traspasse ao sobrinho do chanceller o proveito do vencimento das causas: estão ganhadas uma e todas.

— Mas...—balbuciou o velho—Minha filha... está promettida...

— Está solteira—atalhou de pancada o jurisconsulto. — Nada de pannos quentes! E' uma grande casa e a honra de seus possuidores que se salva. Vossa mercê é pai com a razão clara: não se victime aos amores pueris de sua filha...

— Fui eu que dei palavra...

— Tire-a, reforme-a, que respeitaveis causas o absolvem! Snr. Gonçalo Correia de Lacerda, esta casta de conselhos não está na esphera do jurisconsulto, mas eu abalancei-me a dar-lh'os, porque não sou mero advogado, sou tambem affectivo amigo de vossa mercê. Case-os, case-os. Não se abata com supplicas. Vá de rosto alto a casa do chanceller; não lhe toque no assumpto dos pleitos; fuja d'isso; entre risonho á presença d'elle e diga-lhe: «Convem que seu sobrinho case com minha filha».

— Pobres moços!... — murmurou Gonçalo Correia, lembrando-se associadamente de Leonor e Ruy—Desgraçada filha!...

— Desgraçada!—replicou o lettrado—Porquê? O sobrinho do chanceller ganhou na côrte fama de cavalleiro, de cortezão e bem posto fidalgo para se ter réz com réz na linha dos primeiros de Portugal! Não é elle do mesmo sangue dos antigos barões e gentis-homens de Farelães? Não vi eu, no estudo da arvore de vossa mer-

cê, que o vinculo de Pouve foi fundação de um adail da casa de Farelães, e que os communs avós do snr. Gonçalo Correia e do snr. chanceller eram primos co-irmãos?

— E' verdade...

— Pois se é... que ha ahi para lastimar sua filha?

— Elle... um dissipador!... vicioso!...

— Tudo isso quebram as sacratissimas palavras do sacramento do matrimonio, snr. Gonçalo Correia. E' agua na fervura a subitanea mudança que fazem os homens empestados de liberdade, quando se casam...

Levantou-se o velho, abordoou-se á alta bengala de castão de osso e disse:

— Vá!

— E' a salvação, fidalgo!—exclamou fervoroso o doutor— E' o tranquillo acabar da sua honrada existencia! E' o esmagar inimigos que o quérem desbalisar! E' o ter em Portugal o mais prestimoso amigo, a mais vigilante e sagacissima atalaia dos seus haveres... Quem? O chanceller-mór do reino!... Abrace-me e diga que este conselho vale o que não se remunera com dinheiro! vale a posse quieta de sua casa e o transmittil-a a seus netos sem taxa de deshonra, do opprobrio com que lh'a queriam extorquir!

O aviso do jurisconsulto em casa do chanceller precedeu a chegada do tardo e pensativo Gonçalo Correia. Já Pedro Esteves, em duas palavras do seu servo, decifrára a victoria ganhada por astucia e se dava os emboras de tão ardilosa traça. Amor proprio do villão; que a infamia nada tinha de engenhosa. Foi aquilo um illaquear um velho timorato, ignorante e cubiçoso dos seus

haveres, e zelador do nome honrado de alguns punhados de cinzas.

Avisado de ser procurado por seu primo Correia, sahiu o chanceller a recebêl-o ao mainel da primeira escada.

— Em Lisboa outra vez?!—disse o doutor—Não podia avisar-me pelo correio para eu lhe mandar a minha liteira a Sacavem?

— Não quiz apurar a sua paciencia em aturar-me... Vim vindo devagar nos velhos machos, que pouco mais podem que o dono.

Gonçalo fazia-se força para dissimular o tôrvo animo com que entrava.

— A bagagem?—perguntou o chanceller.

— Vim escoteiro; pequena trouxa enfardelei... Está na estalagem.

— Em qual?

— N'uma ahi para Santo Antão. Deixal-a estar, que poucas horas estarei por Lisboa.

— Veio por causa da sua demanda?— tornou Pedro Esteves—Ora, se veio!

— Não, snr. primo. A demanda lá está em mão de rectos juizes e debaixo da mão omnipotente de vossa mercê. Já o primo Cogominho me preveniu para o mau despacho. Estou apercebido de valor. Não me ha-de o golpe derribar. Vá-se tudo que meus paes me deixaram; vá-se tudo nas boas horas; que eu, primo chanceller, tenho ouro com que possa recomprar as quintas e fazer de ouro os padrões das Honras (1) de algumas.

---

(1) Estes padrões, ou columnas de pedra, significativas de *couto*, ainda agora se conservam em muitas quintas. Especialmente na da quinta de Pereira de Esmeriz, pertencente ao

Que falsidade de animo! que jactancia! O velhacaz do chanceller ria-se por dentro e cortinava o nariz-charamella com o lenço para se lhe não ver o riso fóra.

— Folgo de o ver assim coraçudo, primo! — disse o Cogominho — Homens de boa laia e tempera são assim! A honra vem ao de cima do mar tempestuoso em que se afundam os bens da fortuna. Pensão é do ouro maldito ser elle o primeiro que se abysma em virtude do seu peso. O homem de bem, quanto mais leveiro do *louro metal*, como diz o pobre do Luiz de Camões, que por ahi anda a passear por Valverde a sua fome do tal metal louro... dizia eu que o homem de bem, quanto mais leveiro de ouro, mais desimpedidas azas bate no caminho da bem aventurança, cujas portas são mais apertadas para o rico do que o fundo de uma agulha para um camello, como disse o Divino Mestre. Pobre que vossa mercê ficasse...

— Não fico pobre... — interrompeu Gonçalo Correia. — Já disse a vossa mercê que tenho em moeda valor excedente ao das terras e fóros.

— Deve ser muito!... Pois, parabens, primo Correia. Exulto com essa nova! Pula-me o coração de alegria! Salvador Correia de Sá não se ha-de regozijar de o ver em angustias!... Então que outras causas o trazem á côrte?

— Causas festivas, primo...

---

snr. Antonio Pereira Coutinho, li: *Quem pozer a mão n'esta columna não poderá ser preso.* A casa actual d'esta quinta, vizinha do rio Ave, ergueu-se, ao que se presume das genealogias, sobre as ruinas do solar dos Pereiras, ascendentes de D. Nunalvares.

— Oh! quanto me rejubila o peito!... Abra-se, primo e amigo, quanto antes! Não me retarde o prazer de...

— Ahi vai... E' prazer commum... Vi e tractei de perto o primo João Cogominho. Agradei-me d'elle. Mudei de ideias... Emfim, quero-o para esposo de minha filha.

O chanceller levantou-se de pulo com os braços abertos, cresceu sobre o velho e clamou:

— Dê cá esse peito, primo! Se me trouxesse a nova de... que sei eu!... da resurreição do pai de meu sobrinho, não me dava alegria tamanha! E quer vossa mercê a prova summa do meu desprendimento e abnegação n'este consorcio? Eu lh'a dou clara como a luz que nos allumia! clarissima! Dou-lhe meu sobrinho e herdeiro na occasião em que os haveres da prima Leonor são ameaçados de derrota inteira! Que mais lhe direi eu? Sinto que vossa mercê ainda fique abastado, perdidos os pleitos! Veja até onde se estende a minha abnegação! Eu queria que o primo Correia entrasse com sua filha na casa de Pouve e meu sobrinho lhe dissesse: «Pai! aqui tem dous filhos na sua casa! Pai! faça como seu d'aquillo que não é nosso, em quanto Deus o não chamar ás eternas riquezas da patria celestial!»

Gonçalo estava commovido a lagrimas. Fizeram-lhe bem, acorçoaram-no as phrases declamativas do trapaceiro. Já se lhe figurava bom e vantajoso o casamento, visto por todos os lados, resalvando o lado da qualidade do genro.

Desabafou d'esta oppressão o velho, murmurando:

— E tomará elle caminho? Comporemos nós aquella cabeça?

— Se compomos!... —acudiu o chanceller— O concerto principia desde que eu lhe disser: «Moço, tu vaes ser genro de Gonçalo Correia de Lacerda. Repara no encargo que acceitas. Uma filha d'este honrado varão é um deposito sagrado...» Sabe que mais, primo? Vou a Pouve. Ha dez annos que lá não fui para não ver a imagem de meu irmão. Agora vou; vou assistir ás bodas da prima e já minha muito querida sobrinha Leonor. Vou ler a cartilha dos deveres a meu sobrinho e dizer-lhe: «Á primeira lagrima que tua mulher chorar, ao primeiro desgosto de que teu sogro se queixe, aqui estou á tua beira!» Que mais quer?

— Mais nada, senão... que olhe pela casa d'elles, que se empenhe em lhes segurar os bens que lhes querem iniquamente extorquir!

— Primo Gonçalo! — exclamou o chanceller, batendo o pé no chão — Primo Gonçalo! Hei-de dar voltas no inferno!... O que eu não fizer, não o fará el-rei!... Mas, se decahirmos, não se aterre...

— Não... eu estou socegado... porém a honra de meus netos... o processo affrontoso que vai enlodar as cinzas de minha bisavó!...

— Descance!... Em que tempo se ha-de celebrar o casamento? A prima já sabe?

— Não sabe... Vai sabêl-o...

— Mas se ella, captiva do tal Ruy de Azevedo, repugna...

— E' minha filha!...

— Boa palavra! E' sua filha!... E elle, o primo de Ninães?... Desatinará?...

— Ruy Gomes é um coração excellente. Soffrerá silencioso e reportado...

— Quem sabe! Tenho informações d'elle. Consta-me que é trombudo, selvagem, e exquisito de modos e dizeres...

— Mas bom e docil. Basta que a mãe lhe diga o que eu lhe aconselhar...

— Optimo! Sim... detenho-me n'estas explicações, porque não quero que João Esteves ande em testilhas com elle. Muito bem sabe o primo o que são e no que desfecham odios de familias, notavelmente no sertão do Minho, onde não ha rei que valha nem justiça que entre...

— Socegue, primo, que eu fico pela prudencia de Ruy Gomes de Azevedo.

— N'esse caso — tornou o chanceller — eu estou em Pouve no proximo mez de agosto, e levo d'aqui as necessarias dispensas e licenças régias e ecclesiasticas para os noivos receberem as bençãos na capella de Pouve. Que dia! que dia tão feliz este para mim! Que enchentes de jubilo lhe devo, carissimo primo, amigo e senhor meu!

V

Como choram as mães

Nos ultimos dias de julho de 1576, D. Thereza Figueirôa mandou chamar Ruy á sua camara.

O moço parou no limiar da porta, vendo-a ajoelhada diante do seu crucifixo de marfim, com as mãos postas e os olhos em Christo.

Esperou.

Ergueu-se a mãe, relançou, ultima vez, os olhos lacrimosos á imagem do Senhor e murmurou:

— Dai-me valor!...

Voltando-se, viu Ruy.

— Estavas ahi já, filho?

— Cheguei agora, minha mãe.

— Vem cá. Senta-te á minha beira... Tenho de fallar comtigo...

D. Thereza não atinava com o melhor começar. Ruy Gomes olhava compadecido em sua mãe. Via-lhe o coração lanceado. Apertou nas suas mãos as d'ella e disse:

— Sei o que vai contar-me...

— Sabes?!

— O primo Gonçalo fallou-lhe hontem. Quer casar a filha com o de Pouve...

— A tua serenidade, filho!—exclamou a mãe com alegre vehemencia—Deus fez-me o milagre!...

— Qual?

— O da tua paciencia... Não choras...

— Homens não choram... A minha obrigação é defendêl-a a ella, á pobre Leonor, de chorar. Mal nos iria, se esmorecessemos ambos...

— E ella não quer o de Pouve?—perguntou D. Thereza admirada.

— Não, senhora.

— Outra cousa me disse o pae...

— Que lhe disse?—acudiu Ruy agitado.

— Que ella conformava com a terrivel precisão de ganhar as demandas.

O moço fez breve pausa, meditando, e disse com energia:

— Gonçalo Correia enganou minha mãe! Leonor não me mentia!... O que me ella disse foi que o pae, na volta da côrte, lhe tecêra louvores e gabos do sobrinho do chanceller; e ao mesmo tempo expozera os perigos de se ir a pique tudo quanto possuiam, se ella não acceitasse como esposo o morgado de Pouve. Leonor chorou, e Gonçalo Correia ordenou-lhe obediencia de filha e nada de lastimas. E' o que sei. Minha mãe que sabe?

— O que me disse o primo Correia: que Leonor não contradisse o pae, conhecendo que a sua condescendencia era salvar-se a casa, o velho e a honra de seus maiores. *A honra de seus maiores!...*—repetiu a dama, levantando os olhos para a cruz.

— Sendo assim, que quer Gonçalo Correia?

— Que te não apaixones...

— Se o caso é verdadeiro...— atalhou elle, sorrindo amargamente—se Leonor de tão boamente annuiu, não devo, em verdade, apaixonar-me nem carecer de que m'o aconselhem... Para vil bastaria ella!...

— Ainda bem que o entendes assim, meu filho...

— Mas não é assim, mãe! Gonçalo Correia calumniou Leonor!—insistiu calorosamente Ruy Gomes—Eu vi-a chorar...

— Viste?

— E ouvia-a pedir-me que a não desamparasse...

— Então...—conveio D. Thereza—o primo enganou-me!... E que resolves fazer? Vaes romper em brigas com João Esteves?

— Não, senhora. Espero que elle rompa contra mim.

— Tudo é um...—clamou a senhora affligida—Temos desgraças!...

— Não as prevejo, minha mãe; mas, se vierem, deixe-me ser homem. Meu pai chamava-se Vasco de Azevedo e meu avô materno Heitor de Lacerda Figueirôa.

— Attende-me, filho!—disse D. Thereza—Valei-me, senhor meu Redemptor!—exclamou, pondo as mãos e fitando os olhos em Christo—Filho, tu és a minha vida!... Ampara tua mãe e deixa Leonor! Guarda para mim a tua mocidade, a paz de tua alma, o bom coração que Deus e eu te formamos! Deixa casar Leonor; não os empeças, desvia-te d'ella e de João Esteves!... Escutas-me, filho da minha alma?

— Sim, escuto-a, como a Deus!—volveu Ruy—Mas hei-de eu deixal-a sem que ella me diga que a deixe?... Oh!... Minha mãe não sabe como eu amo Leonor!

Não me vê, desde os quinze annos, só d'ella, todo na esperança de a ver minha? E hei-de eu desamparal-a, quando me pede que seja por ella... eu, unico refugio que a pobre menina tem!...

— Mas se o pai t'a não dá...—objectou D. Thereza.

— Póde ella sósinha defender-se de ser immolada a um homem que abomina?... Devo defendêl-a eu!...

— Queres raptal-a?!

— Não, senhora.

— Então?... Explica-me os teus planos...

— Nenhuns tenho. Amparal-a com dignidade; defendêl-a até ao momento em que ella me diga: «Deixa-me!»

— Que desastres véem sobre nós! — clamou a mãe consternadissima; e logo irrompeu com alvoroço:—Meu filho! vai estar alguns mezes na côrte! Eu vou comtigo! Vamos ver os nossos parentes!

— Se vossa mercê m'o assim ordena, vamos. Mas... aviso-a... Perde seu filho!... Sei que morro... de amor... e de vergonha da minha covardia?

— Valha-me Christo e a Virgem do céu! — soluçou D. Thereza—Ruy! juras-me de ser prudente?

E, levantando-se de golpe, tirou da peanha um livro e disse:

— Juras-m'o sobre estas sagradas *Horas?*

— Juro ser prudente em quanto a prudencia não pudér chamar-se fraqueza.

— E has-de ouvir-me, consultar-me sempre?

— Sim, minha mãe.

— Juraste, filho?

— Pela memoria de meu pai.

— Eu te abençôo, anjo!

E lançou-lhe os braços acariciativos, beijando-o muitas vezes no rosto.

— Mãe, — disse elle — se Leonor mandar que eu lhe falle, devo ouvil-a?

— Deves; mas, se ella o faz com prohibição do pai não.

— Com a prohibição violenta? a prohibição em carcere? o encerral-a, o refreal-a com ameaças e terrores, até lhe levar o algoz do marido? Quer isto, quer este opprobrio para seu filho? Quer que eu viva depois com estacruz de vilipendio e vergonha? Quer que eu me vexe da minha propria sombra e que me atire desesperado a uma voragem, acceitando em troca da minha ignominia n'este mundo as eternas penas do inferno?

D. Thereza, tremente e pallida, acompanhava com respiração convulsa as palavras arrebatadas de Ruy de Azevedo.

Calou-se elle.

E chorava em silencio, condoido de Leonor, de sua mãe e de si.

D. Thereza correu-lhe as mãos ao descer das faces e murmurou:

— Vai, Ruy. Deixa-me orar. Jesus Christo vê a minha dôr melhor do que tu; e o teu coração póde elle mudal-o n'um acêno de sua divina vontade.

Ruy Gomes sahiu, entrou no seu quarto, lançou-se de bruços a chorar sobre o catre, d'onde ouvia o soluçar alto de sua mãe no quarto visinho. As lagrimas rebalsadas sahiam então em torrentes.

Horas depois, o moço entrára no mais cerrado da matta. Sua mãe vira-o ir e lá o mandou buscar para receber um recado que lhe trazia uma pastora da casa de Roboredo.

Mandava-lhe dizer Leonor que seu pai a tinha tão sujeita, que nem ás janellas a deixava sahir; por isso lhe pedia que a não buscasse nem apparecesse nas cercanias da casa até novo aviso.

Ruy escreveu-lhe, mas as lagrimas competiam em afflictissimo exprimir-se com as palavras. Pedia-lhe noticias do seu martyrio, e confiança na justiça de Deus e no valimento da justiça humana, quando mais não podesse comportar a violencia do pai.

Sem impedimento da recommendação de Leonor, pelas onze da seguinte noute, Ruy Gomes atravessou as Veigas do Vermuin, no proposito de assomar-se a um vizo de serra de onde se avistava a casaria de Roboredo. Para além do rio Pele, escutou a estrupiada de cavallos a descer no monte sob-posto ao paço de Numães. Desviou-se para uma deveza fechada de Carvalhos, e viu, á luz brilhante da lua, passar João Esteves Cogominho e os seus lacaios. Permaneceu como empedrado sobre a sella até que deixou de ouvir o raspar das ferraduras nas calçadas contiguas de Pouve.

Depois, subiu a ladeira por onde João Esteves descêra, defrontou-se com a casa de Leonor, parou, e viu d'ahi arroxear-se o céo no monte Córdova e branquearem-se as cumiadas das serras. Foi como um acordar-se então de sonho horrente. Desandou, caminho de Ninães, e de longe viu a mãe na janella do seu quarto, aquecendo-se do frio da madrugada aos primeiros raios do sol. Passára alli a noute inteira á espera do filho.

Ruy abraçou-a, beijou-lhe a fronte e disse:

— Porque se não deitou?... Vejo que dá pouco valor ao meu juramento! Jurei pela memoria de meu pai.

Não bastará a conter-me o sagrado da imagem d'elle e da sua, minha santa mãe?

—Pois sim, Ruy; mas é a primeira noute de tua vida que pernoutas fóra... Fallarias com Leonor?

— Não sahi n'essa esperança nem ella o poderia fazer. O de Pouve sahiu de lá alta noute com a sua ala de lacaios.

— Encontrastes-vos?—exclamou assustada a senhora.

— Affastei-me do caminho... para que elle passasse tranquillo.

— Procedeste avisado, meu bom Ruy; mas não voltes lá... Não te encontres, sequer de acaso, com elle...

— A mãe teme que me affrontem?—voltou o moço, sorrindo.

—Temo tudo que póde temer o coração de tua mãe, que te deixa e morre, se te acontece desgraça!

Ruy Gomes affagou-lhe as faces amarellidas do relento da manhã e aqueceu-lhe nas suas as mãos frigidissimas d'ella.

— Tens febre, filho!—disse D. Thereza, compulsando-lhe a testa e os pulsos—Que lume! Vai-te deitar... dorme, Ruy, meu pobre filho!

— Vou, vou repousar.

Na seguinte noute, Ruy escutou o resonar de sua mãe e saltou pela janella do seu quarto. Um preto de sua idade, trazido de Africa por seu pai, tinha-lhe o cavallo pela brida, longe, em terra descalçada, para não ser ouvido. Era este negro a unica e sublime alma de homem que parecia entender e ler no peito do seu senhor. Tinha sido desde os seis annos um como pagem do fidalgo. Escudeirava-o depois nas idas ao visinho mosteiro de

Landim a estudar com o tio D. prior. Soube d'elle aos quinze annos o amor a sua prima. Entre os dous, o preto Vasco, do nome de seu padrinho, não era tanto como amigo, mas nada tinha da submissão e temor de escravo. As galanterias pueris, com que os primos se mutuavam o céu na terra, não nas escondiam de Vasco nem de algum ente estranho as occutrariam, porque eram tão da graça dos anjos, que podéra o Senhor, se assim as désse a todas as almas, recompor um mundo sem culpa, sem nodoa, todo amor e louvor de quem o fez.

Vasco tinha sido, na quadra das alegrias, o portador dos ramilhetes para a volitante borboleta de Roboredo, e trazia para Ninães as flores que a menina, desde o alvor da manhã, conservava com seu avelludado viço em jarras indiaticas. A's vezes entre as flores de Ruy ia um bilhete aberto, que o velho Gonçalo deletreava menos prompto que a filha. O senhor de Roboredo cuidára pouco de lettras; e póde ser que á nenhuma importancia que lhes dava se deva consentir elle que a filha aprendesse a ler a cartilha com o capellão e a escrever um pouco mais intelligivel que o mestre: prenda não vulgar n'aquellas éras, bem que ainda vivessem as discipulas das Sigeas.

Ruy cavalgou e disse ao negro que o seguisse.

Ao atravessar a vau o riacho Pele, ouviu estrupiada de cavallos da banda de Ruivães. Devia ser João Esteves com os seus criados. Arredou-se para perto, mandando affastar-se o preto com o cavallo. Viu-o passar o de Pouve rente do tronco de arvore que o encobria. Amo e lacaios iam armados de longas espadas, cujos copos e misericordias brunidas espelhavam lampejantes a lua.

Foi Ruy em demanda do cavallo e disse ao preto:

— Vasco, poderás ver minha prima?.... Quero que a vejas.

— Pois hei de vêl-a, senhor.

— E lhe dês uma carta.

— Darei, senhor.

— Se ella estiver fechada... se te não podér ver...

— Póde, meu amo.

— Porque me dizes que póde?! — acudiu Ruy.

— Porque hontem me viu.

— Viu-te?!... Que foste lá fazer?

— Fui em cata da cadella perdigueira, que fugiu para lá na matilha do capellão, quando elle atravessou a nossa deveza e quedou-se a caçar no nosso texugueiro. (1) Fui...

— E viste-a?... Onde?

— Passou na varanda grande...

— E viu-te?

— Parece-me que sim, senhor; e deu a fugir, quando me enxergou. Cuidei que a fidalga iria lá dentro buscar algum recado para vossa mercê; estive, estive á espera até que o snr. Gonçalo me viu e perguntou o que eu estava a fazer. Disse-lhe que ia em busca da perdigueira. Elle mandou-a procurár e dar-m'a.

— Tractou-te com má cara?

— Está feito... Parecia zangado... e eu deixei-me cá estar um todo-nada no terreiro a ver se lobrigava a fidalga e ouvi o snr. primo de vossa mercê perguntar lá dentro se a snr.ª morgada tinha fallado ao preto.

---

(1) Assim se nomeia no Minho o agro lurado de tocas de coelhos e privátiva dos senhores das mattas.

Ruy Gomes, da relação do escravo, inferiu que Leonor andava espiada e temerosa até ao ponto de fugir assim que viu o escravo para esquivar-se a algum sobresalto do pai, e maior apêrto e vigilancia no seu carcere. Ponderado isto, o moço cogitou de si consigo consternadamente:

— Desventurada Leonor! Como hei-de eua cudir-te!

E, voltado ao negro, disse anciado:

— Como has-de tu vêl-a? onde has-de ir entregar-lhe a carta?

— Deixe por minha conta, senhor — respondeu, sorrindo ladinamente, Vasco.—Dê-me vossa mercê a carta, que eu d'aqui me parto já para Roboredo em cata da perdigueira! — continuou elle, já festejando com tregeitos o bom successo da traça — Vou dar a casa do caseiro, dizendo-lhe que o fidalgo me mandou buscar a cadella, porque sahe ao romper do dia para o monte. Depois, faço signal á pastora e dou-lhe a carta. Procura não procura a perdigueira, bota á madrugada; eu faço que me vou embora e escondo-me na matta á espera da resposta.

Ruy de Azevedo tirou a carta do bolso do gibão, entregou-a ao escravo e disse-lhe:

— Faz o que podéres, Vasco!

VI

Como as boas almas são tolas

A's oito horas do dia seguinte, chegava o escravo ao paço de Ninães.

— Viste-a? — perguntou anciado o amo.

— Não, senhor; mas aqui está a resposta. A pastora arranjou tudo.

Vasco ia contando os pormenores da feliz empreza; e Ruy, lidas as poucas linhas, voltou costas ao escravo.

A carta era afflictiva. Leonor desgraciava-se em lastimas de preza, condemnada a casar com o primo de Pouve ou a ir do seu quarto para o convento. Não lhe pedia amparo; rogava-lhe que a deixasse morrer.

Que rogos! Como o coração do moço se diluia em lagrimas de sangue! Se elle tivesse amado antes de Leonor duas mulheres que vulgarissima especie lhe não pareceria a terceira!

Foi ter-se com a mãe e leu-lhe a carta, em soluçadas ancias e cego de lagrimas. D. Thereza, consternada, mas socegadamente, observou:

— Ella pede-te que a deixes, filho...

— Que a deixe morrer! — acudiu Ruy.

— Sim... mas... a paixão não me parece grande...

— Porquê?!—sobreveio Ruy com insoffrido semblante.

— Leonor cede muito depressa á vontade violenta do pai...

— Pois não ouviu a mãe isto que ella escreve: «Tem-me presa e leva-me para o convento, se eu não quizer o primo de Pouve...» Não vê isto?

— Vejo, Ruy, meu pobre filho, vejo; mas, se Leonor te quizesse muito, acceitaria o convento, acceitaria a morte, em vez de acceitar o primo de Pouve.

O moço cravou os olhos nos da mãe: parecia ouvir por elles e não entender o que ouvia.

D. Thereza continuou:

— Tambem eu fui ameaçada com a clausura, quando me affeiçoei a teu pai, e nem por isso me deixei esmorecer é querer a morte. Antes o convento, antes captiva de mouros, que ligada ao homem que me queria obrigar á deslealdade com teu pai!

Ruy sacudiu a cabeça, como se a quizesse desopprimir de uma ideia excruciante, e murmurou:

— Não... não póde ser!...

— O quê, filho?

— Leonor deslealI... Não me diga isso, minha mãe!

— Disse-t'o eu, porventura, Ruy?!... O meu reparo não olha a tanto... O que eu mal percebo é a prompta obediencia de minha sobrinha. Boa filha era eu e desobedeci, quando teu avô me quiz casar com um tio a quem eu não podia ver sem odio. Além d'isto, filho, esta carta de Leonor diz bem com as palavras de Gonçalo Correia... Que me disse elle? Que a filha obe-

decia. E ella, meu querido Ruy, não te diz o mesmo?... Valha-me Nosso Senhor! Bem vejo que te estou atormentando com as minhas desconfianças!

— Atormenta!... E eu defendo Leonor, minha mãe... Defendo-a...

— De mim não; que bem sabe Deus que a não offendo... Longe tal ideia!... Não sei até se te diga, filho, que o procedimento d'eila é mais para louvores do que para censura...

— Qual procedimento? casar com João Esteves?

— Sim.

— Para louvores?! — clamou Ruy.

— Certo é. Se o pai lhe pede o sacrificio de sua vontade e ella obedece, contando com a morte, é não sómente boa filha, senão uma santa...

— Uma infame — atalhou o moço — Uma santa que me atira em corpo e alma aos abysmos do inferno!... Os demonios são menos traiçoeiros!... Oh! que horriveis tractos minha mãe está dando ao coração de seu filho! Não me diga que ha mulheres assim!... Leonor não me pede que a livre, é verdade; não pede; a razão é temer que eu arrisque a minha vida contra o de Pouve... E' talvez o lembrar-se que minha mãe não tem outro filho...

— Pois sobre ella chovam bençãos e corôas do Altissimo! — exclamou D. Thereza — Bem haja a compassiva creatura que tem dó da minha viuvez!... E serás tu, filho, menos piedoso do que Leonor? Irás arriscar a tua e minha vida contra o de Pouve?

— Não, minha mãe!—respondeu firmemente Ruy de Azevedo—Não irei medir forças nem direitos com João Esteves. A refesta seria deshonrosa para mim, embora

o marcasse de villão e covarde!... O que eu devo fazer n'este lance... Minha mãe, diga-me, aconselhe-me, allumie a minha razão!

D. Thereza poz os olhos no semblante do Crucificado e disse em seu coração:

— Allumiai-o, meu Deus!... Se o enganado é elle, desenganai-o!

Deus attendeu a prece da mãe humilde, que por si não ousára aconselhar o filho.

N'este comenos, Ruy de Azevedo, como se luz subita lhe rareasse as sombras do juizo, exclamou de subito e com a energia de uma inspirada resolução:

— Ha justiça na terra.

Feita breve pausa, proseguiu:

— Minha mãe! preciso saber se Leonor vai arrastada ou de vontade casar com o de Pouve; preciso saber se é uma desventurada digna de respeito, se uma treda para quem o odio seria ainda sentimento aviltador de homem honrado! Preciso e hei-de sabêl-o!... N'esta peçonha da duvida, que me agonisa, ha sómente o remedio do cortar fundo do ferro, sarjar sem dôr, arrancar do coração esta raiz que eu não quero afogar e desfazer com lagrimas a pouco e pouco!... Vá de uma feita! Venha o raio do desengano! Tanto monta viver como morrer!...

— Morrer, filho do meu coração! — acudiu D. Thereza, pondo as mãos no seio de Ruy — Pois has-de tu morrer, se ella casar com outro?!

O moço estremeceu, sorriu e respondeu:

— Disse eu que morria?... Perdôe-me, esqueça-se, minha mãe!... Morrer eu!... Seria isso afogar-me na lama dos pés d'elles!... Nem tanto!... Padecer, sim,

e muito; porque eu... nunca lh'o disse, minha mãe?... não lhe confessei quanto amava Leonor?!

— Disseste, filho... E não me queres tanto a mim? a tua vida, que tem sido sempre a minha, instante por instante desde que nasceste e te eu lavei com as minhas lagrimas de esposa infeliz... a tua vida, Ruy... haverá razão que me obrigue a perdêl-a!? E então agora! agora que eu principiava a ser alegre, porque te vejo homem, e tão homem de honra... tão bom filho... tão meu amigo e amado de todos!...

D. Thereza arquejava.

Ruy, estreitando-a ao peito, balbuciou:

— Nada perdi do que era... Aqui me tem para quanto me ordenar... Que quer, minha querida mãe?

— Esquece-a, filho... Peço-te isto a chorar e a tremer como de medo de te magoar!... Esquece-a...

— Se ella for despresivel... sim! Posso jurar-lh'o pelas chagas de...

— Oh! não jures! não jures! — atalhou a mãe, embargando-lhe nos labios com a mão a palavra CHRISTO — Tu não sabes o que ámanhã ha-de sentir o teu animo!... não sabes o que póde fazer a paixão nas mais austeras almas!... Eu pude voltar o rosto das lagrimas de meu pai, pude resistir á sua vontade... e bem m'o dizia o coração que a vingança d'elle seria á minha infelicidade de esposa... E mais era eu... mulher, innocente, temerosa de tudo, e tudo affrontei, quando mais cega estava!... E, se eu pude tanto, que poderei eu agora e depois... depois do desengano... com os meus rogos... a ti que és homem, que és forte... que te has-de atormentar com o vexame...

— E o meu pundonor?—interrompeu Ruy.

— O teu pundonor, filho, ha-de ser o mais penetrante ferro da tua agonia!... Fosses tu como ella!... Que Deus te désse uma alma como a de Leonor!...

— Que atroz injustiça, senhora! — exclamou o moço — Não me despedace, minha mãe! Deixe-me o socego preciso para o desengano! Escute-me... Findos tres dias... minha mãe, ou se arrepende de julgar tão desabridamente Leonor ou me chama infame, se eu proferir o nome d'ella!

— Que vaes fazer n'estes tres dias, Ruy?

— Desenganar-me.

— De que modo?

— Do mais justo e prudente. Eu lhe digo o meu intento...

E continuaram praticando.

VII

Desengano

Corridos dous dias, o ouvidor de Barcellos e seus meirinhos apeavam á porta de Gonçalo Correia de Lacerda.

O senhor de Roboredo, avisado de tal e tão odiado hospede,—odiado por causa das sentenças contrarias que lhe elle julgara — vacillou em dar-lhe entrada. O ouvidor, abespinhado com a delonga, reenviou novo aviso ao fidalgo, dizendo ao mensageiro:

— Diz lá que está aqui el-rei, e el-rei não espera.

O magistrado lembrava-se de D. Pedro, o crú, gritando que o esbofetearam na cara de um corregedor. Sem desaire, pois, de D. Sebastião, podia o ouvidor de Barcellos capacitar-se de estar el-rei n'elle.

Esporeado pela segunda mensagem, Gonçalo Correia sahiu de suas rancorosas indecisões e assomou no patim, a tempo que o ouvidor ia subindo com ar magestatico, segundo convinha ás qualidades realengas que o revestiam.

— Salve Deus a vossa mercê—saudou o magistrado.

— Deus o guarde—correspondeu o fidalgo.

O ouvidor entrou á sala e os meirinhos ficaram no quinteiro ao pé das mulas.

Volvidos quinze minutos, appareceu o magistrado com torva catadura, desceu até ao penultimo degrau, gemeu a encavalgar-se e resmoneou, como ao ouvido da mula:

— Tambem és femea... Não me fio de ti!...

Que desillusões motivariam, no animo de tão sisudo sujeito, uma confrontação assim offensiva e attentatoria dos dons angelicos das damas?

Vamos sabêl-o.

O ouvidor desviou-se, logo adiante, do caminho de Barcellos e ladeou para o paço de Ninães, onde o esperavam duas senhoras da familia de Alcoforados, parentas de D. Thereza, as quaes tinham vindo da sua casa da Silva para o intento que logo se dirá.

Esperavam-no anciadamente Ruy de Azevedo, a mãe e as duas primas.

Assim que ouviram o tropel das cavalgaduras, sahiram todos ao patim. Ruy foi pegar do estribo e offerecer o hombro ao ouvidor. Ao descer-se, o magistrado poz-lhe a mão no seio e disse:

— Mal empregado coração!...

— Pois quê...—balbuciou Ruy.

D. Thereza, ouvindo as palavras do ouvidor, disse para as parentas:

— Adivinhei...

— Então? — perguntaram simultaneamente as snr.as Alcoforados — Que é da prima Correia de Lacerda?! Ella não vem?

— Nem queremos que venha!—respondeu elle—Que vá para o diabo!... Subamos.

Recolhidos á sala e seguidos de Ruy, cujo aspecto não arguia commoção forte nem sequer espanto, o magistrado, enxugadas as camarinhas de suor, disse, esbofando:

— Ora ouçam lá. Feitas as cortezias de parte a parte, seccas e breves, disse eu ao que ia: que me constava por denuncia certa que n'aquella casa estava preza uma menina para haver de casar contra vontade propria, em virtude de se ter affeiçoado, sem aggravo do beneplacito paterno, a outrem. Discorri ácerca do crime de carcere particular, defezo e culpavel em toda a ordem de oppressores, embora elles se chamassem paes. Ordenei, pois, que a snr.ª D. Leonor me fosse trazida a fim de ser perguntada sobre o contheudo do requerimento e informações. Gonçalo Correia levantou-se, sahiu á porta sem se esconder da minha vista, para me certificar de que não ia preparar a filha, e chamou por ella. Entrou a creatura. Bastou-me encaral-a! Qual prisão nem qual violencia! Cara risonha, gorda, rosada, a rebentar saude e alegria por aquelles olhos!

—«Este senhor — disse-lhe o pai — é o snr. ouvidor de Barcellos, que vem fazer-te umas perguntas.»

—«E' verdade — continuei eu.— Chegou ao meu conhecimento que vossa mercê, snr.ª D. Leonor, estava como preza na casa de seu pai, em razão de ter uns affectos que não são os que o pai de vossa mercê quer que a senhora tenha.»

— A creatura ficou-se muda a olhar para mim, e eu, á espera da resposta, a olhar para ella. Quiz-me parecer que a menina me não percebêra ou a presença do pai a

constrangia. Perguntei novamente, esclarecendo quanto pude a ideia. Entendeu-me e respondeu que não estava preza.

—«Mas casa por vontade sua de vossa mercê com a pessoa que seu pai lhe escolhe? — tornei a perguntar».

—«Sim — disse ella, sem levantar olhos do regaço.»

—Este *sim* tão lesto e desempenado, se vai a dizer verdade, azedou-me, porque eu tinha visto a carta que ella escreveu ao snr. Ruy Gomes. Não pude ter o impeto de zanga e disse:

—«Vossa mercê, minha senhora, bom é que seja verdadeira commigo, mas melhor seria que o tivesse sido com a pessoa a quem disse ou a quem escreveu estas palavras: *Tem-me preza e leva-me para a convento, se eu não quizer o primo de Pouve.* Escreveu isto?»

— Esteve-se a engulir em secco... mas n'este ponto mais curial é dizer-se: esteve-se a engulir o pejo... a vergonha... e sahiu com esta negação:

— «Tal não ha!...»

— Ouvido isto, levantei-me, e, suffocado de colera, não pude reprimir estas palavras:

— «Quem a si mesmo se desmente não dá direito a que outrem lhe diga: «Está mentindo!»

— Gonçalo Correia tudo ouviu em silencio; até propriamente o aggravante insulto que não pude soffrear. Sahi; e aqui estou, snr. Ruy Gomes de Azevedo, para lhe repetir o que já lhe disse: «Mal empregado coração!...»

Ruy Gomes continuava, de braços cruzados, mui fito na cara do magistrado, como se o narrador não tivesse concluido.

Seguiu-se logo silencio. D. Thereza chorava, mas aba-

fava a suspiração anciosa. As snr.as Alcoforados entre-olhavam-se espantadas e de si lançavam compassivo olhar ao rosto empedernido de Ruy. Quebrou o ouvidor esta mudez, que era, no interno de duas almas, um tumultuar de inexpressaveis angustias. Levantou-se, foi direito ao moço, e, tomando-o nos braços, disse-lhe jovialmente:

— Se vossa mercê não tiver dez vigilantes anjos da guarda á volta de si, mulheres como aquella ha-de o demonio deparar-lh'as ás duzias!

E, voltado a D. Thereza, continuou:

— E está chorando?! Porquê, minha senhora?... O caso é para muito festejado?... Saiham-me as louçainhas todas, venham para ahi descantes e folias, toca a tanger sinos e queimar morteiros, que está vossa mercê, minha snr.ª D. Thereza de Figueirôa, livre de nora que lhe havia de empeçonhar os contentamentos d'este honrado filho, d'este gentil moço, para quem Deus formou um anjo!

— Eu sabia isto!... eu sabia isto!... — balbuciou D. Thereza, rompendo a reprêza dos soluços; e, correndo como arrebatada para o filho, abraçou-o com vehemente ternura, exclamando: — Ruy, ó filho, tu não dizes nada?

— Que hei-de eu dizer? — respondeu elle, sorrindo, n'um tom mavioso de paciencia, ficção maravilhosa, cujos exemplos sómente a extrema, a dilacerante, a suffocativa desgraça os dá.

— Ruy Gomes é um homem! — clamou o ouvidor — Aqui está sangue de Azevedos e Figueirôas! — proseguiu, assentando-lhe a mão no seio — Nada de lastimas, snr.ª D. Thereza! O filho de vossa mercê amou enganado e abriu os olhos quando Deus quiz mostrar-lhe que a desleal o não merecia!... Castigada, bem castigada a dei-

xei eu! Mulheres!... Bem no diz Jorge de Aguiar... Ouça isto, snr. Ruy:

> Esforço, meu coração;
> Não te mates, si quizeres;
> Lembra-te que são mulheres...

Ruy Gomes parecia não ter ainda percebido bem o que era, n'aquella hora, o seu viver, a sua razão e senso intimo. Estava como nas indecisões do terrivel espertar de um sonho mau, n'aquellas ancias de quem acorda e cuida que o terror é verdadeiro, e a si mesmo se está dizendo: «Se isto fosse um sonho!»

Via sua mãe debulhada em lagrimas e o ar condoido com que as hospedas attentavam n'elle. Este olhar penalisado das parentas e o tom declamatorio do ouvidor entraram-no de uma especie de vergonha de seu opprobrio, legitima vergonha do amor-proprio enxovalhado. Sentiu que a presença de estranhos lhe era uma corda na garganta. O coração, cheio de lagrimas, tumecia-se-lhe contra as paredes do peito. A espaços, annuviavam-se-lhe os olhos e troavam-lhe no interno da cabeça estrondos metallicos, como a reboada surda de pancadas subterraneas. Era o desabar horrendo da esperança, do céu e terra, do phantastico mundo formado por espaço de muitos annos. Era o ruir de tudo que fizeram milhares de dias e noutes. Era o passado no abysmo; o presente no inferno; o futuro... uma visão indescriptivel, um complexo de visões horrendas, das quaes os desgraçados se fogem a tremer e chorar, pedindo a Deus que lhes abra sepultura onde se escondam!

Foi repentina a sahida de Ruy, mas levava quieto o

semblante e mesurado o passo. Se alguma palavra dissesse de antemão, cuidar-se-ia que o moço se apartava serenamente de uma prática familiar. Porém o coração da viuva ia-lhe no seio d'elle a compulsar-lhe a angustia. Sabia sobre o seguro como aquella alma ia. Levantou-se para seguil-o. Teve mão d'ella o ouvidor, dizendo-lhe:

— Deixe-o, minha senhora, deixe-o ir. Afflicções d'aquellas redobram-se com lastimas alheias. Sósinho é que elle se quer n'estes primeiros dias. Depois, o acertado é que elle vá para onde seja muita a gente.

Pouquissimo sabia do coração o magistrado. O homem talvez tivesse subido ao Golgotha da saudade, mas não conhecia o outro mais acerbo supplicio do vilipendio — a esponja da ignominia chegada, sem intermittencia, aos labios do padecente que diz: «Morro deshonrado e ludibrio da mulher que adorei!»

O mundo tem padecentes assim. Os que não morrem de taes angustias são uns que vivem encouraçados no seu despejo e não teem parte sã do peito onde a frecha da affronta rompa veia de sangue puro. Estes taes, quando os lancéta a ingratidão e a injuria, esvurmam a sua peçonha, vociferam e curam-se.

Ora, Ruy Gomes de Azevedo não articulára uma só palavra contra Leonor.

VIII

O D. prior de Santa Maria de Landim

O ouvidor de Barcellos não perguntou a D. Thereza se Ruy Gomes tinha em Deus fé bastante a soccorrer-se de seu amparo. Foi a senhora do Paço de Ninães que lh'o lembrou, dizendo entre soluços:

— Meu filho é muito devoto da Virgem Senhora das Dôres...

E, pondo as mãos, continuou:

— Entrego-vos o meu Ruy... Ide com elle, não no deixeis perder, Senhora das angustias!

E, de feito, o atormentado moço ia guiado por mão da piedade atravez dos arvoredos que separavam o seu solar do mosteiro de Landim. (1)

---

(1) Tambem diziam *Nandim* e primitivamente *Mardim*. Vej. *Chron. dos conegos reg.* por D. Nicolau de Santa Maria e *Agiol. lust.* por Jorge Cardoso.

Os cruzios receberam-no como a um dos seus. Lá o tinham creado e ensinado. A sua cella, convisinha da de seu tio prior D. Jorge de Azevedo, estava sempre apparelhada. Os mestres do docil e angelico moço diziam que Ruy, a final, havia de vestir o habito de Santo Agostinho e honrar com elle mais um dos descendentes de D. Arnaldo de Bayam, não só varão de Deus que tambem fundador do convento de Arnoia. Lidavam com o D. prior, pedindo-lhe que attrahisse o sobrinho ao mosteiro e lhe insinuasse santos amores á vida claustral. D. Jorge redarguia-lhes que Deus lhe levaria a mal mover um filho unico a separar-se de sua mãe; além de que, Santo Agostinho tantos e bons filhos tinha, que se não folgaria de que em seu nome se contendesse com uma senhora que não tinha outro. Eram assim d'este bom juizo os espiritos do prior de Landim, tio paterno de Ruy.

D'esta vez, a entrada do senhor de Ninães ao mosteiro causou nos conegos um certo espanto com que uns a outros pareciam interrogar-se. Ruy Gomes passára silencioso e de olhos abatidos rente com os mestres, com os parentes, e amigos conhecidos desde noviços. Fallavam-lhe; e o moço, desfranzindo os labios em constrangido sorriso, indicava violentar-se de modo que o rir devia de ser n'elle uma contracção dolorosa. Endireitou aos aposentos do tio, que estava medindo com os seus ponderosos oculos a profundidade de um *Sabélico*. Acercou-se d'elle sem lhe dar as boas tardes, ajoelhou, deitou a face nos joelhos do cruzio e murmurou:

— Deixe-me chorar!...

— Porque choras?! Morreu minha cunhada?! — exclamou D. Jorge.

— Não, senhor...

— Não!... E podes assim chorar!... Não morreu tua mãe e choras assim?... Que crime capital esse é que te dilacera a consciencia, Ruy? Praticaste feito de insanavel deshonra?

— Não, meu tio...

E continuava em anciados arquejos.

— Levanta-te, filho!—disse com authoridade o D. prior —A pé! Vamos a saber que é isto... D'onde vens?... Vê lá, Ruy!...—admoestou o conego regrante, advertido subitamente por uma suspeita bem fundada — Vê lá que não tenhas ainda pesar de ti e vergonha d'essas lagrimas!

D. Jorge de Azevedo conhecia os affectos e esperanças do sobrinho, desde que no seio do moço amanheceu o primeiro, o communicativo contentamento do amor. Quadrára ao frade fidalgo uma alliança tão vantajosa em bens de fortuna quanto ajustada em nobreza. Por isso approvára o acertado intento do sobrinho e por vezes o perguntára sobre a brevidade do seu casamento, afervorando-lhe a vontade com louvores da noiva e não menos do proveito adveniente á casa desbaratada de Ninães.

D'estas antecedencias é que D. Jorge inferiu a suspeita de que seu sobrinho se estava em tamanha afflicção por causa de Leonor.

Ruy Gomes confirmou a desconfiança do tio, referindo os successos decorridos desde a entrada de João Mendes de Pouve na casa de Roboredo. A narrativa sahiu-lhe apaixonada, interrompida por silencios longos de lagrimas, e como ella devia ser até ao ponto em que o

já quebrantado moço, quasi exhaurido o alento, declarou que vinha ao mosteiro pedir o habito de noviço.

D. Jorge de Azevedo, ouvido o remate da lamentação, expediu uma gargalhada, que fez um estremecimento de assombro nos nervos injuriados do sobrinho.

— O habito de noviço! — exclamou o D. prior, demudado o rosto para severo — Vens tu, fraco homem, pedir a Deus que te acoute e defenda das injurias de uma mulher! Foges para a religião, assim que uma vil creatura te arremessa com lama ao rosto!... O' filho de Vasco de Azevedo! O' filho de meu irmão! que amor foi esse que te abastardou os brios? quem te afeminou e enfraqueceu os espiritos até este cahir de tanta vilta! Como podes tu com o ludibrio de te esconderes d'essa trêfa de mulherinha, que se ha-de envaidar de tua mesma miseria e andará por ahi contando em ar de piedade que por amor d'ella fugiste do mundo, no intento de se fazer bem conhecida a causa da tua desesperação!... E foges, Ruy!? e deixas que João Esteves avalie o muito que ella vale pelo muito que tu sacrificas!... Mata esse coração a estocadas, se elle te abaixa a tanto aviltamento! Resurge, moço, para uma vida de homem, e homem do teu sangue! Desfigura-te, se é preciso; abre um riso n'esse rosto, muito embora as lagrimas te queimem dentro. Convence-me a mim proprio que choraste de vergonha de a ter amado. Convence-a a ella de que tiveste apenas uma hora de assombro de sua infamia e sahiste d'essa lethargia despresando-a tanto, que já a tinhas esquecido quando toda a gente cuidava que lhe tinhas odio. Tens alma que me escute, homem? E's Ruy Gomes de Azevedo ou quem és tu? Falla!...

— Eu escuto-o, meu tio; as suas palavras teem unc-

ção de Deus!... — disse o moço, com o real sentimento de inesperado allivio.

E D. Jorge de Azevedo proseguiu solemnemente:

— Não dirás mais que pensaste em ser frade. E' um segredo entre duas pessoas que hão-de guardal-o porque o descobril-o é opprobrio de ambas. Sahirás d'aqui hoje mesmo. Irás levantar a alma que mais carece de soccorro; dirás a tua mãe que se lastime sómente de ter em sua parentella duas creaturas talhadas e concertadas para se procrearem n'uma raça á parte da nossa. O devasso de Pouve deve unir-se á villanaz de Roboredo. Mas é preciso que, á conta d'estes dous consortes e consociados na infamia, não soffra um homem de bem nem haja de chorar uma dona como Thereza de Figueirôa. E' isto preciso, Ruy; ou eu me finarei de desgôsto, como ancião que não póde já com o peso de grandes affrontas. Vai, filho. A ninguem digas que padeces; nem mais a mim m'o digas; occulta-o mesmamente á tua razão, se alguma hora te assoberbarem allucinações do espirito. Olha se podes comtigo e sobre ti de modo que hajas de te encarar com ella, com essa abatida e mal-agourada creatura. Que ella se veja em teu olhar despresivel, feia de alma e manchada na face com o ferrete da deslealdade!... Chegou a minha voz até ao ámago da tua Razão, ruy?

— Chegou, sim! — disse o moço com sincera e deliberada vehemencia — Estou reposto na dignidade de onde cahi diante de meu tio! Ninguem mais me viu chorar; ninguem me verá desde agora!... E minha mãe? que pensará de mim? Onde cuidará que estou? Sobre a vergonha, remorso de a ter deixado n'esta hora, mais atribulada para ella do que para mim!...

— Apressa-te, Ruy; vai ter com tua mãe; cuida em consolal-a. Olha que não tens nem terás mais leal coração n'esta vida... Eu te abençôo em nome de Deus e de teu pai!

Ruy sahiu. Era já escuro. A poucos passos da portaria estava uma senhora descendo das andilhas amparada sobre o hombro do preto Vasco. Era D. Thereza.

O moço, reconhecendo-a, exclamou:

— Minha mãe!...

— Bem me dizia Nossa Senhora que tinhas vindo para aqui, meu filho!... Vinha saber de ti e pedir-te que te deixasses estar, se a companhia de teu tio te melhorasse.

— Eu, minha mãe, estou bom! — acudiu Ruy com alegre sombra — Não vê que mudança? Sinto alguma cousa que só as suas orações podiam dar-me, e as santas e honradas advertencias de meu tio!...

D. Thereza, em demazia credula no effeito das suas orações, nada pôde exprimir do jubilo que a sobresaltou. Dos braços do filho correu a ajoelhar-se nos degraus do adro e orou longo tempo, com a face abatida até á lage.

D'alli caminharam, como exagitados de contentamento, para Ninães. Dir-se-iam amantes fugitivos e já resalvos da perseguição. D. Thereza, encostada ao hombro do filho, apertava o passo como se toda a força da juventude se lhe remoçasse ao calor da exultação. Nada lhe faltava para o milagre: levava n'alma o amor de mãe e a fé omnipotente da santa.

Quem não acreditava na subita restauração do moço apaixonado era D. Jorge, o frade que não tinha atravessado incólume a mocidade. Confiára-se elle pouquis-

simo na duração do effeito de suas palavras sentenciosas e energicas para persuadir e mover de assalto. O que elle queria era apanhar a vontade do sobrinho n'uma entre-aberta das tempestades, que haviam, no judicioso pensar d'elle, de ser muitas. Durante a quebra da primeira sezão, esperava elle gizar e executar o verdadeiro principio de uma cura solida. E qual fosse ella, na pathologia moral do conego agostiniano, vamos já averiguar.

D. Jorge, ao abrir-se a manhã, sahiu do mosteiro e foi a Ninães.

Ruy dormia ainda e D. Thereza estava orando.

Sahiu ella a recebêl-o lavada em lagrimas. Contoulhe que Ruy, em quanto vieram de caminhada até casa, dissera cousas tão justas e sentidas contra Leonor, que ella o julgára de todo resgatado de suas penas: porém, desde que entrára em casa, se recolhêra ao seu quarto e apagára o candieiro. Ajuntou que ella fôra escutar de mansinho á porta e o ouvira chorar. Quo o chamára e elle lhe pedira encarecidamente que se fosse deitar. Depois, como não pudéra adormecer, dera tento de elle sahir por noute morta e recolher-se ao romper do dia.

— Bem — disse o D. prior. — Faça minha irmã de conta que nada passou do que me conta, salvo a satisfação com que seu filho veio para casa. E' necessario que elle se não atrigue de me ver, desconfiando que eu já sei de tão rapida transgressão do seu proposito e das promessas que me fez. Emquanto Ruy não sahe do quarto, lance minha irmã as suas medidas, que, ámanhã, ha-de sahir d'aqui e seu filho para Lisboa. Eu tambem vou, que tenho lá negocios, e muito desejo ver nossos primos D. Antonio de Azevedo, o almirante, e

seu irmão D. João. Em casa de D. Antonio vai hospedar-se a mana Thereza e seu filho. Quando chegarmos a Lisboa, já a noticia da jornada lá terá ido pela posta. Dispõe-se a tudo?

— Quanto me ordenar, snr. meu irmão; tudo farei no bem de meu filho.

— Ora então, senhora, é resolvido. Vá-me dizer a Ruy que estou aqui e já me tarda o almoço. Mande-me vossa mercê depois ordenhar uma boa tigella de leite e adoce-me as sopas, que me anda muito encruado este pigarro nas guelas.

Ruy tinha ouvido a voz sonora e cheia do tio prior. Desconfiou que a mãe o tivesse mandado chamar e constrangeu-se para lhe apparecer. Empeçava-o o pejo de tão rapida quebra em seus briosos protestos. Sahiu-lhe ao encontro o conego mui faceto, dizendo remoques á preguiça do rapaz de vinte annos que se levantava depois da aurora de agosto, a divindade dos poetas e a saude de toda a gente. Poucas mais palavras ditas, D. Jorge avisou, com ar imperativo, seu sobrinho da ida para Lisboa com sua mãe e com o tio frade, que lhe ia ensinar as ruas d'aquella Babilonia.

Ruy declinou d'elle a vista para o rosto da mãe como a pedir-lhe explicação do improviso designio.

D. Jorge proseguiu:

— Bem sabes, Ruy, que tens em Lisboa teus primos, em quem rebrilha todo o lustre antigo da casa de Azevedo. Todos somos oriundos do snr. D. Pedro Mendes de Azevedo; todavia nos alcaides-móres de Alemquer se continuaram as glorias seculares dos Gozendes e Viegas. Bom é que te avisinhes de senhores tanto da nos-

sa obrigação e alguma hora vagues d'este tracto montez á policia da côrte.

— Se meu tio guardasse para melhor occasião esta visita aos nossos parentes...—observou Ruy.

— A melhor occasião chegou: é esta—replicou authorisadamente o frade.—E' esta, repito! Em Lisboa é que se ha-de provar o quilate do teu merecimento, Ruy de Azevedo! Lá é que florece o melhor sangue em fidalgos sentimentos. Lá é que se estimam corações nobres; e em cada familia das mais gradas da côrte encontrarás muitas parentas e muitas dignas esposas onde empregues tua complacencia. Em summa, é lá que te espera um brioso desforço da filha de Gonçalo Correia. Quando voltares a Ninães, virá comnosco tua esposa, e tu, de opulento da tua felicidade, nem descerás olhos a ver eese pouco de lodo com que o chanceller Pedro Esteves Cogominho vai tapar as fendas de sua casa, para que o mundo não veja as miserias que lá vão dentro. Quando, pois, aguardas tu melhor lanço de ir a Lisboa?

Ruy Gomes, sem embargo do respeito com que ouvia o austero conego regular, tartamudeou com desplicencia:

— Ora, snr. meu tio!...

— Ora... quê?... Não me estejas mastigando palavras!... Que dizes, homem?

— Que, se o fim para que vou é casar-me, escusado é o sahir-se minha mãe de sua casa e o ir eu como á força para onde me não leva a vontade. A mim que me fazem desforços e felicidades achadas em Lisboa? Não nas quero nem busco, meu tio... Por caridade lhe rogo que me não tire d'aqui Se algum remedio ha para quem tanto soffre...

— E quem é que tanto soffre?!—interrompeu D. Jorge

— E's tu? Homem sem pundonor, és tu?... Não te cahe de vergonha o rosto, quando tão despejadamente o confessas? Minha irmã Thereza, queira vossa mercê chamar-me o seu lacaio, esse negro que ahi está fóra. Quero perguntar-lhe o que faria elle, se fosse o que é este filho de Vasco de Azevedo! Venha o preto dar um quinau nos brios d'este fidalgo! Venha o infimo da ralé dar aqui testemunho de que o melhor sangue não é condição de honestos sentimentos!...

Fez o D. prior uma longa pausa gesticulando sem expressar as ideias atabafadas pela colera. A final, rompeu n'estes brados, acompanhados de tres valentes pancadas com que esmurraçou um bofete:

— Alto lá! Dementes não se regem a si! Não tens pai que te leve de um acêno até á tua dignidade. Não tens, Tua mãe não póde, porque a ternura lhe quebra as forças e a authoridade. Que monta isso? Aqui está o irmão de Vasco de Azevedo. Aqui está teu tio, que te diz: «Irás ámanhã para Lisboa!»

D. Thereza chorava em alto soluçar.

E o frade, sublime e magestoso d'aquella sua ira e postura, d'aquelle venerando aspeito e bracejar, ondulando a capa sacudida pelo braço, repetiu, passados instantes, a exclamação:

— Irás ámanhã para Lisboa!

Ruy Gomes ergueu os olhos lagrimosos ao rosto do tio e disse:

— Irei!

IX

Chaga curada em falso

O almirante d'estes reinos, D. Antonio de Azevedo, recebeu festivamente a viuva de seu tio Vasco, o gentil e galhardo provinciano seu primo, e o respeitavel D. Jorge, cujos saber e virtudes soavam no tuba pouco pregoeira de virtudes n'aquelle tempo. Avisado á puridade pelo conego regrante, D. Antonio incumbiu a seu irmão D. João de Azevedo, muito moço e galã, do encargo de divertir o animo apaixonado de Ruy Gomes.

D. João era a flor dos fidalgos em prendas de sua condição, em pontos de pundonor e pujança de braço. Sem encarecimento lhe davam os mais vaidosos a primacial vantagem em cavallerias, amores, dotes de cortezão e bravura, se bem que não a tivesse ainda provado nas batalhas.

Acceitou alegremente D. João o cargo de distrahir seu primo, tanto mais quanto o triste minhoto se lhe affeiçoára, folgando muito de ouvil-o fallar de amores

proprios e alheios, de farças e tragedias, de aventuras e desaventuras, umas na casa de el-rei, sem embargo das severidades de D. Catharina e do neto, outras fóra do paço, apesar das trovoadas de moral, que nunca tanto reboaram dos pulpitos.

Ruy Gomes ouvia cousas que o pasmavam, muitas que o entristeciam, e algumas que lhe inflammavam saudades da sua provincia e desejos de acolher-se ás suas tranquillas ruinas de Ninães. Não obstante, a conversação do primo era-lhe grata e já tão precisa, que raras horas se apartavam.

D. João ouvia-lhe a repetida historia dos amores mallogrados, accusava ligeiramente a lealdade do proceder de Leonor e dizia com elle, no encarecimento da saudade, como quem não julgava necessario invocar sentimentos de honra para induzil-o a despresar a perfida. O irmão do almirante, comquanto moço, sabia um tanto mais que D. Jorge da fabrica espiritual do homem. O conego fôra rapaz no fim do reinado de D. Manoel; D. João de Azevedo floria nos dias malsinados de corrupção pelo bispo de Silvés. Duas escolas diversissimas, duas epochas entre si tão desiguaes, que o homem de uma comparado ao de outra, até certo ponto, denota differenças sensiveis na alma. Se a alguem se figurar paradoxo este dizer, desculpe-me, que não cabe aqui a defeza, e vae muito que dizer e saber n'ella.

Enganado estava, porém, D. João com seu primo. Ruy de Azevedo não era de uma nem de outra epocha. O que elle tinha em alto quilate, e da mãe de Deus recebêra e a sua mãe lhe velara, isso faltava já no peito do moço lisbonense: era a virginal candura do coração, o perfume de innocencia que, apenas sahido ao ar pes-

tilencial dos vicios alheios, em vez de levantar-se em aromas, se esfria, congela e dilue em lagrimas. O senhor de Ninães não transigia com a offensa. Chamava elle odio de peito honrado á lembrança de Leonor. Não era o que elle fingia crer ou cria de boa fé: era o amor, o amor commum, este aleijão ordinario que tanto molesta peitos plebeus como illustres.

Lisboa, e particularmente a parentella de Azevedos, tinha insignes formosuras. D. João levava-o ás assembleias mais apparatosas. Estimulava-o a render-se ás bellezas mais pretendidas, no intuito de lhe dar rivaes e ensaiar a cura na competencia. Ruy nem amava nem era amavel. A melancolia, que não corria então como graça e attractivo, desluzia a gentileza do moço. As formosas viam-no recolhido como avaro de um gozo ideal ou como beato malquerente dos festejos do mundo e passavam sem sequer o lastimarem. Algumas, impressionadas de tão montezinha taciturnidade, diziam que o provinciano estava em Lisboa afflicto como a toupeira ao sol. De fórma que D. João de Azevedo, conversando com seu tio D. Jorge, dizia que ou Leonor era belleza sem parelha ou o primo Ruy um parvo desapparelhado.

D. Thereza pedia a seu cunhado que désse por inutil a demora em Lisboa, visto que eram passados quatro mezes e Ruy não melhorava. O cruzio respondia que não era tarde. Instava a senhora já impaciente. D. Jorge contraveio com estas razões:

— Que quer, minha irmã? Que seu filho vá assistir ás festas do casamento de D. Leonor Correia com João Esteves? Hoje me escrevem de Landim, referindo-me os preparativos que lá vão. O chanceller já lá está com grande [comitiva. Fazem-se arcos de murtas e flores

desde Roboredo a Pouve. Todos os caseiros e foreiros das duas casas andam afanados a empedrar calçadas para o transito das liteiras. Quer que seu filho vá assistir a estas alegrias?

— Deus me guarde d'isso!... Não lh'o diga...

— Não lh'o diga minha irmã.

— Mas... — tornou ella—não sabe vossa reverencia o que me elle disse? Que brevemente iamos ter guerra em Africa, porque o senhor D. Sebastião quer conquistar não sei que terras...

— Assim se diz; a isso o levam os inimigos de dentro e de fóra. Fizeram-no fanatico e sequioso de sangue ao mesmo tempo os conselheiros, os padres da Companhia. Não ha ter mão d'elle. Assim que o lanço se lhe ageitar, lá vai...

— E Ruy irá tambem?

— Se for, corre-lhe obrigação de ir. Todos os fidalgos irão. Como ficar e ver ir el-rei?

— Que vá el-rei muito nas boas horas, mas meu filho, não! — exclamou D. Thereza. — Para o conter, não me hão-de faltar forças! Se as lagrimas não valerem, de rojo me levará!... O' meu Deus! pois ainda me guardaes para ver partir-se meu filho para Africa! Não basta o que eu chorei nas idas de meu marido, que de lá me veio com a morte na garganta e com as feridas ainda abertas! Jesus! que desgraçada esposa fui e que desgraçada mãe estou sendo!...

— Que lastimas, Santo Deus, que lastimas! — atalhou D. Jorge — Já vossa mercê se está figurando a frota que se abala, e seu filho que vai e a mourisma que lh'o come! Se todas as mães assim fossem, quem ganharia Portugal aos infieis? quem passaria o cabo

tormentorio, quem daria azo ás façanhas que ahi andam cantadas por um filho do meu amigo Simão Vaz de Camões?... Veja que exemplos referem os soldados, que vem da India, do heroismo das mulheres de Gôa e Chaul...

— Ai! snr. D. Jorge,—interrompeu a viuva—não sei nem quero saber o que essas mulheres fizeram... Eram mães?

— Eram; e algumas, que perdiam um filho, offereciam outro ao serviço do rei...

— Então...—tornou D. Thereza—eram mais do que eu... não eram sómente mães; eram santas... Pois Deus não me chamou ainda a grau de virtude e conformidade tão alto... Sou mulher... não tenho outro filho... nem me alimento de commendas de el-rei... Os que receberam melhor premio que meu defunto marido, vão, vão esses augmentar o que teem. Eu dou-me por feliz com o meu pouco e com o meu filho... Se elle quer ir, que m'o diga já para eu me deixar morrer sem mais comer bocadinho de pão nem beber sede de agua! Hei-de estar morta quando elle embarcar... e Deus se amerceie da minha alma, que tão passada de dôres sahe d'esta vida!...

— Minha irmã, minha pobre senhora!...—redarguiu D. Jorge—Isso é que é atormentar-se imaginariamente! Ninguem sabe ao certo se vai el-rei á segunda jornada de Africa; e, caso vá, não é sabido nem provavel que vá Ruy...

— Mas meus sobrinhos D. Antonio e D. João já me disseram que não ficam...

— Porque deshonroso seria ficar...

— Então quer dizer que meu filho se deshonra, não indo?

— Deshonrar-se não. Quantos fidalgos de tomo teem de ficar, e sem labéu? Seu filho será um d'elles, e eu, forçado por minhas obrigações, ficarei tambem. Não são setenta e dous annos que me peiam. Lá hão-de ir, se essa má sorte nos aguarda, os homens do meu tempo, os que aprenderam a terçar com barbaros na India de D. Manoel, e lá ganharam callo nas cicatrizes que ainda vedam sangue valoroso e prompto a derramar-se pela patria. D'esses ha já pouquissimos, e por isso eu tremo pela sorte de el-rei, se levar ávante o seu funesto designio. Bem m'o diz o meu amigo D. Jeronymo Osorio e ao rei o disse já: «Queriam-se menos cassoulas e mais cassoletes para tamanha empreza...» Emfim, senhora minha, dê tempo ao tempo, mas tome conta do que lhe digo: mal por mal, antes vá Ruy para Africa do que para Ninães. Em Africa póde esperal-o a morte com honra; em Ninães ha-de devoral-o uma desesperação aviltadora, um inferno incomparavel, um desejo de vingança que lh'o ha-de atirar louco aos seus braços ou homicida ao peito do rival!... Mas, diga-me, senhora, em quantas batalhas entrou seu marido? Em todas que se travaram na Africa e no Oriente, durante trinta e cinco annos do reinado do senhor D. João III. Pois seu marido e meu chorado irmão morreu em sua casa, e no seu catre. Ruy Gomes póde ir verter sangue onde seu pai deixou o d'elle e voltar glorioso com o seu rei, cheio do seu jubilo de homem prestadio á patria de seus avós e esquecido para sempre d'essa mulher que o ia reduzindo a um obscuro caçador de lebres nas tapadas do Minho!

D. Thereza não podia disputar. Cerrára-se-lhe o coração e a garganta com os gemidos. D. Jorge deixou-a, dando aos hombros e murmurando:

— Pobre mãe! Que infeliz tens sido... e serás!...

Quem espertava no animo de Ruy Gomes o herdado instincto das batalhas eram o almirante e seu irmão, cujas praticas não visavam a outro alvo. Mórmente D. João de Azevedo, o incendido moço que, volvidos dous annos, perpetuará seu nome, abalisando-o entre os mais egregios de sua estirpe, dizia que iria servir em guerras de potentados estrangeiros, se D. Sebastião não adiantasse conquistas em Africa ou India, ou Castella, «sobretudo Castella!» exclamava elle, evocando as victorias de Aljubarrota e Atoleiros.

Continuavam a toda a hora estas bellicosas palestras entre moços exuberantes de vida, anciosos de correrem sobre cadaveres a toda a furia de espumantes murzelos, rasgando a ferro barreiras bronzeadas de mouros, indios ou hespanhoes. Era bom vêl-os em arraiaes phantasticos, circumscriptos á sala de armas do almirante, cortarem com as espadas o ar sibilante ou botarem-lhes os fios das menos provadas nos arnezes uns dos outros, repartidos em filas adversas. N'estes pugnazes ensaios primavam os dous filhos de Pedro de Alcaçova, o filho mais velho do conde de Tentugal, os dous filhos de D. Alvaro de Castro. Todos estes e muitos que alli iam amestrar-se e docilmente recebiam preceitos do ancião D. Garcia de Menezes, todos e com elles o venerando mestre, volvidos alguns mezes, conheceram quão pouco pode a ousadia juvenil, sacudido o freio da disciplina. Morreram. Disseram os chronistas que lhes foi

obelisco os acervos de cadaveres sobre que cahiram. Foi; mas morreram; e tinham mãe, e esposas e creancinhas, em cujas faces puderam dar o derradeiro beijo. Oh! a gloria!

E as lagrimas? A gloria dos fastos, a convenção de uma palavra que as mães, as esposas e as creancinhas não entendem!

N'esta convivencia, pois, Ruy Gomes tanto se deixou entrar do animo dos seus parceiros de idade e progenie, que de si mesmo se admirava, recordando o desaffecto que já um anno antes, tinha aos heroismos da guerra e o menospreço com que ouvira as baforadas belligerantes de João Mendes Cogominho.

Assim mesmo, divertido em jogo de armas e adestramento de estardiota, não se lhe delia da memoria a já esposa do senhor de Pouve. No dia em que lh'o disseram pessoas conhecidas do chanceller, Ruy Gomes deu mostras de um aspecto novo da sua paixão, sahindo-se em impetos furiosos contra o seu principal amigo, D. João de Azevedo, cujas palavras consoladoras arguiam tambem censura ao fraco animo de seu primo.

Durante dias, nem propriamente a mãe lhe conteve o desabrimento. Enfadavam-no as lagrimas e azedavam-no as censuras. Voltava-se irado contra D. Jorge e repellia com termos insolitos a severidade do ancião. De alma e rosto desformára-se notavelmente aquelle moço, que, pouco antes, tão docil e brando sobpunha a sua vontade, sem que o grande desastre de suas esperanças lhe désse ousío á rebellião.

Acalmou-se esta febre, que justificava o receio de desconcerto no juizo. Volveu a costumada tristeza com intermittente de uma alegria não menos suspeita de tres-

vario. Perguntava a esmo e abruptamente se el-rei ia definitivamente a Africa. Acoimava de fracos os timidos do successo da guerra e odiava os contraventores do arrojado neto de el-rei D. João II, assignalando como desastrosa para o futuro de Portugal a influencia de conselheiros senis como o bispo de Silves e D. João Mascarenhas, cujo espirito timorato D. Sebastião queria submetter a uma junta de medicos para tirar o limpo se a velhice era attreita á covardia.

D. Thereza era avisada d'estes discursos. Chorava diante de Deus, chorava diante do filho, a todos pedia com mãos erguidas que lh'o não roubassem.

E, um dia, quando ella mais ternamente o demovia, porque já estava declarada guerra a Muley Moluk e aprasada a estação da partida, Ruy lançou-se nos braços de sua mãe e exclamou:

— Preciso de morrer!...

X

As damas heroicas e o bispo do Porto

Os prantos de D. Thereza, em vez de commoverem e apiedarem os parentes, davam causa a reparos pouco menos de censuras. Quantas damas a ouviam carpir-se em casa do almirante se davam como exemplos de animo e amor á gloria da sua patria; porque todos tinham ou filohs, ou irmãos ou esposos apercebidos para a jornada de Africa. D. Maria da Camara, a neta do conde de Tarouca, e mãe de D. Antonio e D. João de Azevedo, era a primeira a exclamar:

—E eu! eu, que tenho dous filhos, não hei-de vêl-os ir ambos? Minha mãe e minha avó não se reportaram conformadas, quando a patria lhes demandou o mais caro thesouro de sua alma?... Não chore assim, prima Thereza, que as mulheres no nosso tempo affizeram-se a considerar mais filhos da patria do que seus os proprios filhos. E' primor d'elles e orgulho nosso creal-os para defeza do rei, que fia dos estremados vassallos a

conservação dos gloriosos nomes dos avós d'elle e nossos. Meu sobrinho Ruy deve ser dos primeiros na guerra, porque seu pai tambem o foi...

— E o derradeiro nas mercês como seu pai...— atalhou D. Thereza.

— O derradeiro?! — perguntou D. Maria Gonçalves da Camara.

— Sim, minha prima, o derradeiro; mas a vez, ainda assim, nunca lhe chegou, porque todos eram primeiros antes d'elle...

— Maior gloria para meu primo Ruy! — disse D. Antonio de Azevedo, que entreviera na contenda das senhoras.

— Maior gloria... diz v. s.ª, snr. almirante? — perguntou a viuva.

— Sim, minha tia e senhora. Vai seu filho justificar e patentear as injustiças feitas a seu pai. Se voltar de Africa, ainda com as cicatrizes mal fechadas, poderá dizer como seu pai e meu tio disse n'esta casa n'uma das voltas da India: «Os bizalhos de diamantes que trago do Oriente são as pontas de algumas azagaias que não pude ainda descravar de uma perna. Se algum dia pudér tiral-as, farei d'ellas arrecadas para enfeitar minha mulher, que ainda não sabe o que são pedras da India.» Eu era pequeno, quando isto ouvi; e vendo que meu avô, o snr. almirante D. Lopo Vaz de Azevedo, se abraçava no sobrinho a chorar de alegria de tal parente, fui eu, levado de minha impetuosa admiração, beijar a mão de meu tio e seu marido, minha senhora e tia D. Thereza. Ora aqui está porque seu filho vai na companhia de el-rei: é porque é filho de tal pai; e faça vossa mercê, minha senhora, quanto em si cou-

ber para que este moço guarde e defenda a herança, cujo mais augusto vinculo é a pobreza de commendas e mercês. Deve-lhe muito a patria? melhor. Os Azevedos são tão ricos das tradições, que despresam a recompensa dos que hoje as dão e servem os que n'outro tempo as deram. Nós e os que foram comnosco no Val da Matança, em Ourique, em Aljubarrota, em Diu, e Malaca, fizemos e seguramos a corôa na testa dos reis: agora, corre-nos o dever de sustentar o feito pelo que elle é e não pelos descendentes d'aquelles a quem o fizemos. Quando a Portugal volver outro D. João II, cruzaremos os braços; e, ao soarem os anafis da mauritania ahi ás portas de Belem, vamos do alto de Valverde e Santa Catharina ver como as flammulas dos reis africanos campeiam desfraldadas por esse Tejo acima. Por ora, não. Ajudemos os espiritos do rei moço, que tem fada benigna a segredar-lhe destinos assombrosos. Não façamos grita desconchavada, porque vamos alli a Africa, onde cada hora iam nossos paes se mandarem porte mplos e mosteiros, pedindo reliquias de santos, como ahi fazem agora. Espadas de boa tempera e arnezes de prova é que elles se esmeravam em levar. Tanto prantear que ahi vai! Não é sómente minha tia que se carpe. Espantoso abastardamento de condição portugueza! Como se não sahisse de Sagres Bartholomeu Dias para os confins da Africa e de Restello Vasco da Gama para o Oriente...

N'este lanço do enthusiasta discurso, D. Ayres da Silva, bispo do Porto e hospede do almirante, como estivesse silencioso escutando as damas e o vehemente D. Antonio, acudiu agora ao ponto em que o discursador parecia asseverar que a nação folgava e as mães

coevas de D. Manoel viam impassiveis sahir seus filhos a defrontar-se com o Adamastor e exclamou:

.....

Mas um velho d'aspecto venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça descontente,
A voz pesada um pouco alevantando
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

Oh gloria de mandar! Oh vãa cubiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gôsto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades n'elles experimentas!

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios.
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamão-te illustre, chamão-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamão-te fama e gloria soberana,
Nomes, com quem se o povo nescio engana!

O bispo concluiu,

meneando,
Tres vezes a cabeça descontente,

como o velho de Restello.

O almirante sorriu-se e perguntou :

— Isso é do Luiz cego?

— E' do cego, e do torto, e do coixo e do que tu quizeres!—disse o principe da igreja—E' a verdade escripta pelo poeta que sabe do mundo... e de guerras : tanto sabe, que lá deixou o olho em uma, signal de que o feriram na cara. Mancebo, não digas de mofa o *cego*. Luiz de Camões é um dos que, no teu dizer de ha pouco, defendem a herança, cujo mais augusto vinculo é a pobreza de commendas e mercês. Se lhe não valessem os frades... E aquella pobre mãe... que fins de vida!...

— Elle tem ainda mãe?!...—acudiu D. Thereza.

— Tem, prima, tem... aquella pobre senhora Anna Macedo, que ahi está com o filho em pobre casa na calçada de Sant'Anna. Correu-lhe triste a mocidade com o travesso do marido; e a velhice tristissima lhe vai indo com a pobreza do filho, que todos admiram e poucos soccorrem...

— Mesquinha sorte!—disse a mãe de Ruy.

— Os companheiros de Luiz de Camões—observou o almirante—dizem que elle na India era o adail das motinadas e esturdias, e fidalgo de pouca conta entre os outros. Era mais homem de foliar e gastar o seu e alheio que de curar de seu adiantamento...

— Foliava, esturdiava e amotinava...—interrompeu o bispo — tudo isso... e escrevia os *Luziadas*... Valha-te Deus, meu sobrinho D. Antonio!... Parece-te que não basta perder um olho e escrever um livro d'aquelles para ser um homem acrescentado, e a mãe de tal homem farta de pão na sua decrepidez!... Ora sejamos justos e digamos que Luiz de Camões, se

tivesse nascido sessenta annos antes, seria bem acceito na côrte do senhor rei D. Manoel. A tença que lhe dão é tal, que mais avisado andaria quem lh'a alvidrou deixando perecer de mingua o poeta, para que na pobre vida que leva não estivesse accusando esta geração de hoje em dia afistulada de herpes e podre até ás medullas...

— Isso diziam já da sua geração os paes de v. s.ª illustrissima...—atalhou, sorrindo, o almirante.

— Diriam; porque nossos avós tinham ouvido fallar dos tempos de D. João II.

— E dos tempos de D. João II, do amigo dos fidalgos—acrescentou ironicamente D. Antonio de Azevedo.

— Tanto quanto os fidalgos engraçavam com elle—redarguiu o bispo do Porto.—Meu sobrinho e snr. almirante, não comparemos quadras, que esta é desgraçada a mais não poder ser. Todas tiveram seus Pachecos e Albuquerques, todas se assignalaram com ferretes de reis mal agradecidos, e privados corrompidos e corrompedores. Tudo, porém, o que ahi ha triste na historia lusitana são laivos negros communs á historia de todas as nações. O peior é o porvir, meu sobrinho. O vento africano traz peste de morte...

— Ahi vem v. s.ª ás razões da snr.ª D. Thereza, minha tia!—atalhou o almirante.

— Bem haja o snr. bispo!...—disse a mãe de Ruy.

— Minha prima—retorquiu D. Ayres da Silva—lastíma um filho e eu uma patria, o aggregado de quantas mães e quantos filhos ahi são. Choro-a, mas não ficarei a vêl-a nas agonias. Tambem vou, meu sobrinho, e vai commigo o que tenho mais conjunto de meu sangue: irá tambem commigo meu irmão, o velho frei João da

Silva. Lá nos veremos. Ahi tens, D. Antonio de Azevedo, que me não lanço nas razões da snr.ª D. Thereza. Vou d'esta idade; iria na derradeira decrepitude. Como indultaria eu a mãe que embaraçasse a ida de um filho na flor dos annos e na obrigação de brioso cavalleiro? Verdade é que, nos meus annos, facilmente se desata um homem do fardo da vida: tanto monta que lh'o queimem umas febres como um pelouro. Mais doe e custa ver seccar-se folhas, flores e fructos á segunda hora do dia formosissimo da vida de um moço tal como Ruy de Azevedo. Triste é, mas a covardia ou o despêgo das obrigações, que interessam o homem em certas estancias da republica, é vil viver peior que morte honrada. Snr.ª D. Thereza, minha prima! agora, alento e coração de egregia matrona! Ahi vai vaticinio do quem os tem bons e terribilissimos: seu filho não ha-de morrer. Viva vossa mercê e vêl-o-ha, galardoado não direi, vivo, que muito é.

D. Thereza de Figueirôa, apesar das animosas damas e da prophecia de D. Ayres, não podia ter as lagrimas.

XI

Lá vão!...

Quando a armada real se fez ao mar, aos 24 de junho de 1578, D. Thereza sahia de Lisboa, caminho do paço de Ninães, mas não levava seu filho.

Já não chorava. As lagrimas são vida; e ella ia moribunda, morta, n'aquella paralysia de sentimento, anihilação de consciencia da dôr, alheamento do senso intimo n'uma intuspecção de outra ordem, de outro inferno em que o padecente acaba por cogitar no seu estado com a incerteza do que passou em si.

Lá vai Ruy Gomes de Azevedo, á hora em que Leonor Correia de Lacerda, do alto de Santa Catharina, com o marido e tio, contemplava as oitocentas velas infladas, empavezadas, trapeando com o impulso da viração, e ouvia o estridor horrisono das charamellas, e o troar da artilheria e a grita do povo a prosperar victorias ao famoso rei, que o saudava da amurada da galé real.

O fidalgo de Pouve dizia:

— Quem me lá dera!...

E Leonor, melencolisada de mimo e despeito, murmurava:

— E deixar-me?!...

— Quantas ahi ficam!...— respondeu João Esteves. — Maridos extremosos quantos ahi vão!...

— Deixal-os ir...— disse o chanceller Pedro Cogominho — que vão com Deus e vai tu para o seguro da tua casa. Veremos quantos voltam...

Esvoaçou no espirito de Leonor o pensamento de ir alli Ruy Gomes de Azevedo, aquella creança que crescêra com ella ao correr de vinte primaveras? Não se sabe. Os relampagos da artilheria não lh'o deixariam ver entre milhares de moços flammejantes de aço e de ouro, mas muito mais de sedas e tabis, trancelins, camafeus, roupilhas e gibões de flacido estofo, que se desfariam n'um prompto, se roçasse por elles um pellote de Nunalvares.

Que bizarros iam! que tafues galãs para conquistarem de assalto os corações das argelinas! Lustroso vai o prestito para cortejo do rei no dia em que elle cingir á fronte a corôa de imperador de Marrocos! (1)

Sumiu-se nas brumas do oceano a armada. Velhos e donzeis, encostados ás pontes e amuradas das naus, punham os olhos nas torres e zimborios de Lisboa, que se

---

(1) D. Sebastião levava já comsigo a corôa de ouro cerrada e Fernão da Silva ia decorando o sermão que havia de prégar, celebrando a victoria. Que lastima! *Manuscripto da Bibliotheca Real*, citado pelo snr. Rebello da Silva, a pag. 163, do vol. 1.º da *Historia de Portugal* dos seculos XVII e XVIII.

lhes escondia na nebrina do Tejo. N'alguns olhos marejavam lagrimas; de outros corriam a fio. Ruy Gomes era um dos que choravam e davam na vista com os arquejos dos mal repressos gemidos.

— Que mulher nos vai sahindo o choramingas! — dizia em secreto D. João de Azevedo ao almirante.

— Vai divertil-o d'aquellas lastimas, que fazem rir... Que chore ás escondidas — recommendou D. Antonio.

Ruy Gomes volveu o rosto para ver quem lhe assentava uma palmada no hombro, bastante affectuosa para quebrar uma clavicula.

— Ainda não é mouro!—disse D. João—Não tenhas medo!

Ruy sorriu e murmurou:

— Se não é mouro, é selvagem... Guarda tu, meu primo, esses murros para a mourisma!

D. João de Azevedo volteou-lhe pelo pescoço o braço e levou-o para o castello de prôa.

— Não se chora assim diante de velhos que vão contentes — disse o pujante moço.

— Os velhos não teem mãe! — respondeu Ruy — Eu estalo de saudades de minha mãe! Ainda agora sei o que fiz... matei-a... matamol-a nós, eu e a infame! Se aquella vibora me não mordesse o coração, eu estava a esta hora na minha aldeia com a minha santa mãe... Perverteu-me a maldita!... Pude despedir-me de minha mãe... abraçal-a... e ouvir uma voz que me dizia: «Não mais a verás!...» E porque, meu Deus! porque me apartei d'ella? Que me fazia a mim ver Leonor casada, honrada, infamada, adorada ou perdida? Que me importava a mim isso? Foi meu tio D. Jorge que abriu a sepultura de minha mãe!... Aqui vou,

aqui vou... sem vontade, sem alento, sem esperança...

D. João cruzou os braços, deixou-o concluir um como monologo repassado de arrependimento e phrenesis, e disse:

— Ruy, a armada lança ferro em Lagos. De lá retira-te para a tua aldeia... Eu direi que a doença te obrigou. Vai para tua mãe; que não ha patria que tanto valha. Assim me forras a mim do remorso de te haver movido a vir. Vai para tua mãe e pede-lhe por mim perdão de ser eu a causa principal de te apartares por alguns dias dos affagos d'ella.

— Já não! — disse Ruy — Irei comtigo; e perdôa-me estas lagrimas... Desafoguei-me e estou melhor.

E não deixou mais que lhe vissem lagrimas. Escondia-se e ás vezes ajoelhava-se, pedindo a Deus que lhe consolasse sua mãe.

O bispo do Porto dava-lhe muita alma, quando, n'uma toada de illuminado por alta revelação, lhe dizia:

— Sua mãe está chorando, mas a paciencia e a conformidade hão de vir socegal-a. Choram com ella milhares de mães. São prantos que regam as flores porvindouras dos jubilos na volta da jornada.

D. Ayres da Silva louvavelmente desmentia os presagios intimos: queria dar alentos o heroico pastor, para cuja vida, áquella hora, o seu rebanho do Porto exorava a Deus a defeza dos seus anjos.

Lá vão!

XII

Alcacer-Kibir

Andam em mãos de todos as descripções minuciosas da batalha de Alcacer-Kibir. Os incidentes de tamanho desastre são mais notorios que os triumphos do cyclo aureo das batalhas feridas com mais disciplinado e numeroso inimigo. Os captivos de 1580 contaram-os aos filhos e estes aos netos dos poucos que vieram á patria dar testemunho da mais affrontosa derrota com que a Divina Providencia podia castigar a soberba cega de uns barbaros que se arregimentavam com a cruz na avançada — a cruz, o guião do amor e da misericordia!

O dia 4 de agosto de 1578 devia de ser de alegria lá em cima, onde a justiça de Deus é saudada pelas almas boas que d'aqui foram sem nodoa de sangue nem migalha do pão roubado a homens. N'aquelle tempo, seriam muitas as almas portuguezas que podessem saudar a divina justiça fulminante nos arraiaes de Alcacer-Kibir? Não entro n'esse computo, mas suspeito que não

fossem muitas. D. Sebastião, o doudo providencial, pagou por si, por D. João III, por D. Manoel, por D. João II, pelo conquistador de Tanger, pelo conquistador de Ceuta. Os centenares de fidalgos que ahi cahiram, covarde ou heroicamente, pagaram tambem, porque eram os netos dos algozes subalternos. Aquelles homens deviam ver no céu de Africa a imagem do Juiz Supremo muito mais lucida e distincta do que a tinha visto Affonso no céu de Ourique. Os mais cordatos de certo viram Deus; os cegos, os ardentes e phreneticos matadores, esses, por desventura, se finaram blasphemando-o. Tão desamparados do céu e dos santos, que ninguem viu braço com aza de S. Miguel, nem montante de S. Thiago nem espada de S. Jorge! Aquilo foi um batalhar todo de homens, um desastre bem discutido, bem verificado, estreme e liso, depurado e limpo de milagres para poder entrar na historia sincera, sem que os Herculanos hajam de encendral-o no crisol da critica. Desgraça cheia e definida, ácerca da qual um qualquer escrevedor de baixa conta póde, sem travor de impiedade, dizer que Portugal n'aquelle dia não teve por si Deus nem Satanaz. Morreu, e nem sequer gloriosamente! As heroicidades de algumas dezenas de valentes sem chefe nem disciplina, em vez de contrapesarem a pusillanimidade de muitos, comprovam a decadencia, o concerto de traças, até certo ponto, providenciaes e operatorias de tal successo. A valentia, n'aquellas poucas horas da agonia de Portugal, era o escabujar do moribundo, o estorcer-se vigoroso do ethico nas derradeiras vascas. A desesperação matou os mais d'elles, antes que o ferro arabe os cortasse. Os que tinham appellidos e deveres contrahidos com as commendas e com a historia tolerante e abje-

cta morreram de feitio que Jeronymo de Mendonça, e frei Bernardo da Cruz, e frei Manoel dos Santos, e Miguel Leitão de Andrade e Bayão podessem dizer: «Venderam caras as vidas.»

E Ruy Gomes de Azevedo? Quer o leitor que se lhe mostre o lagrimavel moço por entre o ondear d'aquelle sangue e fumo. Abra ahi qualquer dos seus mais dilectos narradores da batalha expiatoria. Siga no revolucar incerto e desatinado do exercito portuguez o movimento do terço de aventureiros, capitaneado por Alvaro Pires de Tavora. Está ahi Ruy Gomes.

Veja hasteado na frente um crucifixo. E' o padre Alexandre da Companhia que o arvora. Não se presta o bondosissimo Jesus a servir ás ordens de D. Sebastião. As primeiras bombardas que afuzilam da hoste inimiga matam dous aventureiros. Rompe o esquadrão por sobre os cadaveres dos dous fidalgos. O capitão morre de uma mosqueteada. Até alli a carnagem era ferozmente espantosa. Ruy Gomes era igual a todos. D. João de Azevedo escasso tempo lhe crescia para se admirar das certeiras alabardadas do primo. Ressoavam já gritos de *victoria* pelos portuguezes, quandó cahiu o capitão e outro exclamou :—*Ter! ter!*

Este brado decidiu da batalha, porque o terço dos aventureiros quedou-se e d'ahi a pouco retiraram desordenados. São as monographias da batalha que o dizem. O brado do capitão Pero Lopes ficou sendo uma cousa que ainda ha-de ser pesada por historiadores competentes. Foi aquelle Pero Lopes que tirou a corôa imperial de Marrocos da cabeça de D. Sebastião e sobrepoz a purpura de Portugal na de Philippe II de Castella! Que elementos nos deixaram para uma boa historia!

Revertamos aos aventureiros.

Muitos d'elles já são mortos e os vivos correm o campo desordenados.

Ruy Gomes de Azevedo ouviu um grito de D. João que dizia:

— Matam meu irmão!

Correram sobre a turva de mouros que o cercavam. Romperam o redobrado cêrco a golpes, mas o almirante já estava morto.

D. João vociferou um rugido. Envolveu-se com Ruy Gomes n'uma espadana de sangue. D. João cahiu de um tiro no peito. N'este comenos chegou el-rei a salvar a artilheria já tomada pelo inimigo. Ruy misturou-se com os fidalgos da comitiva d'el-rei. Vingaram libertar a preza; mas, ao desandar da remettida, viu moribundo o bispo do Porto. Quedou, contemplou com lagrimas os paroxismos do velho. Perto d'este, arrancava da vida o bispo de Coimbra e contorciam-se nas ultimas ancias os seus amigos que esgrimiam em casa do almirante. Conhecidos seus nenhum lhe restava: todos vira mortos. Entrou-se o moço do convencimento da geral derrota. Já corria a voz de ter fugido D. Sebastião. Bandeira portugueza nenhuma; e todos procuravam a de el-rei. Uns o pregoavam captivo e outros morto.

De repente, n'um vórtice de cavalleiros, reconhece Ruy Gomes o rei. Abre a ferro a curta distancia que o separava; mas, ao acercar-se dos cavalleiros, no acto em que os mouros travavam de D. Sebastião, sentiu que uma lançada lhe abria o peito e cahiu a tempo que o rei ia fugindo.

. . . . . .

Deixemos agora, leitores, por breve espaço, os mortos, os feridos e os captivos de mouros.

Celebram-se as exequias de D. Sebastião na sé de Lisboa. Vai prégar orador de cunho. E' o deão da sé de Silves, homem que deve ter a cabeça allumiada das ideias do seu bispo Jeronymo Osorio. Perdôe-me o preclaro deão figural-o eu n'este baixo tablado de uma novella. Releve-me a ousadia em paga de eu o fazer conhecido. E ao leitor peço licença de o advertir que os fragmentos d'este sermão de exequias ensinam a historia do tempo melhor de quantos dissertadores ahi batem no fanatismo de D. Sebastião e na protervia dos seus aulicos.

Entremos á sé. O deão já começou. Perdeu-se o exordio: aproveitemos o restante:

. . . . . .

«Que deshonra esta do nosso rosto, deshonra de nossos reis, deshonra de nossos principes, de nossos bispos, de nossos prégadores, de nossos pais! Que deshonra esta para vós, rei D. Affonso Henriques; pois as vossas armas, com que libertastes este reino, com que vencestes cinco reis mouros no campo onde Jesus vos appareceu crucificado, no campo de Alcacer-Kibir, não sem grande deshonra nossa, ficaram! Que affronta esta para D. João I, de gloriosa memoria, cujo esforço deu a este reino Ceuta, chave de toda a Hespanha! Que affronta para os reis que sopearam Africa! Que affronta para vós, ó grande rei D. Manoel, a cujos pés todos os reis do oriente vinham com as mãos cruzadas dar obediencia! E que direi de vós, senhor D. João III, santo (digo *santo* porque o santificaram suas obras), em cujo

tempo houve este reino muitas e mui grandes victorias, quando vejo vosso neto assim despido entre os mouros no campo de Alcacere e sem sepultura! Que vergonha esta! que deshonra!...

«Cuidar n'isto parece sonho! Quem viu, hoje ha trez mezes, Portugal e o vê agora! Tanta festa! tanta galantaria! tanta riqueza! tanta formosura! Quem cuidára que em tão breve tempo com tanta deshonra havia de acabar tudo! De mim vos direi que nunca me agradaram todas estas festas; antes então se me enchiam os olhos de agua, quando mais contentes e formosos os via. Não sei que espirito me dizia o que isto veio parar! Ao menos nunca vos eu abonei esta guerra; antes vos gritei a desordem d'ella, tanto que a muitos de vós parecia doudo...

«Amigos, isto é acabado!... Tremem as carnes cuidar n'esta desventura! Cansam os espiritos, enleia-se o entendimento!...

«Não morrestes vós, meu rei, na guerra como covarde; vossas mãos não foram atadas como captivo; vossos pés não trouxeram braga nem vos feriram por detraz como quem fugia. Não dissestes: «Sou rei, não me mateis»; estimastes mais a honra que a vida... Rei de menino, creado á vontade com fumos de imperador de Marrocos, levantados com authoridades de muitas mentiras, entonados com tantos capêllos, e assoprados com tantas lettras e tanta nobreza, não era muito que nol-o levassem onde o vimos; e sobretudo nenhuma culpa tendes, meu rei, porque vossos annos, se o eram, correndo a idade, poderam ter remedio e emenda.

«Pois quem vos matou, meu formoso?... Matou-vos o bispo, matou-vos o clerigo, matou-vos o frade, matou-

vos a freira, matou-vos o grande, matou-vos o pequeno, matou-vos o privado, matou-vos o baixo, matou-vos o povo, matei-vos eu, matamol-o todos quantos somos; pois entre nós não houve um tanoeiro que lhe tivesse mão pela redea, como se fez a outro rei d'este reino...

«Mas Deus é justissimo. Já que vos a vós não lembrou o bem commum, senão só o vosso particular interesse foi tão grande que a todos fez calar, e não houve ninguem que gritasse, todos mentistes, todos lisongeastes, nenhum de vós fallou verdade, recurvando e retorcendo a condição do rei a insaciavel fome da vossa cubiça, um para casar as parentas, outro para melhorar o officio, outro para haver commenda para filhos e netos!... Deus é justissimo; não vos tomeis com elle; que tantas lagrimas de pobres, tantas oppressões de povo, tantas vexações tão exorbitantes em que o rei tinha pouca culpa ou nenhuma... pois não faltavam lettrados que lhe diziam que sim podia; mas como a culpa toda foi vossa e de nossos peccados, juizo justissimo é de Deus que não tenhaes paes, nem maridos, nem filhos, nem irmãos, nem parentes, nem honra, nem vida, estou em dizer que nem Deus, senão affronta perpetua, sibilo (?) perpetuo, ignominia indelevel em vosso rosto!...

«Mas, direis vós: «Padre, bem me está a mim que isto seja a quem lá levou el-rei; mas o meu filho, o meu marido, o meu irmão, o meu parente e os mais que não foram n'esse conselho, mais que por obrigação de lealdade, que devem a seu rei, o seguiram, que culpa teem n'isso? «Respondo-vos que n'isto teem culpa e morreram na empreza duvidosa da salvação; os que a não teem levavam sobre si a de seus paes...

«Mandavam os nobres de Portugal tão soberbos, tão entonados, que ainda na igreja faziam sobrancerias a Deus! Ao homem, que não era fidalgo, não era de sua bocca mais que villão ruim. Permittiu Deus leval-os a terra onde lhes não catem cortezia, mas lhes chamem cães perros e lhes puchem pelas barbas, dando-lhes bofetadas e repellões. Gastaveis vossas rendas com tantas demazias, e que mais custoso era o feitio de umas só calças vossas, do que era a renda que em toda a vida vossos avós, sendo melhores que vós, tiveram. Levou-vos Deus a terra onde não tenhaes vestido nem calçado; onde as pernas, costumadas a calças de agulha, tragam adobes e ferros, sem camiza e sem goalteira.

«Não podieis dormir senão em camas molles e defumadas com polvinhos á cabeceira em leitos dourados, e cortinas rendadas de prata e ouro; que não tenhaes agora cama nem leito, senão dous palmos de chão em uma fedorenta masmorra com uma pouca de palha com um tebes roto.

«Não podieis comer senão bocadinhos e guizadinhos a que não ha atinar com os nomes nem beber senão vinhos preciosos; que vades a terra onde pão vos falte e que louveis a Deus achardel-o de farellos, nem de agua vos vejaes fartos.

«E vós, senhoras minhas que cá ficastes, que vos não compadeceis da pobre mulher africana que vos vinha pedir ajuda para resgaste do marido ou filho, que vos vejaes tão pobres, gastadas e endividadas com vossas loucuras e de vossos maridos, que agora para seus resgates haveis de pedir esmola á misericordia, e que vos não ouçam.

«E vós, mimosa, que por dormir até ao meio dia não

vinheis ao domingo á missa, que percaes o somno, e vades de noute e de madrugada descalça buscar as santas reliquias, e que vos não ouçam.

«E vós, namoradiça, que vos direi? Não quero mais dizer... Cuidai-o vós...

«E não vos pareça que foi este castigo repentino. Não. Já vem de muito longe. Muitos annos ha que nos ameaça Deus com elle, a ver se havia emenda em nós...

«A peste que todos vimos. Quem morreu d'ella foi só gente pobre e baixa a quem faltaram herdades e quintas a que se acolhessem.

«Quando d'esta barra foi uma grossa armada ao Brazil que tomaram os francezes e não perdoaram a alma viva, e tingiram as ondas do mar bravo com o sangue dos nossos portuguezes.

«A destruição que com nossos olhos vimos n'essa barra da grande e poderosa frota que se armou, de que era general o senhor D. Duarte, que está em gloria...

«Quão perdido e despojado fica Portugal d'esta guerra, com os olhos o vedes. Qual dos que lá foram não levou d'aqui as peças mais ricas de ouro e prata de sua casa, e quantos levaram de emprestimo o que suas mulheres e filhos não pagarão em toda a vida!...

«Vede se sou doudo ou não, como alguns de vós dizeis; pois havei por entendido que ainda Deus não recolheu o açoute, ainda não embainhou a espada; e se vos não emendaes muito devéras temo outro castigo muito peior que este; e quanto a mim não duvido que tarde, mas antes que muito depressa venha assoviando pelas orelhas; pois ainda agora ha homens tão encarniçados no odio como antes, tão grandes ladrões como

d'antes; não vejo n'isto emenda: antes cada vez peior. Tempo é este para se não comer pão alvo em nenhuma casa, e vós fazeis marmeladas; para vestir burel e cilicios, e vós mimaes-vos como sohieis.

«Não choreis, que me não fio de vossas lagrimas, quando vejo que são lagrimas de Saul, de Ezaú e de Judas... Não vos vejo chorar mais que *ai! meu pai! —ai! meu filho!—ai! meu marido!—ai! meu irmão! —ai! meu amigo!* Quizera que chorasseis a honra de Deus, as blasphemias que ora dirão os mouros ao nome bemditissimo de Jesus, havendo que é melhor o seu Mafamede, pois não nos livrou das suas mãos! Chorai as bandeiras de Christo arrastadas pela areia! Chorai a honra de Portugal perdida! Chorai a infamia d'este reino sempiterna! Chorai o vosso rei que com lagrimas pedistes, com lagrimas houvestes, com lagrimas perdestes... Chorai-vos a vós, que para outros móres trabalhos estaes guardados, e olhai que sempre vos gritei verdades...»

N'este ponto do pungitivo sermão, por sobre o ressoar de gemidos e soluços, avantajou-se um clamor afflictivo de uma voz que dizia:

—O meu filho, Deus de misericordia! o meu filho!...

E, logo, trazida em braços de pessoas que a levantaram do pavimento, sahiu ao alpendre da sé uma senhora idosa, sem alento, com a face coberta de lagrimas, seguida de outra arrastando lucto com sua comitiva de dous lacaios. Convisinhou do atrio uma liteira, á qual foi transportada a senhora desmaiada, e logo entrou a recebêl-a nos braços a dama, diante de quem se descobriam os circumstantes. Esta era a mãe do almirante

D. Antonio de Azevedo, morto em Alcacer. A outra era a mãe de Ruy Gomes de Azevedo, cujo destino era ainda ignorado em Lisboa.

Assim que a nova funesta chegou a Ninães, D. Thereza metteu-se a caminho de Lisboa. Entrou á casa do almirante e viu sua prima de lucto. Perguntou por seu filho e D. Maria da Camara respondeu-lhe:

— Um dos meus sei eu que morreu. De João nada sei nem de Ruy. Já sahiram de Lisboa com ordem de os procurar os religiosos da Trindade; e, se estiverem captivos, em resgate d'elles darei tudo e mendigaremos todos.

D. Thereza, a quem Deus não dotára com a força de alma de sua prima, concentrou-se n'um scismar e chorar, que parecia um voluntario ir-se ao alcance da sepultura.

Como levada de rastos, a titulo de invocar a piedade do Senhor, foi ás exequias do rei. As vozes do deão de Silves esquartejaram-lhe o coração. Terribilissimo e duradouro abalo produziu o discurso do dignitario, a quem, segundo elle confessa, o publico chamava doudo com alguma justiça. (1)

---

(1) O sermão, cujos periodos se publicam, é inedito. Tenho-o n'uma collecção manuscripta e autographa de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, abalisado poeta, coevo do prégador e colleccionista das primeiras rimas de Camões que se publicaram em 1595. Em uma nota que precede esta peça concionatoria escreve Soropita: *Pregaçam que dizem que fez o Daiam da See de Silues do Algarue em Lixboa nas exequias del Rey Dom Sebastiam, e despois soube eu que disera o conde de Portalegre que era de Luiz Alures, Collegial da Companhia de Jesus, o que me pareceo veresimil por esta ser a linguagem de Luiz Alures.*

Este padre Luiz Alvares não póde ser o fallecido em 1709 e mencionado pelo snr. Innocencio Francisco da Silva, embora ultrapassasse os noventa e tres annos, como presume o douto bibliophilo. Ha, portanto, outro Luiz Alvares, jesuita, mais antigo, cujos sermões, conhecidos de Rodrigues Lobo Soropita, não foram impressos, ou, se o foram, se desconhecem. Pois é pena! O que eu sobremaneira admiro é como elle escreveu, para o deão de Silves recitar, um sermão em que o prégador duas vezes se refere á sua notoria doudice! O sermão excede, a meu vêr, a fama do orador!

XIII

Mãe!

Os mouros, vencida a batalha, curavam, com mais solicitude que propriamente aos seus, os inimigos feridos, se pelo trajo e compostura lhe pareciam fidalgos. A obvia intenção d'esta caridade era guarecer um corpo que, no resgate, seria pesado a ouro.

Ruy Gomes de Azevedo e o irmão do finado almirante deram nas vistas dos soldados de Muley Hamed, atarefados em despojar os cadaveres. Ambos viviam, mas já quasi esgotados de sangue. Estancaram-lhes pressurosos os mouros o restante da vida; e, já seguros de que os feridos se resgatariam por bom preço, os transportaram para Fez. Entreviram-se D. João e Ruy no acto em que os captivos a milhares eram arrebanhados. Alegrou-se quanto no lance podia o coração de Ruy; acercou-se do primo, amparando-se ao hombro do soldado, que o ia espoliando das cousas de algum preço, e lançou-se nos braços de D. João, exclamando:

— Que sorte!... E aqui morreremos!...

— Não! — disse o irmão do almirante—Eu não quero ainda morrer... Estas zagunchadas curam-se e a liberdade compra-se... Não esmoreças, Ruy! Sê tão paciente agora como valente eras ha pouco.

O scherif tomou posse dos que se lhe figuraram fidalgos. Entre os cincoenta e quatro, que depois subiram a oitenta, postos a resgate, foram arrolados D. João e Ruy. (1)

Em Fez se restauraram os dous enfermos, bem que acorrentados nas sejanas, sob o cuidado de D. Duarte de Castelbranco e Luiz Cesar de Menezes, nomeados directores da enfermaria.

Os fidalgos negociadores do resgate offereceram oitenta mil cruzados pelos captivos do rol do scherif. Espantou-se o vencedor da sovinaria da offerta e determinou o preço dos oitenta captivos em quatrocentos mil cruzados.

Dous mezes e seis dias depois da batalha lavrou-se o contracto.

Vieram a Portugal alguns fidalgos ajuntar o dinheiro pactuado.

D. Thereza Figueirôa recebeu carta de seu filho. Contava-lhe em termos não exactos seu estado. Desfigurava grandemente a verdade d'elle, desencarecendo tormentos que, no seu dizer, não bastavam a dobrar uma pouca paciencia. Mostrava desejos de ser resgatado para vêl-a, mas recommendava-lhe que désse para a somma dos quatrocentos mil cruzados em que os oitenta fidal-

(1) Veja a lista dos oitenta fidalgos em todos os monographos da batalha.

gos tinham sido cotados o que podesse, sem desfalque de sua abundancia e decencia.

Que reflexões para mãe como ella!

D. Thereza pedia dinheiro de emprestimo aos seus parentes mais abastados em Lisboa, reservando a paga para quando seu filho viesse vender de sua casa o necessario ao pagamento. Ninguem lhe acudiu. Os mais ricos vendiam ao desbarato os seus bens para resgatarem filhos e irmãos.

Ruy estava cortado em tres mil cruzados pelos juizes do lançamento.

Sahiu para o Minho a deliberada senhora. Offereceu as melhores terras, que ainda unidas ás de menos valia escassamente produziram tres mil cruzados, que era, por então, quantia de grande alcance. Ficou a viuva de Vasco de Azevedo reduzida ao paço de Ninães, e hortas e jardins circumjacentes d'aquelle quasi caduco pardieiro.

Não obstante, arguia animo egregio e desapêgo de tudo. Restava-lhe seu filho, o thesouro de sua alma. Vendia sem tergiversar, sem saber a quem. Dinheiro é que ella queria. Contava-o alegremente, recontava-o, parecendo-lhe pouco para o descaptiveiro de seu filho tanto ouro. Chegava á janella, de onde, pouco antes, quanto em roda via era seu e dizia:

—Nada é já meu! tanto monta!... Vem ahi meu filho!... Comeremos do caldo que davamos aos nossos escravos!

Foi para Lisboa. Entregou o dinheiro e ficou esperando seu filho. Os negociadores abalaram para Africa, sem ter podido ajuntar quatrocentos mil cruzados, bem que o maximo numero dos oitenta fidalgos fossem das

mais gradas e opulentas casas de Portugal! Para se effectuar o resgate, ficou em Fez o embaixador D. Francisco da Costa como penhor de cento e vinte mil cruzados que faltavam. E lá ficou por espaço de oito annos. Ninguem o resgatou a elle. Esqueceram-no os resgatados. Esqueceu-o o rei portuguez; esqueceu-o o rei castelhano. Não ha ahi vergonha que possamos emparelhar com aquella! Que decadencia! que Portugal e que portuguezes! Deixaram-no morrer captivo! (1)

N'aquelle jubilo da viuva de Vasco de Azevedo, empobrecida, quasi indigente, havia alguma cousa que movia a espanto. Agora que as outras mães choravam, alegrava-se ella, e, por sua vez, acoimava de pusillanimes as outras que, para o resgate dos filhos, tinham vendido as gargantilhas e arrecadas de diamantes. Maravilhava-se ella de que tivessem taes mães visto, a olhos enxutos, sahir os filhos para Africa, e tanto se lastimassem agora que elles voltavam! As damas, a quem o deão de Silves apostrophava no insolente sermão, podiam mal entender a senhora de Ninães.

Constou a D. Thereza que tinham chegado a Lisboa uns soldados fugidos de Larache. Indagou-lhes a morada para saber d'elles novas de seu filho, se acaso o conhecessem no captiveiro. Um d'estes foi á sua presença, e, interrogado, disse que o snr. Ruy Gomes tinha morrido dos ferimentos da batalha n'uma sejana de Marrocos, poucos dias antes que elle fugira.

D. Thereza pareceu render a alma no grito que expediu.

---

(1) Hieronimo de Mendonça — *Jornada de Africa*, pag. 124.

Não mentira o soldado. Nas sejanas de Marrocos tinha morrido um fidalgo de nome Ruy Gomes da Cunha, pae de Simão da Cunha, que depois voltou resgatado á patria. O ultimo appellido não lh'o conhecia o informador nem a fulminada senhora cuidou verosimil que outro Ruy Gomes tivesse ido na armada.

Os hospedeiros da viuva tambem não curaram de illucidar averiguações. Correu a atoarda da morte de Ruy Gomes de Azevedo, e logo em seguida a certa nova de que a mãe, sobre a pobreza a que a reduziu o resgate, perdêra a razão ao darem-lhe a noticia da morte do filho. Ao apagar-se-lhe a luz do entendimento, aquelle corpo esfriou, até ao regêlo do cadaver. Vivia com tudo morto dentro em si. O brilho de seus olhos era intenso, mas como o do crystal sem consciencia da visão.

Paralisou-se-lhe a lingua; e, no exterior, começou-lhe a morte pelo cerrado e rouxo dos beiços, que nunca mais articularam palavra. O symptoma da vida era um tiritar de frio e aconchegar-se a roupa da garganta, como já presentindo a pegajosa lentidão da terra da sepultura. Este existir indescriptivel, esta agonia anómala, que incutia terror e compaixão nos circumstantes, acabou depressa. Ao quinto dia, a mãe de Ruy descerrou os labios para deixar passar o supremo suspiro.

D. Thereza era do céu, quando chegaram de Fez novas cartas dos captivos. Ruy Gomes escrevia a sua mãe.

XIV

Tres annos depois

Dezeseis mezes depois da batalha, desembarcaram em Lisboa os fidalgos resgatados, tirante os que morreram no longo decurso das negociações sobre a liberdade dos oitenta do rol.

Ruy Gomes recebeu, ainda no Tejo, a nova da morte de sua mãe, procedida da equivoca noticia que trouxera a Lisboa um fugitivo.

Ruy voltou-se para D. João de Azevedo e disse:

— Não tenho ninguem!...

Passados instantes, tornou:

— Nem já minha mãe!... Ella morta e a minha casa vendida!... Onde irei? para quem irei agora?...

— Meu primo! — disse D. João, apertando-a ao seio — Se eu tiver de meu um cruzado, repartimol-o... Mãe é que eu te não posso dar... Choremol-a ambos! Pago-te as lagrimas que déste á memoria de meu irmão!...

— Seria uma felicidade, meu Deus!... — proseguiu Ruy, abstrahido do dizer enternecido de D. João.

— O quê? felicidade... qual? — perguntou o amigo.

— Morrer ella!... Foi, certamente! A velhice na indigencia é triste! Fizestes bem, Senhor! Dai-lhe o descanso eterno!... Santa alma, pede a Deus por mim e perdôa-me tu pelo muito que hei padecido!

D. João de Azevedo succedeu na casa e no almirantado de D. Antonio. As commendas de Juromenha e S. Pedro de Elvas, com o dote havido por casamento com uma filha do conde de Cantanhede, restauraram-lhe a casa endividada nas galas com que os dous irmãos se passaram a Africa. Abundavam-lhe bens de fortuna para gazalhar liberalmente o primo. Deu-lhe nome e alvedrio de irmão em sua casa. Honrou-o em publico, desvelando-se em dar a entender que Ruy Gomes demorava em Lisboa e em casa estranha obrigado pela amisade, que não pela dependencia.

O viver de Ruy Gomes era um incessante segregar-se de companhias e communicação de amigos que, rogados pelo almirante, porfiavam em disputal-o á sua voraz tristeza. O moço, como cansado de sua inercia, e ancioso de actividade e trabalhos que o prostrassem e acabassem, cogitava em transferir-se a reino estrangeiro, onde seguisse as armas.

Contrariava-lhe o intento D. João, promettendo-lhe breve opportunidade de exercitar a alma e o corpo na guerra interna contra os traidores da patria e na externa contra os castelhanos.

Desde o comêço de 1580, alguns animos inquietos anteviam o maximo desastre, e se apercebiam de designios para affastar de sobre a corôa do provecto cardeal-rei as garras da onça do Escurial. Muitos d'esses se bandearam depois com os assalariados de Christovão de

Moura, chegado o lanço de se decidirem; e outros, ainda antes do filho de D. Manoel se fechar no tumulo com a independencia de Portugal, lh'a tinham cavado, quebrando a vida cadente do velho com suggestões aterradoras de escrupulos e prophecias de enormes calamidades. Raros animos, porém, se desceram do seu primeiro proposito, e tão raros, que não seria longa nem enfadosa a lista d'elles. Entre os mais empenhados na acclamação de rei portuguez, apagada a frouxa luz do simulacro real que vasquejava nas ultimas, primavam o bispo da Guarda, o conde de Vimioso, D. João de Azevedo, Diogo Botelho, o conde de Tentugal, D. Manoel de Portugal, Phebus Moniz e, á volta d'estes, poucos mais fidalgos, e o restante da nação, os artifices, os homens do campo, o povo miudo.

Quando o cardeal expirou, demorava D. João de Azevedo em Extremoz, de cujo castello era alcaide. Ruy Gomes, com a patente de capitão de cavallos, militava com seu primo, anciando a hora promettida, a distracção da lucta, o encarniçamento de duas nações velhas inimigas de envolta com os odios dos traidores de dentro.

Aqui lhes chegou a nova da chegada de D. Antonio, filho natural do infante D. Luiz, ás portas de Lisboa, para se fazer acclamar. Foram os dous Azevedos beijar-lhe a mão ao mosteiro dos Jeronymos e com elle partiram, como as portas da cidade se lhes não abrissem, para Santarem. Os burguezes de Lisboa queriam paz, queriam rei que lhes permittisse o trafico dos seus negocios, fosse elle turco e turcos os fizesse a elles. O senado e a nobreza estavam por Castella. O povo não tinha caudilhos. O dinheiro offerecia-o a jorros a raça judaica em prol do filho de Violante Gomes, mas acovardava-lhe a

energia o pavor da expiação por effeito de alguma medida geral de fogueiras exterminadoras.

Do prior do Crato fugiam muitos inimigos do rei intruso, não já por inveja da corôa nem menoscabo de seu illegitimo nascimento. Conheciam-lhe, porventura, o caracter impersistente, as mal occultas libertinagens do seu temperamento, a mescla da baixeza plebeia de onde materialmente procedia e a soberba realenga do infante D. Luiz, seu pae. O almirante, porém, que o vira em Alcacer-Kibir romper na vanguarda dos mais audazes e agora o via formar em volta de si uma côrte de poucos, mas conjurados inimigos de Castella, affeiçoou-se-lhe, deu-se-lhe de coração, e ganhou para o numero dos amigos, que haviam de assistir a D. Antonio até á morte no destêrro, o animo impressionavel e amoroso de Ruy Gomes.

Talado o territorio portuguez por D. Sancho de Avila e ameaçada de assalto a praça de Elvas, o almirante recolheu-se ao seu castello de Extremoz, e confiou de Ruy Gomes e Gaspar de Brito trezentos homens enviados em soccorro do presidio de Elvas. Ao tempo que o soccorro avistou a cidade, já os hespanhoes hasteavam nas ameias da fortaleza a bandeira de Castella. Por traição de uns e covardia de todos se havia entregado Elvas, aquelle antemural da defeza de Portugal. Ruy Gomes, submisso ás ordens do alcaide, retrocedeu.

O duque de Alba passára as fronteiras, á frente de dous mil cavalleiros e para mais de doze mil infantes. Levava a mira posta em Extremoz. A pouca distancia da fortaleza de D. João, mandou D. Alvaro de Luna pedir a entrega do castello e villa. O almirante respondeu que não entregava senão a vida, da qual mais

facilmente podia dispor que das chaves do castello. Respondia d'este tom o alcaide, calculando pela sua a coragem de quatrocentos homens que tinha na praça! Entrou em Extremoz Christovão de Moura, diligenciando dobrar o animo inflexivel do moço, ao lado do qual Ruy Gomes, carregado e silencioso, media com rancorosos olhos o traidor que andava empestando almas incorruptas.

Os engenheiros de Castella curavam de construir baterias para destruirem a villa rebelde.

Os soldados de D. João tremeram diante dos preparativos de bombardeamento. Alguns d'elles fugiram pelas muralhas, outros conclamavam que não pelejariam.

O almirante e Ruy Gomes cruzaram os braços, e viram entrar um capitão do duque de Alba a senhorear-se do castello. Conduzidos ao general e interrogados sobre a pertinacia da rebeldia, responderam tão corajosos e despresadores da morte, que essa mesma abnegação os salvou. La Clede narra com encomio e admiração a bravura do heroico imitador de antigos alcaides portuguezes. Os nossos historiadores, porventura vezados á relação de proezas analogas, não se deteem nem sequer se maravilham do facto de patriotismo praticado n'aquelle conflicto de vergonhas insartadas umas n'outras.

Alguns dias depois, Ruy Gomes e o almirante estavam em Setubal com D. Antonio, já acclamado rei. Lampejou um clarão de esperança na alma dos que desesperançados seguiam o rei do povo. As cidades principaes do norte ou o acceitavam ou sacudiam o pavor de Castella para conclamal-o.

O duque de Alba defrontou-se com Setubal. O exercito era formidavel e o general temido. A populaça es-

moreceu: os primeiros mortos do presidio pareciam estar vaticinando aos vivos o seu commum destino. Um Simão de Miranda, parcial de Catella, sahiu ás praças proclamando ao povo que se abstivesse de pegar em armas, porque antes de duas horas seriam todos passados pelos fios das espadas. Ruy Gomes avisinhou-se do orador, sobraçou-o com terrivel placidez, chegou-se ao caes e atirou-o ao mar, dizendo-lhe:

— Não envergonhes a gente, visto que prégas em portuguez, traidor infame!

Salvou-se o ditoso homem n'um batel dos galeões do prior do Crato.

Outro traidor, porém, abriu as portas da cidade. Algumas duzias de soldados hespanhoes matavam indistinctamente, ao mesmo passo que o pavor desorganisava todos os planos dos capitães de D. Antonio, menospresando-lhes o commando. Uma derrota sem peleja era como a precursora da outra. Os mais valentes eram os mais infelizes. Ruy Gomes de Azevedo desafogava a sua colera chorando. O almirante atirava ao rosto dos mais privados de D. Antonio o labéu de covardes.

Chegou aquella hora nefasta de Alcantara. Não se vituperem os esforçados portuguezes que ahi perderam uma batalha contra o maior capitão da Hespanha. D'aquelles oito mil homens de D. Antonio apenas poderieis recensear uns cem dos quaes podesseis dizer: «Bateram-se estes com o exercito disciplinado e victorioso de Castella.» Succumbiram. Não sei se algum milagre dos usuaes nos fastos das nossas batalhas bastaria a dar a victoria ao desamparado filho da Pelicana.

Duas vezes ferido, D. Antonio fugiu, quando lhe disseram que não convinha morrer ainda. Seguiram-no os

seus mais amigos, aquelles que o tinham abroquelado com o peito. Ruy Gomes e o almirante, receiosos de lhe causarem a morte, sustando-lhe a fuga, seguiram-no a Santarem. Conheceu que ahi lhe voltavam o rosto. Temeu-se dos traidores e buscou refugio em Coimbra. Saudou-o a mocidade academica, a gente de coração e desapêgo da vida na sua mais desbotoada florecencia. Com este illusorio soccorro, quiz ainda tentar a fortuna. Amontoou seis mil homens, para os quaes Ruy Gomes olhava com piedade. Resistiu-lhe Aveiro, que a final capitulou. Que exercito de rei contra o qual se atreveu Aveiro! E' um traço que faz saltar da tela toda a figuração d'aquella tragedia cravejada de scenas comicas. Seguiu-se a infamia. Foi saqueada a villa e assassinados os partidarios dos Philippes. O duque de Alba tambem tinha justiçado no patibulo D. Diogo de Menezes, o defensor infeliz de Cascaes. A retaliação, porém, não era igual. D. Antonio mandava decapitar portuguezes.

Ruy Gomes quiz então abandonar o tumulto da sanguinaria plebe. O almirante teve mão d'elle, dizendo-lhe:

— Não desamparemos este desgraçado!

Já o exercito de Sancho de Avila se avisinhava, quando o prior levantou de Aveiro para o Porto. Pantaleão de Sá — prócere e oraculo na cidade que outr'ora dera robusto esteio ao mestre de Aviz — sahiu do Porto com os mais illustres para Galliza. Entrou D. Antonio entre alaridos do gentio, que no tumultuar delirante de algumas horas executou protervias que todas reflectiram sinistramente no rosto do pretensor. Este infeliz, desvairado e ensandecido pelos insultos da má fortuna, vingava-se assistindo impassivel ás perversidades consumma-

das em seu nome. A cidade dos laboriosos e dos ricos soffreu dez dias de angustias e roubos. Os cavalleiros da comitiva de D. Antonio corriam as ruas, cortando a ferro, quando os brados soavam inutilmente, a ralé que assaltava as casas dos abastados.

D. Sancho de Avila mostrou-se diante do Porto.

Os dez mil combatentes de D. Antonio, largando uns apoz outros os baluartes mais protectores da cidade, abriram as portas ao inimigo. Ruy Gomes de Azevedo, ferido e já prisioneiro, foi libertado por um arrojado feito de seu primo.

— Não nos deixemos aqui acabar!—disse o almirante —E' vergonha que os nossos cadaveres sejam encontrados entre os d'esta gentalha, que morre por não poder fugir com o peso dos roubos!

Ruy Gomes regorgitava de tedio da vida. Toda aquella cadeia de derrotas, de ignominias e de feitos infamissimos á volta de um acclamado rei lhe parecia o mais infernal supplicio de homem honrado. Desertar ás fileiras do perdido filho do infante figurava-se-lhe torpeza maior de quantas o anojavam. Seguil-o atravez de chafurdeiros tão repulsivos era-lhe uma violencia de que nem a sua dignidade o desculpava. Que fazer? Ancorava-se no sentimento de compaixão pelo pobre rei, que uma vez, no acume do desalento, dissera aos poucos fidalgos da sua comitiva:

— Meus amigos, ainda ha quem ame desgraçados!... Vós daes ao mundo e á historia um exemplo de desinteresse!... Já agora não me deixeis. Assistide-me na minha ultima hora para poderdes testemunhar que eu cahi no chão de Portugal como nos areaes de Alcacer!

E, fugitivo, com a morte a soar-lhe perto no tropel

dos esquadrões castelhanos, D. Antonio atravessou o Minho até ao rio Lima. Ahi, sem alentos para continuar, cahiu alquebrado, dizendo aos seus poucos companheiros que o deixassem. Nem já espiritos lhe restavam para receber a morte com as honras de quem cinge uma espada. Abastardára-o a incansavel desventura. Foi então memoravel o patriotismo de um homem da plebe que o tomou nos braços e a nado ganhou á margem d'além. De Vianna fugiu desfigurado, em trajos de marinheiro, com seis fidalgos, n'uma barca. Viu a morte nos abysmos das vagas, contemplou-a com assombro de idiota, se é que n'aquella penetrante fixidez de olhos não fallava a supplica de uma alma que pedia a Deus o repouso interno.

Lançado na praia, onde a perseguição chegaria tarde, D. Antonio, guiado pelo senhor de Ninães, que conhecia as montanhas do Minho, pôde ganhar sem sobresalto as alturas da villa da Barca. Aqui se repartiram em grupos de dous os sete fidalgos que o acompanhavam, demarcando os pontos de reunião, nas visinhanças do mosteiro de Tibães, onde o bispo da Guarda tinha fieis amigos.

Os benedictinos acolheram o bispo e o conde de Vimioso. Antonio de Brito foi de Tibães enviado para Refojos de Basto. D. Antonio, entregue ao cuidado de Ruy Gomes, entrou no mosteiro de conegos regrantes de Landim e foi aquartelado na cella de D. Jorge de Azevedo, que lhe beijou a mão de rei.

E, no entanto, Philippe II offerecia oitenta mil ducados a quem lhe apresentasse a cabeça do prior do Crato!...

O almirante e Ruy, durante o dia, luravam-se n'uma

arribana afogada no espesso da matta de Landim. De noute, acolhiam-se ao mosteiro e passavam horas de ficticia esperança com o seu rei, a quem a communidade ouvia em pé com a vassallagem e reverencia de rei legitimo.

Fôra uma noute Ruy Gomes ao paço de Ninães. Bateu: ninguem lhe abriu.

— Morreria o meu Vasco?—disse Ruy—O meu amigo desde o berço já lá vai tambem? Quem me dirá se a paixão de me julgar morto o acabou tambem!... Nem o meu pobre Vasco encontro!... Pois já nem minhas serão estas paredes, que minha mãe reservou para conservar um tecto que nos cobrisse!...

De feito, o amantissimo escravo já era morto?

Ao adiante, averiguaremos o destino do medianeiro nos amores de seu amo.

Na volta de Ninães para o mosteiro, Ruy desviou-se do caminho que levára.

— Por onde vamos?—perguntou D. João.

— Por aqui. Não torcemos nada.

E parou defrontado com a casa de Roboredo. Debruçou-se sobre uma parede do jardim e disse:

— Olha, D. João... era por alli...

— O que era por alli?!

— Que eu passei a minha infancia... Vês além aquellas murtas? Plantei-as eu. Leonor é que me chegava as plantas... Que tristeza!... O que lá vai perdido na minha vida!... Como aqui estou... eu!... tres annos depois!...

— Vamos... —interrompeu D. João.

— Deixa-me chorar... que tu não sabes o que é is-

to... Sinto-me acordar de um sonho... E não encontro minha mãe!... Bastava-me ella; mas não tenho nada do que eu era ha tão pouco tempo!...

Até pobre!...

XV

Ao cabo de dezeseis annos

Cinco mezes demorou D. Antonio, já em Landim, já em Refojos, no mosteiro de S. Bento, e por algum espaço nos mosteiros de Paço de Souza e Santa Maria de Pombeiro. (1) Maravilha-se Manoel de Faria e Souza da acrisolada lealdade dos portuguezes com um perseguido pouco benemerito de tão provados amigos. Não era o ho-

(1) Não tomem como de todo phantasioso o paradeiro do prior do Crato nos indicados mosteiros do Minho. Alguns presumem que até em conventos de religiosas se acoutou. Não me parece inverosimil a hypothese pelo que ella tem de conveniente com a indole de D. Antonio, em vista do que elle foi com as freiras da ilha Terceira, mas é mais cordata e christã a conjectura de que frades e não freiras o acoutaram.

Faz ao intento o que o snr. Rebello da Silva escreve na sua *Introducção á historia dos seculos XVII e XVIII*, concernente ao filho de Violante Gomes: «Nos mosteiros de religiosas e nos conventos de frades das comarcas do Minho, e de outras terras,

mem, era a ideia patriotica, era o rei nado em terra lusitana que os martyres de um mero symbolo defendiam. Ainda aquelles que lhe conheciam os vicios do temperamento e os aleijões da condição, e não previam senão calamidades da investidura real em homem tão desproporcionado para reinar, esses mesmos, bem que o desamparassem, não o denunciariam aos espias de Christovão de Moura. *Repita-se aqui la admiracion,* escreve o citado Faria, *de que estando Antonio a los ojos y entre las manos de Felipe que avia prometido 80 mil escudos de oro aquien se lo entregasse, no uvo alguno hombre de quantos le siguian y precisamente le avian de tratar que entrasse en pensamiento de consiguir tão apetitoso golpe de moneda; y acabe de admirar-se la emulation de la lealtad Portugueza una vez prometida, que viendo a este Principe puesio a las horribles puertas de la miseria. (Europ. port.,* tom. 3.º, pag. I, cap. IV.)

N'aquelle tempo, de uma principal casa de Basto sahiu para Lisboa um fidalgo de nome Pedro de Alpoim, na traça de arranjar navio que levasse D. Antonio a França. Deteve-se na melindrosa negociação e deu azo a que o governo soubesse, por informações de Pariz, que o prior estava em Portugal, á espera que um Pedro de Alpoim lhe ajustasse a sahida.

é onde elle encontrou mais carinho e affabilidade, hospedagem mais segura e discreta, e uma dedicação tão sincera, que se presou de affrontar todos os riscos para não desmentir a antiga e honrada lealdade portugueza. Das joias que tirára da casa da corôa, muitas não tinham sido perdidas de todo no meios dos revezes, perém só em raras occasiões careceu d'ellas para affeiçoar vontades.» Vol. 2.º, pag. 577.

Alpoim foi preso, atormentado e morto. Morreu, porém, com o segredo do esconderijo do seu rei.

Sahiu, não obstante, D. Antonio para Lisboa, depois que o almirante se antecipou a preparar-lhe seguro asylo.

Acompanharam-no os seus amigos, que eram dez, amigos conjurados em acabarem onde elle fechasse o cyclo de seus infortunios. De Lisboa transferiram-se a Setubal, e d'aqui, favorecidos por certa mulher do povo, passaram a Calais em uma caravella mercantil. A magnanima mulher, preza á ordem do cardeal Alberto, governador do reino, expiou na masmorra, onde morreu, a sua desinteresseira dedicação.

Catharina de Medicis recebeu mais que favoravelmente o real exilado. O duque de Alençon, entrevendo para si o resplandor da corôa portugueza nó escuro da confusa lucta de pretendentes, addiu-se bizarramente a D. Antonio.

Sahiu o prior para as Terceiras com cincoenta e oito navios e mais de sete mil homens.

A primeira refrega sahiu-lhe auspiciosa. Tres mil portuguezes e castelhanos foram cortados pelo ferro francez. Pouco avultavam como numero, mas estremavam-se na bravura os dez portuguezes a quem D. Antonio confiára a honra de sua guarda. No segundo recontro naval, triumphou, apoz cinco horas de combate, a armada de Philippe. Ahi morreu o conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, o mais devoto amigo que ainda teve um principe sem virtudes e sem ventura.

Impaciente e allucinado, D. Antonio, cuidando-se vendido por alguns portuguezes de entre os que se tinham bandeado com elle, fez degolar D. Duarte de Cas-

tro. Maravilhoso e secreto enredo da Providencia! A's mãos d'aquelle fidalgo tinha morrido Antonio Baracho, o primeiro que voz em grita acclamára rei D. Antonio, em Santarem. Fôra elle ainda quem descobrira em Lisboa a paragem do justiçado Pedro de Alpoim. Pagou.

Destroçado segunda e terceira vez, e já desamparado das naus francezas, o prior do Crato, deixando morrer em supplicio lento alguns dos seus mais affectos, passou a Inglaterra, expoz á rainha Izabel a sua necessidade de cento e vinte baixeis com quinze mil homens de terra e cinco mil de mar, tudo isto em troca de cinco milhões por uma vez e trezentos mil ducados por anno perpetuamente, com outras condições de igual porte e juizo, exequiveis desde o momento em que se coroasse rei de Portugal.

Corria o anno de 1589. A 26 de maio costeava a armada ingleza as ribas de Peniche. O coronel Noris foi por terra bater ás portas de Lisboa, e esperar que os de dentro, consoante as promessas do pretendente, acclamassem D. Antonio. Nem a mais leve manifestação! O coronel espantava-se; e Draque, o general do mar, fazia-se ao largo, piratando navios de trigo para se occupar em alguma cousa, e exercitar os soldados nos usos e costumes passados e futuros da sua terra.

D. Antonio, derrotado sem peleja, envergonhado de si e dos alliados que illudira, maltractado propriamente de alguns dos portuguezes que o seguiam, pediu aos inglezes que o lançassem n'um porto de Inglaterra. De Plymouth passou a França com Diogo Botelho, com um lettrado frei João Teixeira, propugnador e escriptor dos seus direitos, com D. João de Azevedo e Ruy Gomes, com Estevão Ferreira da Gama e sua mulher, a

qual, por ter fugido de Lisboa, ao avisinharem-se os inglezes passou pelo dissabor de ser enforcada em estatua.

Requereu D. Antonio protecção a Henrique IV. Mostrou, pelos manifestos de frei João Teixeira, que era o legitimo rei de Portugal. Mallograva-se-lhe tudo quanto pervicazmente cogitava, no intento de voltar á patria, onde a sua memoria não tinha quem já lhe désse gota de sangue nem sequer uma saudade.

Seis annos de fundas angustias, de desesperação, de pobreza, de enfermidades aggravadas com sessenta e quatro annos, acabaram com aquelle homem, verdugo de si e dos poucos amigos que teve, e dos muitos que por compaixão o seguiram nos conflictos de maior perigo.

Morreu o filho do principe D. Luiz em 26 de agosto de 1595. A' volta do seu leito, em quanto a luz da alma se lhe não apagou, viu Ruy Gomes, Diogo Botelho, D. João de Azevedo, dous filhos sem porvir, e o frade que lhe abonava, com o crucifixo na mão, a certeza da gloria eterna e do reinado entre os anjos. Os outros amigos ou estavam mortos ou cansados da desgraça sem treguas nem esperança.

Acabada aquella vida tão funesta no destino de Ruy Gomes, quebrados os liames de um honrado juramento por uma pedra de sepultura humilde, o senhor do paço de Ninães perguntou á sua razão que rumo tomaria no mar aparcellado de sua vida. D. João de Azevedo, naturalmente desejoso de descanso, e saudoso de esposa e filhos, já desde muito deliberára voltar á patria, e acolher-se ao retiro e guarda de alguma sua herdade, extincto o principe. Ruy Gomes não seguia os planos do

primo, porque, tirante uma horta, á volta de um derrocado abrigo coevo da monarchia, não tinha nada; nem que tivesse inteiros os seus bens no Minho, iria habital-os. Estava alli á beira do lugubre recinto onde sua mãe lhe acariciára a infancia, uma mulher que lhe matára a mãe e a mocidade. Ruy não amaldiçoava, ainda assim, Leonor em cada trance que o excruciava. A ella attribuia, sem injustiça, a concatenação de tantos e tão travados infortunios, mas não a amaldiçoava.

Quiz D. João mover o primo a recolher-se com elle ao seguro de uma quinta, em quanto não podessem voltar a Lisboa confiadamente. Resistiu Ruy ás mais affectuosas instancias.

— Que intentas? — perguntou o almirante.

— Não me decidi. Servirei a França; irei servir onde o estipendio me suppra o pão de cada dia. Ainda tenho o vigor dos trinta e sete annos... Trinta e sete annos!... Lá vão dezesete depois que, ultima vez, vi Leonor!

— E ainda te lembras!... — atalhou D. João.

— Pois se elle ha dôres como laminas de ferro enterradas no peito que se não gastam nunca!... Tantas desventuras a lembrarem-me sempre a primeira!...

— Póde ser que ella já tenha morrido e dado contas a Deus do mal que te fez...

— Não lh'as peça o Supremo Juiz, que eu lhe perdôo. Se minha mãe a não tiver accusado no tribunal da justiça divina, não quererei eu que o inferno me vingue. Vingado terei eu sido n'este mundo. Homens que dominam mulheres, que tanto mal fizeram, são pelo ordinario os algozes d'ellas...

— Mas para onde vaes?! — insistiu D. João.

Ruy deteve-se uma longa pausa e disse:

— Irei para a India.

— Servir os governadores de Castella?

— Vã pergunta! Não: vou mercadejar, ganhar um pão e uma sede de aguá: trabalhar na terra, no mar, no que acontecer. Se lá é possivel á probidade enriquecer-se, voltarei alguma hora a Portugal levantar as paredes da casa onde nasceu meu pai.

E assim te apartas de mim ao fim de dezeseis annos? volveu D. João.

— Não m'o lembres... Louvemos Deus, que tantas vezes nos teve separados pela morte dos pelouros e das lançadas, e nos solevou da beira da sepultura para ainda nos abraçarmos e fecharmos as feridas um do outro. Quem verteu sangue como nós não deve ter lagrimas. Separemo-nos como homens... Vai ver tua esposa e filhos, um dos quaes já deve estar homem. Abraça tua mãe, se ainda viver, e aos nossos parentes diz-lhes que não se pejem de trazerem nas feitorias da India um parente mercador.

Separaram-se, chegada a occasião de se fazer de vela para as costas de Portugal um navio e outro para a India.

Não podemos relatar sobre o certo o proseguimento da vida de D. João de Azevedo em Portugal. Sabemos tão sómente (e não é para o caso pouco nem admirativo) que D. João, o parcial de D. Antonio e entranhado inimigo dos Philippes, foi reposto nas honras do almirantado e posse das commendas de que fôra esbulhado, desde a resistencia de Extremoz ao duque de Alba. Sabemos isto por nol-o haver assim asseverado o padre João Cardoso, franciscano de grandes lettras e creditos,

o qual, publicando em 1626 um livro intitulado *Jornada da alma libertada*, etc., o dedica a D. Lopo de Azevedo. D'esta dedicatoria, que inclue a genealogia do seu Mecenas, colligimos que D. João de Azevedo, almirante d'estes reinos, claveiro do mestrado de Aviz, commendador de Juromenha e S. Pedro de Elvas, tinha morrido antes de 1626, e deixára sua casa e commendas a seu filho Lopo, a quem o livro é dedicado. Não ha aqui motivo para estranhezas. A' memoria do amigo do prior do Crato é superabundante gloria saber-se que foi elle o ultimo, chronologicamente fallando, que recebeu mercês do rei intruso.

Quatorze annos depois, no de 1640, não encontramos D. Lopo de Azevedo na lista dos quarenta conjurados. Não sabemos se vivia, mas do seu sangue deviam ser tres dos restauradores da patria, Marco Antonio, Vasco e Manoel de Azevedo.

Ainda aqui nos não despedimos. Logo o veremos de relance. Não fez na vida a gloriosa pausa que as armas deram ao conde de Vimioso, é verdade; mas, ainda assim, sobejaram-lhe creditos e louvores de portuguez de lei.

XVI

O pobre nas pompas da Asia

Aportou a Gôa Ruy Gomes de Azevedo, a tempo que o conde da Vidigueira D. Francisco da Gama entrava no governo como successor de Mathias de Albuquerque.

Ruy, cuja procedencia ninguem lhe perguntou, passava desconhecido de muitos fidalgos que o tractaram em Lisboa e pelejaram no seu terço dos aventureiros em Africa. Iam corridos dezoito annos. Quem poderia achar vestigios do gentil fidalgo do Minho n'aquelle velho pallido, arrugado, encanecido, que se parava nas praças de Gôa olhando em todos como espantado forasteiro? Notava elle, porém, que os seus antigos conhecidos nem se tinham desfigurado, nem empobrecido. Via-os joviaes, ricos e remoçados, galeando trajos a primor, como nos ultimos annos de D. Sebastião.

Um d'estes lhe fez maior mossa na sua faculdade admirativa. Era seu parente e companheiro da jornada

de Alcacer D. Jeronymo de Azevedo, áquelle tempo capitão general dos portuguezes na ilha de Ceilão. Fitou-o, reconheceu-o e fez-se reparavel na sua attenção penetrante. D. Jeronymo poz n'elle um olhar de fidalga severidade, como offendido da fixidez com que o encarava um desconhecido de jubão cossado, indicativo de chatim de baixa veniaga.

Ruy Gomes ainda sabia sorrir. Sorriu e perpassou.

O capitão-general, volvendo a um dos seus seguidores, disse:

— Que má olhadella me lançou aquelle pêrro de forasteiro!

— Se v. s.ª quer, pega-se d'elle e saibamos porque se foi rindo por entre dentes.

— Deixai-o ir, que não nos vá sahir doudo.

Ao outro dia, Ruy Gomes, ao sahir da igreja dos jesuitas, bateu de fito no general, que entrava. Deteve-se alguns segundos a olhar contra elle e machinalmente sorriu.

D. Jeronymo de Azevedo, dobradamente colerico porque o insolente lhe tomava o passo, disse com desabrimento:

— Que rir é esse?

— De satisfação — respondeu Ruy.

— De quê?

— A' puridade lh'o direi, snr. capitão-general.

D. Jeronymo ladeou fóra dos seus companheiros como convidando o desconhecido a explicar-se. Ruy seguiu-o e disse-lhe em baixa voz:

— E' a satisfação de ver tão adiantado um valente cavalleiro de Alcacer-Kibir.

— Lá estive — respondeu sacudidamente D. Jeronymo,

— Lá estivemos.

— Bem! e que mais?

— Uma pergunta, snr. capitão-general governador de Ceilão de Castella: quantos dos nossos camaradas do terço dos aventureiros vivem assim adiantados?

— Dos nossos camaradas?!

— De v. s.ª e meus.

— Foi do terço dos aventureiros? como se chama?

Deteve Ruy a resposta. O governador de Ceilão voltou o rosto para os companheiros e disse, gracejando:

— Não vos disse eu que era demente?

Os amigos acercaram-se dos dous, dispostos a gargalhar do louco.

D. Jeronymo continuou:

— Está-me aqui dizendo que foi do terço dos aventureiros em Alcacer-Kibir.

Gargalhada compacta do auditorio.

— Mas—disse placidamente Ruy—não fui d'aquelles que, na noute da derrota, foram bater ás portas de Arzilla, dizendo que ia alli o rei!

Nicolau Pereira de Miranda, que era um dos mais ridentes, córou até ás orelhas. Os outros refugiram d'elle os olhos. D. Jeronymo mediu de alto a baixo o desconhecido. (1)

---

(1) O caso é assim referido pelo portuense Hieronimo de Mendonça, um dos captivos da infausta batalha: «... Mas entre estes poucos que se salvaram, por não haver mal que de tanta desventura não procedesse, permittiu Deus que chegaram a Arzilla na mesma noute tres ou quatro homens; e como a tal tempo e a taes horas lhes não quizessem abrir, vendo elles o perigo que

Para quasi todos o silencio era um modo de vexame e afflicção.

Ruy Gomes proseguiu:

— Alli está o snr. Affonso de Menezes, que foi dos oitenta resgatados no rol do scherif.

— E vossa mercê seria tambem dos oitenta? — perguntou ironicamente D. Diogo Lobo.

O interrogado sorriu-se; e, passados momentos, respondeu:

---

corriam, se esperássem até pela manhã, disseram que vinha alli el-rei D. Sebastião (cautela certa digna de um grande castigo, pelos damnos que d'ella resultaram, posto que sua tenção não fosse mais que buscar seu remedio, sem imaginarem o que podia acontecer). Abriram-se logo as portas com tanto alvoroço e contentamento de todos como se póde imaginar; e como o capitão mandasse accender algumas tochas, um d'elles se embuçou, que parece era o principal, fingindo os outros n'elle grande respeito, por escaparem d'esta maneira da furia do povo e dos soldados, pois não podiam contestar com a verdade do que haviam dito, e realmente com razão se poderam temer, se o engano se manifestára. Chegou logo esta nova á armada, e veio Diogo da Fonseca, corregedor da côrte, a inteirar-se do caso, e entrando onde estes homens estavam com o capitão Pero de Mesquita, o mancebo embuçado se descobriu e foi visto que era um homem fidalgo (não da casa de el-rei nem da côrte de certo), cujo nome não sabemos nem é bem que se saiba, e sendo mui reprehendido d'elle e seus companheiros, deram por desculpa que não haviam dito que vinha alli el-rei, senão que vinham de onde el-rei estava. N'este meio tempo começou a fama a fazer seu officio, e foi confirmada a opinião de ser aquelle el-rei D. Sebastião no mar e na terra... e por mais que eram desenganados, ninguem queria acreditar o contrario... Foi deixarem-no embarcar uma grande inadvertencia e mal empregada piedade, pois em qualquer damno que recebesse não ia nada...» Pag. 84 e 85, ediç. 1785.

— Tal captivo lá esteve que se resgatou a si e a seis dos que hoje campeiam poderosos.

— E' de sybilla a resposta—replicou D. Diogo.

— Para certos entendimentos tudo é sybillino—disse Ruy.

— De mais a mais, petulante!—observou um fidalgo, relançando-lhe uma vista de desprêso.

— Verdadeiro!—replicou o senhor de Ninães.

D. Jeronymo pegou d'elle suavemente pela manga do jubão, apartou-se para longe dos pasmados officiaes e disse-lhe:

— Quem é? como se chama?

— O tom brando da pergunta obriga-me, porém da honra de v. s.ª fio o segredo do meu nome.

— Póde fiar.

— Sou o homem em cujos braços expirou o ultimo rei portuguez.

— D. Sebastião?

— Não, senhor: D. Antonio, sobrinho varão do cardeal-rei e neto de el-rei D. Manoel.

D. Jeronymo suspeitou que de feito era mentecapto o homem.

— Não me conhece ainda, snr. capitão-general?— proseguiu Ruy Gomes.

— Não.

— Cuidei que o meu nome chegava até aqui para ser abominado dos bons portuguezes!... Eu acudo á sua anciosa curiosidade. Nossos bisavós eram irmãos, snr. governador de Ceilão.

— Como?!—acudiu D. Jeronymo.

— Como podem ser irmãos o bisavô de v. s.ª e o bisavô de Ruy Gomes de Azevedo.

— Ruy Gomes de... Tu!—exclamou D. Jeronymo, abrindo-lhe os braços.

— Não me exponhas ao odio d'esta gente—disse Ruy, fazendo pé atraz.—A minha cabeça ainda está a preço de escudos castelhanos e receio que um d'aquelles aproveite o lanço... Meu primo, vai para elles e diz que eu sou doudo. Já sabes porque eu me sorria? Era contentamento de te ver... Adeus. Quando passares por mim, não me falles. Eu sou um pobre mercador de gengibre e pimenta.

— Vem cá! Ruy!—clamou D. Jeronymo, seguindo-o a passo apertado.

Os fidalgos reunidos á porta da igreja viram desapparecer o general depoz o homem pobremente entrajado e disseram entre si:

— Tem o negocio dente de coelho! Que homem será este!?

Não pôde Ruy Gomes desapressar-se do primo. As multidões de fidalgos e mercadores viam pasmadas ir de par com tal pobrête o capitão-general das armas portuguezas, fallando-lhe muito affectuoso e o outro com os olhos humildes no chão que pizava.

Levado constrangidamente, entrou Ruy n'uma grande casa, aposentadoria de D. Jeronymo.

Ahi passou o seguinte dialogo, em que, a revezes, o governador de Ceilão duvidou da sanidade intellectual de seu primo. Dizia o general:

— O que primeiro cumpre é pedir perdão da tua pertinaz rebeldia...

— Perdão? pedem-no os delinquentes! Não delinqui. Lidei, pugnei, dei-me cem vezes á morte pela justiça e pelos direitos de D. Antonio, rei legitimo, digno se in-

digno, não sei: rei por herança de avós; rei como D. João I. Perdi, fui vencido. Acabado está tudo. Não sou portuguez. Não sou nada... Pedir perdão! de quê? De ser desgraçado? Se o sou em desconto de peccados, lá está Deus. O usurpador de Portugal é um verme, com uma tira de ouro roubado na cabeça, com alguns verdugos ás suas ordens, e com o inferno e a maldição da historia diante d'elle! Sabes o que eu salvei, primo D. Jeronymo? A consciencia inteira da honra. A vida foi o menos que eu tirei dos gumes dos ferros, ora africanos, ora castelhanos, ora portuguezes. Todos me tiraram sangue, mas a honra nenhum. Isto, que eu salvei de um naufragio de dezesete annos, querias tu que eu agora o fosse atirar aos pés de um Philippe! Pedir eu perdão para resalva d'esta cabeça que já me pesa para a sepultura! Pedir eu perdão para ser castelhano! Um homem não trabalha tanto para a final se despachar infame, e ir-se, encostado ás muletas da ignominia, arrastando até á cova que me está aberta alli adiante!

— O' Ruy! — atalhou D. Jeronymo de Azevedo — A tua razão está turvada! Esses teus brios não serão galardoados, porque não ha entendimento claro que os perceba! Não vês tanto portuguez illustre, tantos leaes amigos da sua patria, cuidando em augmental-a aqui na esperança de alguma hora se levantarem com rei seu, rei portuguez?

— E repelliram, e feriram duas vezes no rosto e enterraram o rei portuguez que tinham! — replicou Ruy.

— D. Antonio não podia ser rei, homem! — retorquiu o governador de Ceilão.

— Lettrados que te respondam, primo. Em quanto foi tempo e util, provei á espada e lança que o neto de el-

rei D. Manoel era rei. Agora, que nem a elle nem a mim aproveitam argumentos, deixa-me tambem morrer convencido de que dei sangue em defensão da justiça.

— Vamos ao ponto — volveu D. Jeronymo de Azevedo. — Vaes commigo para Ceilão?

— Já me dispuz a ir lá mercadejar. Acaso me verás alguma hora em Ceilão, mas não te dês por conhecido do pobre mercador.

— Cada vez mais tresvaliado! — exclamou o general — Cuidas que te hei-de consentir que andes a chatinar! Um filho de meu tio Vasco de Azevedo a comprar pimenta e gengibre!

— Pois por isso, meu primo: não dirás que eu sou filho de Vasco de Azevedo. A memoria de meu pai não receio desdoural-a com este humilde mester. Se ha vergonhas que sujem as cinzas dos mortos, certo não são estas do trabalhar do pobre...

— Mas é que tu — interrompeu D. Jeronymo — tens braços para uma espada; a espada é o officio dos homens da tua raça...

— Os homens da minha raça... desculpa-me, que eu queria dizer os homens da minha condição, não servem inimigos de Portugal. Quebrei a espada no tumulo do senhor D. Antonio. Se ha ahi portuguez com igual ou bastante direito á corôa do ultimo rei, então, sim, meu primo, pedir-te-hei uma de tuas espadas, porque não tenho de meu com que a compre ao espadeiro.

— Assim estás carecido, Ruy? — disse o general; e, puxando a gaveta de um contador, tirou duas mãos cheias de ducados, que lançou n'um bofete, exclamando: — Aqui tens, primo! Remedeia-te; e, findo este dinheiro, toma-o que quizeres do meu, que me sobeja.

— Guarda-o com a minha gratidão, D. Jeronymo — acudiu Ruy. — Eu careço do trabalho para occupar os espiritos, que ociosos me dariam garrote ao coração. E' por sustentar corpo e alma que eu me irei de porto em porto, como forasteiro, como homem que não tem patria, como judeu, comprando aqui e vendendo além. D'este teor, irei de boa paz com a minha consciencia e tirarei da necessidade do pão de amanhã o proveito de entreter o dia de hoje.

— Estás varrido! — voltou o general — Não sei que te faça!...

— Abraça-me e adeus! Tempo de mais te esperdicei. Vai aos teus officiaes, que te aguardam, e diz-lhes que de feito era doudo este homem que conhece os villãos encapotados em reis na praça de Arzilla. Adeus.

Sahiu Ruy apressadamente para forrar-se a instancias impertinentes. D. Jeronymo quedou-se pensativo, avocou reminiscencias do Ruy de 1578, arrependeu-se de o deixar sahir sem os ducados, cogitou no meio de curar a enfermidade moral do primo e disse de si para comsigo:

— Não veio á India tamanho doudo!

XVII

A corrupção da India e a justiça do céu

Com dous mezes de paragem na India, Ruy Gomes sondara o pélago lamacento em que bravejavam as vagas das mais desenfreadas e sordidas paixões dos portuguezes. A corrupção era culminante quando D. Francisco da Gama foi substituir Mathias de Albuquerque, bem que o seu antecessor claudicasse como tolerante. As tradições dos viso-reis probos e amados nem já mordiam como remorsos nos barbaros e cupidissimos successores. O conde de Vidigueira, em presença de um desvergonhamento impune e destemido, providenciou, legislou, ameaçou; mas a torrente ia tão de monte a monte, que, se o não volveu ao abysmo das memorias infamadas, passou por elle soberba inquebrantavel.

Dizia-se que o antecessor de D. Francisco trazia para o reino um milhão, grangearia de seis annos de viso-reinado!

Ancorada em Cochim, estava á carga a nau que de-

via passar ao reino Mathias de Albuquerque. Nunca se vira tanto fardo de riqueza, marcada com o sêllo de um viso-rei!

Ruy Gomes, por esse tempo, estanceava em Cochim, e passava suas horas, feriadas da apoucada mercancia, sentado no caes da alfandega, entre a gente miuda, vendo passar os pacotes do passado viso-rei e ouvindo os juizos da plebe, respeito dos grandes haveres de Mathias de Albuquerque. Os mais audazes, abroquelados com a sua propria miseria e desvalia, diziam que viso-rei mais ladrão não tinha pesado sobre os indios nem quebrantado com os principes alliados mais contractos, sagrados pelo juramento de seus antecessores. Isto diriam elles de todos; do proprio D. João de Castro o diriam talvez!

Como quer que fosse, ao anoutecer de uma tarde, em que Ruy Gomes, silencioso e como alheio da linguagem do gentio, escutava aquelles rotos chronistas e philosophos do caes de Cochim, subito se ouviu da parte da bahia, onde ancoravam as naus, grande celeuma de brados de soccorro e misericordia. Promiscuamente com o alarido, rompiam chammas e fumarada de uma nau, que todos disseram ser a da fazenda de Mathias de Albuquerque, já de verga alta para se abalar no dia seguinte, em demanda da frota que o esperava em Gôa.

Viu Ruy, ao clarão das labaredas, a marinhagem e passageiros já embarcados para a viagem, saltando da amurada aos botes, com os braços estendidos para o incendio, em que lhes ficavam as riquezas. Afóra isto, o que elle viu á luz das chammas foi... DEUS. Viu o que viram muitos, julgou como julgaram aquelles cujo juizo Manoel de Faria e Sousa deixou perpetuado na relação

d'aquelle desastre. Merecem traslado as linhas, que são poucas e conceituosas: «Alli em uma hora se viu desfeito em fumo para mais de milhão e meio, que eram os interesses grangeados de muitos, ou por muitos annos e muitas diligencias. E como na India costuma ser mais por ellas que por elles e nunca o largo medrar em breve tempo deixa de ser escrupuloso, julgou-se que era castigo o que parecêra acaso. Albuquerque, como maior, mais perdeu. Porém, soccorrendo-se ao seu bom animo, á vista do incendio, levantou mãos e olhos ao céu, e, feito discipulo de Job, disse: *Senhor, vós o déstes, vós o levastes.* Do seu proceder póde-se esperar que fallou ajustadamente; outros, porém, melhor diriam: *Deus o deu, o diabo o levou.* (1)

O successo impressionou vivamente Ruy Gomes. Estava de animo bem disposto a comprehender como justiça divina o baque subito de uma opulencia, alli, nas cavernas do mar, aos olhos espavoridos do possuidor, punido diante das testemunhas de suas rapacidades. Corroborou-lhe a crença ouvir logo dizer um padre da Companhia, a quem se confessára, que Mathias de Albuquerque recebêra do jesuita Jeronymo Xavier uma carta prophetica d'aquelle successo. (2)

---

(1) *Azia portugueza,* tom. 3.°, pag. 109.

(2) O vaticinio do jesuita assentava n'estas palavras, de que Manoel de Faria se lembrou no lugar citado: *Que atigeirasse a alma para a viagem; advertindo-lhe que aos governadores da India não se havia concedido isempção de superioridade, como elles presumiam; porque sobre todos igualmente a tinham o oceano com suas liberdades; e o cabo da Boa Esperança não se deixava domar, vender nem lisongear.*

Com o animo commovido d'aquella visão, Ruy Gomes cada vez se entranhava mais no seu proposito de correr os dias restantes da vida pobremente. Estas ideias iam gerando n'elle outras de fervorosa piedade, levado das quaes frequentava a miude as igrejas e o confessionario, relembrando-se das orações que sua mãe lhe ensinára e a guerra com a desfortuna de tantos annos poderá escassamente delir-lhe da memoria.

Entretanto, corria-lhe o indeclinavel dever do trabalho para subsistir. Se elle tivesse de seu, e auferidos do seu suor, alguns recursos, verosimilmente lhe acudiria o pensamento de se recolher a qualquer dos mosteiros da India florentes em piedade e fructificadores de almas para Deus nas perigosas missões onde, áquelle tempo, seu primo o padre Ignacio de Azevedo andava em busca do martyrio que mais tarde lhe deu azas para o céu. Carecido, porém, do mais urgente á vida e adverso á dependencia de parentes, alternava os actos de piedade com os da veniaga, agorentando n'estes quanto espaço podia para o dar ao allivio da oração e jubilos ineffaveis de quem se crê na presença de Deus que o ouve.

Como soubesse que em Ceilão se fazia bom mercado de especiarias, porque n'aquella ilha os mattagaes são de canella, como diz Barros, aproveitou Ruy Gomes a passagem de alguns missionarios em navio de baixa conta e passou com outros mercadores do seu lote.

D. Jeronymo de Azevedo trazia guerra com o chamado tyranno de Candia. Ventava-lhe prosperidade nas entreprezas. Elle e seus officiaes, onde quer que punham o pé, abriam poças de sangue. Degolavam os indios pacificos a fim de incutir pavor nos inquietos. Fera espantosa aos proprios barbaros, o governador de Ceilão

vingou affugentar de Candia o poderoso inimigo, e içou em espeques as cabeças dos desprecavidos ou teimosos em defender suas casas e familias.

Orça pelo incrivel a crueldade do capitão-general. Um escriptor portuguez, já nascido ao tempo em que o primo de Ruy Gomes governava Ceilão e já homem quando elle morreu, conta que D. Jeronymo de Azevedo, ebrio das fumaças de vencedor, obrigava as indianas a triturarem seus filhos em almofarizes; depois do que, as estrangulava por mão de seus verdugos. Mandava cravejar lanças em creanças e pôl as ao alto; e, se as creancinhas agonisavam gementes, dizia *que ouvissem o cantar d'aquelles gallos,* alludindo ao poleiro e aos gentios que se chamavam os *Galas*. Mandava despenhar da ponte de Malvana os rebeldes ás fauces dos jacarés que os esperavam; e tão vezadas andavam as feras d'este cevo, que, á costumada senha de um assobio, emergiam as cabeças e abriam as boccas debaixo da ponte. O historiador ajunta que D. Jeronymo tinha escripta a alma no semblante, e de modo o descreve, que mal se imagina, visto ainda o retrato que lhe acompanha a biographia. (1)

N'estas proezas andava D. Jeronymo de Azevedo radioso e ovante, quando Ruy Gomes saltou em Ceilão. Testemunha de alguns supplicios infligidos a mulheres e creanças, sentiu-se trespassado de horror e quiz ouvir a historia dos criminosos assim castigados. Como lhe dissessem que o capitão-general castigava d'aquelle

---

(1) Veja a pag. 321, tom. 3.º da *Azia portugueza,* e o retrato a pag. 324.

modo os captivos, as esposas e filhos dos captivos, jurou a Deus não pôr seus pés no atrio de tão feroz cannibal, e deu-se pressa em mercar e vender suas especies, no intento de sahir da ilha, antes de ser visto do governador.

Não vingou o proposito.

Bem que Ruy se não atravessasse nas ganancias de alguem, alguns mercadores, que o não conheciam, entraram com elle a contas de remoques e insultos, aos quaes o paciente escarnecido não redarguiu. Chamaram-lhe de judeu, de pêrro, de mouro fugidiço. Fugiu, furtando-lhes as voltas. Os insultadores, espicaçados da inercia do fugitivo, sahiram-lhe com outras chufas e levaram comsigo chusma de gandaieiros assobiando-o. O menos condoido d'aquella soffredora pusillanimidade travou-lhe do braço esquerdo sacudiu-lh'o e bradou:

— Anda cá, D. Iscariotes! Diz quem és ou vaes ao potro de Gôa!... Terás tu fugido da santa casa?

— Não. Deixai-me ir — disse brandamente Ruy.

— Não irás; que judeu és tu dos quatro costados! Vem cá responder por ti ao ouvidor.

— Ahi vem o snr. capitão-general!—gritou o rapazio, voltado para onde soava a trupiada de cavallos.

D. Jeronimo passava desattento do grupo, mas os chatins quasi lhe levaram á frente do cavallo o suspeito judeu, bradando:

— Snr. capitão-general!

Olhou o governador, reparou e descavalgou de um salto, gritando:

— Que tendes que ver com esse homem?

— Não diz quem é e ninguem o conhece em Ceilão — respondeu um da turba.

— Ha tres dias que apparece a mercar nas feitorias — gritou outro.

— Deixai-o!—disse o general—Porque o trazeis assim ás vaias do povo? Que mal vos fez?

Calaram-se os accusadores.

D. Jeronimo, ruboro de sangue, chamou um de seus officiaes, resmuneou-lhe á orelha e ordenou aos amotinados que ninguem movesse d'alli os pés. D'ahi a pouco, estavam as avenidas da rua cortadas por soldadesca, os insultadores e gandaieiros eram presos, e despidos da pelle á força de vergastadas.

Ruy Gomes dissera duas palavras em baixa voz a seu primo, pedindo-lhe o perdão d'aquelles homens. O general respondeu:

— Até os brios perdeste, homem! Espero-te em minha casa, d'aqui a duas horas.

Como as duas horas passassem, D. Jeronimo mandou procurar em Ceilão o mercador, em breve descoberto pelos aguazis de s. s.ª e conduzido respeitosamente ás moradas do general.

O aspeito de D. Jeronimo de Azevedo, já recommendado por Manoel de Faria e Souza, d'esta feita espelhava a condição raro branda e o resentimento desaffeito a sopear-se.

— Vejo que te obstinas, primo Ruy!—disse elle com a testa avincada.

— Em quê?

— Em andar desairando tua familia! Ou mudar de vida ou sahir da India! Que vestimenta é essa? Já a gentalha te apupa como a doudo; e eu não posso andar atraz de ti com os verdugos para retalhar os lombos dos que te enxovalham!

— Respondo, se não tens mais que dizer.

— Vejamos...

— Não envergonha sua familia quem não desculpa seus vicios proprios com a pobreza; e menos a envergonha quem, como pobre e desambicioso, commerceia; podendo ser, porém, que este mester desdoure o general D. Jeronimo de Azevedo, acautelei-me, calando os meus appellidos. Mudar de vida ou sahir da India, me dizes. Esperarei que Deus me mude para outra. Fartas vezes busquei a mudança, atirando-me aos pelouros e ás espadas. O Altissimo Senhor não quiz: pouco monta que eu queira. Sahir da India, sahirei: manda-me quem póde. Tanto faz... Ainda ha mais mundo. Onde quer está a patria de quem nenhuma já tem... Perguntas que vestimenta é esta? A do pobre, mas do pobre conformado que não ambiciona outra. A de D. Antonio, rei de Portugal, era como esta no derradsiro anno de sua vida. Nunca o vi lastimar-se á mingua de um jubão orlado de ouro, como esse que tens. O primo de D. Jeronimo de Azevedo não se peja de andar entrajado como o sobrinho de D. João III. O meu mantéu de damasco ficou em Alcacer-Kibir... Se a gentalha me apupa como a doudo, não dei azo a que me enxovalhasse. Estava eu comprando canella; dava por uma pequena porção o que me pedia o vendedor; como não desfiz na mercadoria nem lhe chatinei o preço, os outros mercadores levaram-m'o a mal e desabriram-se irritados da minha paciencia. Debaixo d'este surrado jubão já não estava Ruy Gomes; por isso me viste, primo, desfeiteado entre aquelles homens, que por vilta nossa fallavam a propria lingua com que S. Francisco Xavier e teu irmão Ignacio de Azevedo por aqui passa-

ram evangelisando o amor ao proximo. Se lhes fizeste retalhar as costas aos mercadores pelos teus verdugos, pedi-te que os deixasses e tu me privaste de merecer com Deus a virtude do perdão de offensas que nem injurias eram. Respondi, D. Jeronymo. Assim que sahir navio, voltarei a Gôa, onde tenho umas pogeas de pimenta, que são o meu alimento de oito dias. De Gôa me sahirei para onde te não empeça. Farto vou da India de Castella. Não é isto o que meu pai dizia da Azia portugueza. O que ahi ha é uma caverna de feras e ladrões!

— Faz-te frade, Ruy! — interrompeu D. Jeronymo, galhofeando.

— Que iria n'isso á religião ou a mim? Sobejam frades e sobejam homens sem temor de Deus. Um frade mais não diminuiria um criminoso ao numero d'elles. Não se ha mister frades na India para desbravar almas de gentios. Estes são quem menos envergonham as faces do Creador. Frades, meu primo e senhor, quem mais carece d'elles és tu e os da tua plana; são todos os que levam diante de si o padre com a cruz e o verdugo com o cutelo!

— Por maneira—atalhou entre risonho e colerico D. Jeronymo—que me pagas com affrontamentos...

— Affrontamentos não: faço-te advertencias salutares para te pagar como posso os favores que me querias fazer. Homem, que se desceu de moto-proprio ao nada que eu sou, já não lisongeia alguem para ser alguma cousa n'esta vida, em que os mais vistosos não passam do commum lodo mais arreiado de enfeites. D. Jeronymo, não sejas cruel. Eu vim ver e saber como tu castigas os vencidos, e vingas em velhos, e meninos e mulheres a injuria dos vencedores!

— Já me enfadas!—interrompeu o capitão-general— Tudo te relévo a fôro de parente, e de mesquinho e coitado que és, a quem a desgraça enfermou a razão!... Se te não sirvo em remedio de tua pobreza, não me offereço para pedra de afiar o estoque da tua devota prégação, meu primo Ruy! Ouvi de ti o que não ousaria dizer-me segunda vez o viso-rei!

— Mercês; mas lastimo que qualquer padre christão desmaiasse diante de tua authoridade, mórmente o padre que ousa insultar as divindades das religiões estranhas. Se os viso-reis se não atrevem comtigo, meu primo, arreceia-te do Juiz que ha pouco puniu Mathias de Albuquerque!

— O incendio da nau?—acudiu com despresador sorriso o governador—Acabemos com isto!...

— Essas palavras—disse Ruy—me lembram o santo homem por quem chora a India... *Já é tempo de acabar*, dizia Affonso de Albuquerque... Pois, sim, primo, acabemos com isto. Fica-te em paz commigo e comtigo, se podéres. Deus ou a desventura te melhorem!

Ruy Gomes de Azevedo sahiu. A' porta do capitão-general estavam muitos fidalgos, attrahidos por um boato mysterioso espalhado por conta do incognito mercador. Os fidalgos, com os olhos cravados n'elle, deram-lhe respeitosa passagem. Ruy passou obrigado por entre as alas com o chapéu na mão e o sorriso nos beiços, o sorriso de piedade do animal soberbo e abjecto chamado homem.

Entre as atoardas correntes por conta do incognito mercador, a mais imaginosa não deve faltar o romance com ella: alguns disseram que pela estatura, olhos e an-

dar, o mysterioso homem, que sahira do paço do capitão-general, era el-rei D. Sebastião.

O certo é que os espectadores se acotovellavam no caes de Ceilão quando o pobre mercador, sobraçando dous fardos de especiarias, saltava n'uma caravella de carregação para Gôa.

XVIII

Leonor

Vamos ao Minho ouvir a conta que nos dá da sua vida de dezoito annos Leonor Correia de Lacerda. Não é cousa bem vulgar e ordinaria que ella tenha sido feliz com um esposo estranho ás convulsões dos bandos, nem amigo nem inimigo dos Philippes, rico e socegado possuidor de seus bens, de sua mulher e filhos, se os tinha? E'. Está a vida, como ella é apesar dos romancistas, abundantissima de casos analogos e contrastes que insinuam nos animos irreflexivos a suspeita de que a Providencia, umas vezes por outras, dorme.

Entretanto saibamos.

Quando a frota sahiu para Africa em junho de 1578, já Leonor era esposada de um anno e já tinha chorado. Isto não admira. Choram de mimosas as mais amadas esposas. Esta conjectura, porém, contrariavam-na certos menospreços de João Esteves Cogominho, picadellas pungentes no coração, ciumes emfim, mas ciumes que muito a desciam, nivelando-a com rivaes de condição infima.

Cuidava ella que soffreria menos, se as rivaes fossem de condição alta. Pura illusão.

Apressou-se-lhe a experiencia. Logo que o esposo fez uma excursão ás villas e cidades minhotas, no intento de mostrar os lacaios com suas librés escarlates, e os cavallos com suas marlotas brancas e capillares e caprazões encarnados, D. Leonor, espiando-o como esposa vigilante, soube que era mais remordente o ciume da dama com a qual a mulher trahida se julga competir em prozapia, belleza e outras graças.

João Esteves demorou-se; Leonor appareceu-lhe inesperada. Foi surpreza que o irritou. São pessimos os homens! Pobres anjos as mulheres, quando amam e expiam culpas tão usadas e triviaes como Leonor!

A gente diz isto, mas Deus lá sabe.

Por este tempo vendia D. Thereza o patrimonio de seu filho e logo adiante morria fulminada de saudade. Convem combinar estas cousas, e ver se, mediante ellas, entendemos a justiça lá de cima. E apontemos para o céu, sem pejo dos «espiritos fortes».

O esposo irritado obedeceu á violencia das lagrimas. Deixou a vida folgada que vivia, e acommodou-se com os desvarios e baixa libertinagem das suas aldeias.

As primeiras lagrimas de Leonor enxugou-lh'as Gonçalo Correia. Devia-lh'o de obrigação, porque lhe ensinára a villania da alma ou pelo menos lhe ajudou o desenvolvimento d'ella, que poderia ter morrido nos embriões. Porém, quando a esposa trahida e immolada a idolos de mais incenso e culto chorou as segundas lagrimas, o pai tinha morrido.

Sósinha, portanto, e de mais a mais odiada das suas parentas e amigas; razão de umas snr.as Alcoforados, de quem o author se lembra, contaram o caso feio e deshonroso do desmentido que ella dera ás razões do ouvidor

de Barcellos; e este, por sua parte, divulgou o despundonor da menina com côres negras á mais não poder.

Honrado e malfadado ouvidor!

Aos ouvidos de João Esteves chegaram as asperrimas censuras do magistrado, movidas da compaixão e colera com que elle recebeu a nova de ser morto no captiveiro Ruy Gomes, e logo em poucos dias tambem morta D. Thereza Figueirôa.

Trovejava o ouvidor maldições sobre os causadores de duas mortes. Mandava esperar a vingança de Deus sobre a treda mulher atada a um villanaz de marido que, servido de astucias ignobeis, empolgára o lodo do ouro e o lodo do coração da esposa. Tinha grande auditorio e applausos o praguejador. O sobrinho do chanceller jurou vingar-se.

Sahiu o magistrado em correição ao julgado de Vermoin, no anno de 1580. O seu transito corria por perto das terras de Pouve. João Esteves mandou seus lacaios que o matassem.

Cumpriram.

O crime estrondeou tanto, que ainda hoje ressôa na tradição popular. Os lavradores d'aquelles sitios vos referem, nua de causas e effeitos, a historia de ter sido assassinado alli perto de umas ruinas já soterradas, que foram o paço de Pouve, um ouvidor de Barcellos.

Não valeram ao homicida appellidos nem a defeza acastellada com seus criados. Fugiu para Castella. A occasião era propicia. Bandeado com os almoedeiros de Portugal devia esperar indulto. Lá mesmo, porém, no coração de Madrid, uma noute, romperam-lhe o peito com um ferro curto e abateram-no com segundo golpe.

Quem foi? O ferido, em perigo de morte, apenas disse

que era negro o sicario que o atacára. Attribuiu a traição a algum rival por amor de alguma das suas damas. Ellas e elles eram tantos!...

Fossem lá descobrir o negro!

Vasco, o escravo e amigo de Ruy Gomes de Azevedo, sete dias depois estava no paço de Ninães agricultando as hortas.

E quinze dias antes sahira de Landim Ruy Gomes com D. Antonio.

Restaurou-se o senhor de Pouve. Leonor assistiu-lhe na enfermidade e ficou em Madrid.

João Esteves Cogominho, se viesse a Portugal com o exercito do duque de Alba, poderia ter avistado Ruy Gomes em Extremoz, em Cascaes, Setubal e Alcantara. Não tinha amor tamanho a Castella que se expozesse ás duvidas da guerra. Limitou-se, como os jurisconsultos de Philippe, a dar o seu parecer favoravel ao hespanhol e o coração ás hespanholas.

Consolidado o dominio de Philippe II em Portugal, João Esteves, sem mais cicatrizes das que o negro lhe fizera com mal certeira faca, foi para sua casa do Minho, escoltado de homens armados a expensas d'elle; porém, como saudades de Madrid lhe afeiassem os montes e chãs da sua aldeia, deixou Leonor empenhada no concerto dos bens desfalcados e foi para Hespanha rebater a cedula ou carta que tinha recebido de Christovão de Moura; bem que sua alma, como cousa infamissima, se désse e não vendesse a Castella. (1)

(1) Eram as cedulas uns assignados com que os portuguezes vendidos a Castella se deviam apresentar, vencida a contenda,

Em Pouve correram amargosos os dias de Leonor. Não sahia d'entre as quatro paredes-mestras da sua sala, desde que um dia, passeando no jardim, viu rente com o muro a cara de azeviche, e os olhos coruscantes e os beiços em carne viva do negro Vasco, d'aquelle negro das suas confidencias, a perguntar-lhe:

— Então sempre foi certo morrer no captiveiro o seu priminho Ruy, snr.ª D. Leonor?

Fugiu e o negro sumiu-se. Lá sabia o porquê do sumidouro.

Ainda sahiu outra vez a uma festa de igreja a Santa Maria de Abbade, perto de sua casa. Mas, n'um intervallo de silencio dos padres cantores, ouviu uma voz plangente que dizia: *Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria por alma do fidalgo de Ninães, que morreu captivo em Marrocos.*

Algumas mulheres soluçaram, rezando. Sobre Leonor convergiram muitos olhos. Estava pallida e com a face cahida sobre o seio arquejante.

Depois é que nunca mais sahiu.

Quem pedira o *Padre-Nosso* fôra Vasco, o escravo.

Entrou-se de medo e afflicção. O marido não vinha: foi ella procural-o. O acolhimento excedeu em desabrido o que Leonor antevia. João Esteves dava a outra mulher o coração, do qual metade bastaria á felicidade de sua esposa. Mas isto é um paradoxo: não ha metades de coração. Ou todo o amor ou toda a indifferença, quando não é uma insustentavel impostura, chamada estima.

---

para receberem a paga. Quem quizer conhecer os vendidos e vendidas de maior quilate leia-lhes os nomes na *Europa portugueza* de M. de Faria e Souza, tom. 3.º, pag. 119 e 120.

No apuro dos ultrajes e humiliações, Leonor chegou a ter saudades dos seus medos de Pouve. Foi tão acima na escala das angustias, que um dia rompeu n'estas vozes em presença do marido:

— O' meu primo Ruy, como eu estou pagando! Agora conheço quanto mal te fiz!... Deus tenha a tua alma em descanso; e, quando estiveres vingado, pede-lhe que me despense d'este castigo!

João Esteves esbravejou. Era a vez primeira que sua mulher lhe dardejava tão acerada affronta. Recebeu-a elle na consciencia de sua infamia e sentiu-se alanciado na soberba.

Foi outro marco negro que Leonor levantou na sua carreira.

D'ahi por diante, o algoz quebrava o silencio com o insulto e sovava aos pés a memoria de Ruy Gomes de Azevedo, infamando-o de covarde e incapaz de lhe disputar a mulher que amava.

— Se te elle queria tanto, — vociferava o senhor de Pouve — porque te largou tão facilmente á minha vontade?! Ou te queria mui pouco ou a covardia era maior da marca! E, se o amavas, que filtros te dei eu? Rauzei-te? ameacei-o a elle? requestei-te muito tempo? fui-me lagrimar aos teus pés?... Não. Meu tio é que me levou de rastos, atando-me á galé do teu ouro, que me não serve senão de peso no peito e mais nada. Que me faz a mim a tua riqueza?... Por tua causa, fui atassalhado do ouvidor, que já está no inferno! Andei fugido e suspeito de assassino, por ter desaffrontado a honra dos meus e a tua! Ainda vens agora lembrar-me Ruy! Lembras-m'o, como se eu perdesse muito, sendo tu d'elle

e não minha! Fosses para elle quando o ouvidor te foi buscar! Quem te quitou?

Leonor cahia em joelhos, pedindo ao Senhor que a remisse de suas penas. João Esteves, quando assim a via desafogando n'aquelle chorar, que Deus ainda lhe esmolava, sahia escarnecendo-lhe as exclamações.

Foi ella, a final, quem pediu ao marido que a deixasse voltar sósinha para Portugal. A meia volta, estavam preparadas as liteiras para a jornada. João Esteves via lucidar-se-lhe dia novo de liberdade cheia, com muito sol para o coração e calor para reaquecer os espiritos entorpecidos no cansasso da libertinagem. Só e rico! No vigor dos trinta e quatro annos, em terra, e n'um tempo em que até aos cincoenta e até aos cem como n'outras terras todo homem endinheirado podia chover ouro sobre os tectos bronzeados das Danáes, João Esteves não se trocaria por Jupiter.

Recolhida á casa de Pouve, D. Leonor Correia amparou-se da cruz do Salvador e começou vida de penitencia, como se a não trouxesse de Madrid mais que muito expiatoria. Rodeou-se de frades, que lhe ensinaram o reflorir da alma na maceração do corpo. Verdadeiramente, Leonor Correia, ao sentir-se velha e ver-se alvejante de cans, antes dos trinta e cinco annos, principiava a enlevar-se em raptos de amor divino.

XIX

Vasco — o escravo

Quem tiver versado a historia dos vinte annos sequentes á usurpação de 1580; e de João Pinto Ribeiro, de Salgado de Araujo, de frei Francisco de Santo Agostinho, do conde da Ericeira e dezenas de monógraphos d'aquella nefasta epocha, tiver sabido as atrozes vinganças dos ministros de Castella exercitadas sobre os partidarios de D. Antonio, entenderá como a permanencia de Ruy Gomes de Azevedo, por cinco mezes, no Minho, foi tão sómente sabida das pessoas que deram guarida ao principe homiziado. Ninguem vira o senhor de Ninães, senão os cruzios, que já lhe tinham suffragado a alma no seu mosteiro. O povo das aldeias, que assistira aos responsorios, nunca mais se lembrou do bemquisto fidalgo que não fosse para lhe rezar como a martyr dos infieis da Mourama. Tambem Leonor Correia o considerava tão morto, que raro dia, depois da sua exaltação mystica, deixava de assistir a uma missa por alma de Ruy Gomes, durante a qual as lagrimas eram o mais tocante e mavioso testemunho da sua mágoa.

Dous annos de soledade e melancolia, de oração e jejuns, de cilicios e esmolas rodearam no viver da esposa de João Esteves Cogominho. A' proporção que as abstinencias e macerações lhe iam adelgaçando o involucro material, o espirito cobrava certa lucidez, tirava para devaneios do mundo desconhecido, voejava com azas ethereas e sentia os jubilos costumados em todas as almas febricitantes de affectos celestiaes. D'ahi lhe succederam umas preoccupações e visualidades, nas quaes o frade seu confessor entendia que algumas faiscas de amor profano tinham entrado subrepticiamente. Era o caso que Leonor cria ver a imagem, a sombra, o phantasma de Ruy Gomes, não torvo e ameaçador, antes compadecido e indulgente, ora chorando com ella, ora contemplando-a com amoravel tristeza. O frade director espiritual queria ver n'isto um amor posthumo por uma das partes, e, além de posthumo, resabiado de offensa á lealdade conjugal. Por onde, rogava muito rogada á sua filha espiritual que espancasse visões similhantes com muitos actos de fé e esconjurios, ao sagacissimo demonio, que lhe andava negaceando no phantasma de Ruy Gomes de Azevedo. Outro frade de S. Francisco de Guimarães era de parecer que o avejão do morto pedia missas, signal de estar penando no purgatorio. Leonor mandava dizer muitas missas; e, nos seus colloquios com a visão, pedia-lhe que, ao entrar na bem-aventurança, lhe désse um signal.

E, com a alma assim ateada n'aquelles incendidissimos arrôbos, todo o corpo se lhe ia desfibrando, não tinha sangue senão para lagrimas nem resto de formosura que impressionasse cousa que não fosse phantasma.

Em 1598, João Esteves veio de Hespanha ajuntar

dinheiro que pendia da assignatura da esposa, e pasmou de a ver mumificada e secca de fazer medo. Fallava-lhe; e ella escutava-o sem o entender. Ao tocar-lhe nas mãos gelidas, o cadaver galvanisado retrahia-se, como do prurido de uma osga.

Era odio ao esposo e amor ao phantasma; era a repulsão da mais leal esposa que ainda tiveram espectros.

O senhor de Pouve, esquadrinhando o viver de Leonor, soube que dous religiosos principaes entre outros muitos visitavam frequentemente sua casa, onde se dizia missa quotidiana. Entendeu que a mystica lhe areára o juizo da esposa. Não se consternou com isso nem impediu a influencia dos franciscanos e carmelitas. Deixou-a, e foi para onde as mulheres eram menos asceticas e diaphanas pelo desbastar das espiritualidades.

Passados dous annos, recebeu João Esteves a nova de que sua mulher queria vender o que herdára de seus paes para fundar um convento de carmelitas descalços na sua casa de Roboredo. A lembrança pareceu-lhe humana e juridicamente parvoa ao marido. Como venderia sua mulher os bens communs? Quem lhe alvitraria tão estolida piedade?

Não respondeu ao aviso do prior carmelitano.

Volvidos mezes, outra nova: sua mulher queria recolher-se n'um mosteiro, separando-se judicialmente do marido e levantando seu patrimonio, visto não haver successão.

Isto era grave, porque era a pobreza.

João Esteves veio a Portugal. Entrou no paço de Pouve. Encontrou um frade e despediu-o com ameaça de o fazer atagantar pelos lacaios. Fez correr o boato de que escorcharia quantos frades lhe entrassem na casa.

Poz atalaias á volta dos seus dominios e tratou de cobrar assignados da mulher para verdadeira ou fraudulosamente alienar os bens.

D. Leonor não assignava nem discutia.

O seu responder era *não*. Um *não* rispido, secco, selvagem como de creatura que perdeu o afinado da voz com a prática de dialogar com phantasmas.

O marido, no extremo da impaciencia, exhaurido o ardil da brandura, quiz violental-a a escrever seu nome. Leonor correu á balaustrada que abria sobre os campos e gritou. Os aldeãos, que lhe chamavam «santa», acudiram em barda. O fidalgo, acaudilhando os lacaios, atravessou-se á populaça com a espada nua.

A esse tempo, o religioso expulso, a quem os camponezes tambem chamavam «santo», dizia no adro da igreja que o homicida do ouvidor de Barcellos, o traidor que se vendêra a Castella, o causador da morte do fidalgo de Ninães e da virtuosa D. Thereza, viera de Madrid a matar sua mulher. E, entrando ao templo, pegou de um crucifixo e sahiu, bradando:

— Defendei a fidalga, defendei a vossa bemfeitora, que nos annos da fome vos perdôa as rendas e vos manda as mézinhas quando estaes doentes!

D'ahi a pouco, repicavam a rebate os sinos de tres freguezias; e, no concurso de povo á volta da casa de Pouve, via-se o negro de Ninães, o escravo de Ruy Gomes, perguntando a uns e outros se era fogo ou ladrões no paço do fidalgo.

Revolvia-se a plebe sem chefe de um para outro lado, vozeando; mas ao direito dos alterosos cancêllos do pateo não ia alguem, porque os criados de João Esteves,

com as escopetas engatilhadas e abocadas á cara de quem vinha, desmaiavam os mais corajosos.

— Mas que querem vocês? — perguntava o preto.

— Queremos tirar das mãos do fidalgo a senhora que elle está matando!

O preto sorriu e disse:

— Lá se avenham... Cuidei que era outra cousa. Se não fosse ella, vivia o meu senhor! Agora que se aguente... Deus bem sabe o que faz... Ora venham cá vocês, que eu vou contar-lhes tudo...

Reunia-se o povo á volta do negro, quando João Esteves, surgindo n'uma janella, bradou:

— Eh! d'ahi, villanagem!

E, desfechando um arcabuz ao meio da mole popular, cravou um pelouro nas costas do negro. Depoz esta seguiu-se uma surriada de arcabuzadas, já seperfluas, porque o gentio sumira-se de modo e tão depressa, que parecia ter sido engulido pela terra dentro.

Mas o preto não. Vasco ficou no sitio onde o feriram, em pé, a olhar fito na janella, a apalpar o lugar ferido e a dizer entre dentes:

— Se eu escapar!...

Foi para casa por seu pé e escapou.

Carnadura de negro e cirurgia de um velho soldado da Azia deram com o pelouro fóra dos musculos intercostaes, e fechou-se a ferida. Mas o preto, assim que o soldado o deixou, tomou a bala entre os dedos, rolou-a, pesou-a de mão em mão, ajustou-a á bocca de uma caçadeira de seu amo e disse:

— Cabes? muito bem... Has-de ir para quem te cá mandou! Veremos se entras melhor do que a cuchilla!...

XX

O que era um negro quando precisava ser homem

As propriedades de Ninães, alienadas por D. Thereza, tinham sido vendidas ao doutor Francisco Pereira Caldas, de Braga, pae de Gabriel Pereira de Castro.

O doutor Francisco Pereira tinha sido, em Braga, o mais ardente propugnador dos direitos de D. Antonio á corôa. D'elle, como douto e estimado do povo, se temia o arcebispo D. Bartholomeu dos Martyres, e tão sobresaltado andava, que, ao visinhar-se o prior do Crato de Aveiro, enfardelava o arcebispo a trouxa e a consciencia de patriota para se passar ao seguro de Castella.

Infestado o territorio portuguez por vinte mil soldados de fóra e alguns milhares de traidores de dentro, o arcebispo mandou processar Francisco Pereira Caldas, o qual previdentemente se tinha homiziado.

Obrigado a extraordinarios dispendios em reinos estrangeiros, o pae do épico author da *Ulissea* mandou vender as propriedades compradas a sua prima D. Thereza Figueirôa. Gonçalo Correia as comprou e Leonor sua filha as ajuntou ao seu grande patrimonio.

Estas propriedades queria João Esteves Cogominho vender agora pelo quádruplo do que seu sogro as tinha havido. Se D. Leonor, dobrada pelo medo, assignou ou prometteu assignar a venda, não sei. E' de crer que sim, attento o desamparo em que se via dos parentes e dos frades. O sabido é que João Esteves, seguido dos compradores, andou mostrando as terras; e, chegando ás hortas circumpostas ao paço, as indigitou como suas.

O escravo, que ouvira a falsidade, sahiu ao patim da casa e disse que sua senhora D. Thereza, quando vendêra as terras para resgatar o snr. Ruy, lhe dissera que não vendia a casa nem as hortas.

— Quem te chama aqui, macaco vil? — bradou João Esteves.

— Vim eu a dizer a verdade. Vossa mercê não é dono d'isto. Venda o que é seu.

O de Pouve fez arremêsso de galgar as escadas, mas os lavradores prudentes lançaram-lhe as mãos respeitosamente, dizendo que o que fosse havia de constar das escripturas.

— Mas deixem-me esmagar aquelle nojento cão! — dizia o fidalgo, sacudindo-se das mãos dos lavradores — Cuidei que já não te achava aqui, pêrro!

— Cá estou, senhor — disse Vasco — e o pelouro cá está tambem. Custa a morrer!...

João Esteves espumejava de ira e o negro estava sereno, encostado á esquadria da porta.

Lograram os lavradores retirar o fidalgo, desconfiados de que o preto era homem para lhe malhar um tiro, suspeita bem assentada nos precedentes de Vasco.

O marido de Leonor Correia, apartando-se dos lavradores, desandou pelo mesmo caminho e entrou ás hor-

tas de Ninães. O escravo, distrahido no trabalho de cavar, deu tento de João Esteves, ao saltar por sobre um baixo tapume de buxos, com um punhal na mão convulsa.

— Vem mal aviado, snr. fidalgo! — disse o preto — Olhe que está no sitio onde morre, se não muda de rumo!

Cresceu sobre elle o raivoso aggressor. Vasco assentou-lhe de leve a pá da enxada no peito como para suspender-lhe o impeto do ferro e disse-lhe:

— Fidalgo, não se atrigue, que eu não o mato porque não quero! Vá-se embora com Deus. As hortas não são de vossa mercê... Isto é dos herdeiros de meu amo, o snr. Ruy Gomes. Vossa mercê não é herdeiro d'elle, que eu saiba...

Insistia o furioso nos arremêssos com o ferro e o preto seguia-lhe com a sua segura defeza os movimentos. De repente, Vasco deixou cahir a enxada, e de um pulo o apanhou e levou debaixo, arrancando-lhe o punhal da mão.

Desfigurou-se. Era o tigre de Africa, peiorado pelo que ahi ha para maior horror na fera humana assanhada. Deleitava-o infernalmente aquella preza que lhe escabujava debaixo dos joelhos de ferro. O sangue regolfava-lhe nas cavernas dos olhos esbugalhados. Cevava-se-lhe, a vêl-o espernear, a sua fome d'aquella vida que trouxera duas mortes á casa de seus amos. Via tudo, o negro, n'aquelles instantes. Via o seu amo a rir no berço e a chorar no captiveiro. Via sua madrinha a vender as arvores de seus avós e a chorar abraçada ás que seu filho plantára. Via tudo como o veria um molosso, com as fauces na garganta do homem que lhe houvesse ma-

tado o amo. E parecia demorar-lhe a vida para sentir bem no joelho o desfazer-se do coração. Não o tinha ainda ferido, não queria feril-o. O esmagal-o era-lhe maiores delicias, mais longo o aspirar o acre do sangue. Não queria matal-o, sem pensar no modo de lhe espremer entre os dedos recurvos uma por uma as fibras da vida... Não queria, mas João Esteves estava estrangulado.

Vasco levantou-se, olhou á volta de si e passou o punho da vestia pela fronte. A enxugar o suor? Não: as lagrimas!

Despedia-se da casa onde entrára aos quatro annos, da memoria de seus senhores, de uma esperança que em sonhos lhe fallava de seu amo voltar ainda...

— Agora... estou fôrro!

Disse elle e sahiu do paço de Ninães.

XXI

Reflexões sobre os pretos e o mais que se disser

N'aquelle tempo, os escravos eram as mais desditosas e infimas creações de Deus. Os próceres, os grandes da bitola dos Cogominhos, matavam impunemente os ouvidores. Mas, se acontecia o negro ajuntar á sua condição social de besta a condição humana de fera, os fidalgos morriam ás garras do negro, e a mão da Providencia abria reconcavos de montanhas, gargantas alcantiladas de despenhadeiros por onde os aguazis e verdugos não iam desmoutar os latibulos dos escravos. No Minho, principalmente, a quantidade dos escravos e a barbarie dos senhores não poucas vezes se conflagravam de modo que nem sempre os proprietarios da besta ficavam de cima.

As cordilheiras do norte a miudo appareciam infestadas de joldas de salteadores, recrutados na raça escrava; e raro socio d'aquellas companhas temerosas se alistava sem levar as mãos tintas de sangue. N'isto é que os pretos e mulatos se não pareciam com os pacientes be-

zerros, seus irmãos, comprados na mesma feira ou vendidos pelo mesmo gallego.

Encontrado o cadaver de João Esteves Cogominho, ninguem curou de bater os mattos em busca do matador. Poucos homens não ousariam defrontar-se com o terrivel negro de Ninães; e os necessarios para uma montaria não os tinha a terra nem os chamava de longe a estima do morto. Além de que, o juizo geral era que Vasco se tinha ido ajuntar a uma cabilda de ladrões que estanceavam por Barroso e desciam como alcateias de lobos ás estradas na quadra das feiras annuaes.

Injustiça grave ao sanguinario amigo de Ruy Gomes de Azevedo. Vasco entrou em Castella, encaminhou-se á Corunha e lá entrou na marinhagem de uma nau que estava de ancora levantada para a ilha Terceira.

No correr d'estes successos, a viuva Leonor Correia não se descabellava em descompostas lastimas. Abria a miudo o livrinho consolador de Kempis e conformava-se com a vontade do Senhor, como as viuvas de hoje em dia, sem lerem Kempis nem cousa que as distrahia de suas lagrimas.

O que ella fez, com religioso respeito aos restos de seu marido, foi mandar construir um d'aquelles dous caixões de pedra tosca e liza, que o leitor póde ver no adro da igreja de Santa Maria de Abbade, encostados á parede da capella-mór. N'um d'esses mausoléus está João Esteves Cogominho. No outro logo lhe diremos que cinzas esperam o sopro revivente da tuba do archanjo.

Continuava a estatica viuva a dialogar com o phantasma de Ruy Gomes, mais illuminadamente, mais transportada em deliquios de sobrenatural amor. Allucinava-

se ao extremo de pensar que os seus dedos lhe tocavam nas mãos em que, ella creancinha, inclinava a cabeça para se deixar toucar de flores. Via as flores, o matiz dos lamores perfeitos, o avelludado candissimo do lyrio, o rouxo das violetas que lhe elle mandava do seu jardim. Aspirava os aromas dos ramilhetes, ia aos saltos como nos seus doze annos de janella em janella, figurando-se-lhe á volta do paço de Pouve as aleas de carvalheiras por onde Ruy se andava a pedir ás avezinhas que lh'a chamassem para as sombras dos caramancheis das fontes.

Estava, pois, louca? Não: estava muitissimo mais desgraçada. Porque, apagada a flamma febril que lhe allumiava o seu mundo ficticio, Leonor entrava na masmorra escura da sua razão e dizia: «Mas elle morreu e foi d'este mundo sem me perdoar!...»

XXII

E Ruy?

Além-mar, n'outro hemispherio, tambem um espirito de homem, congraçado com as tristezas, apertando bem á fronte os seus espinhos, penitenciando-se sem necessidade de purificar-se para entrar ao coração da justiça divina, se alevantava a Deus n'aquelle alto desferir de azas para onde o vai guiando o anjo do infortunio immerecido, porém, no fervor religioso d'esse outro infeliz d'esta vida não pungiam remorsos nem pavores do inferno. Era dôr que á presença do Juiz Supremo não levava mais lagrimas, senão as suas.

Fiára por demais nas forças proprias Ruy Gomes o pão de cada dia. Não lh'o dava o seu lavor. As migalhas do seu commercio alguma vez lhe não retornavam liquido o dinheiro empregado n'ellas. A muita vontade de trabalhar e o exercicio incansavel das faculdades de alma e corpo não enganam a fome: bem que a tal respeito se hajam escripto excellentissimas maximas, todavia pouco nutrientes.

No mosteiro de S. Domingos de Gôa era conventual um dos soldados illustres do reino que acompanharam Ruy no captiveiro. Diogo das Povoas, em perigo de morte, fizera voto de vestir o habito dominicano, se ainda beijasse terra de sua patria. Resgatado pelos frades da Santissima Trindade, abraçou sua familia n'uma aldeia da Beira e foi caminho de Bemfica vestir a tunica branca. Depois, passou á India a missionar, e demorava no seu convento de Gôa, quando Ruy Gomes, casualmente sabedor da paragem do seu camarada e companheiro na sejana de Fez, o procurou e lhe disse quem era. Vinte e dous annos interpostos haviam delido no aspecto dos dous soldados de Alcacer-Kibir os traços todos do antigo porte e feições. Um era o frade envelhecido no Pegú e no Malabar; o outro, mais novo na idade e mais caduco no exterior, arguia a decrepidez avançada, o desgraçado que tinha sentido em cada hora o giar de seis invernos consecutivos sem sol intercadente. O frade dormira algumas noutes serenas sob o pavilhão de missionario nos arraiaes de Jesus Christo; por isso ainda sorria contentamentos de alma. O soldado do prior do Crato não provára as doçuras da paz desde a perda de um rei até que o outro adormeceu o somno eterno na igreja da Ave-Maria, em Pariz. Dezesete annos sem uma alvorada de esperança! O amarellido d'aquellas grandes barbas, que lhe cobriam o avelhentado peito do jubão, era o crestar das lagrimas corrosivas. Ruy Gomes de Azevedo perfazia quarenta e quatro annos em 1600, quando frei Diogo das Povoas lhe dizia:

— Tu eras mais novo do que eu, Ruy... Grandissimos trabalhos devem ter sido os teus!

Da exposição particularisada do sectario fiel de D. Antonio colligiu frei Diogo que o seu socio de captiveiro entre muitas agonias já tinha experimentado as da fome, alli, no centro das opulencias da Azia. Louvou-lhe com lagrimas o desprendimento dos favores do cruel capitão-general de Ceilão; e, em nome de Christo, cuja imagem tirou do seio para santificar um pedido, lhe rogou que todos os dias fosse duas vezes ao mosteiro fazer-lhe companhia ás horas do repasto.

Ruy acceitou metade do quinhão de sopas de frei Diogo. Travou-se tanto, em seguimento, a convivencia dos dous, que, ou por amor d'isso ou por fervor de devoção áquella hospitaleira casa, pediu Ruy que o recebessem como leigo. De boa mente lhe davam o habito sem patrimonio os dominicanos; qualquer que fosse, porém, o embaraço e irresolução do cavalleiro de Alcacer, é certo que se recusou a professar. Esperaria o amigo de D. Antonio que o successor do principe morto, D. Manoel de Portugal, chamasse ainda os fieis soldados de seu pai a restituir-lhe a herança paterna?

No primeiro anno de leigo, Ruy Gomes, como frei Diogo das Povoas acompanhasse frei Francisco da Annunciação em serviço do instituto e da republica aos reinos situados na costa do Pegú, pediu licença de acompanhal-os.

Foi. Elle e os frades foram os primeiros que palmilharam com habitos sacerdotaes as terras de Jangomá, confinantes da Tartaria. Chegados ao seu destino, entendeu Ruy quão outra da missão evangelica frei Francisco ia exercitar tão longe do seu mosteiro como do seu officio de mensageiro de Jesus.

N'aquellas paragens demorava um reino chamado

Arração, grande principado. O rei d'este reino salvára da forca um mercador portuguez, de nome Philippe de Brito de Nicote, captivo em Chandecão. Chamou-o a conselho nos seus particulares negocios, nomeou-o seu ministro, e deu-lhe o cabedal e governo de uma feitoria em Sirião, ilha que media cincoenta leguas em volta. Brito curou de levantar uma fortaleza, pretextando acautelar-se de salteadores. Concluido o traiçoeiro intento, vai a Gôa, offerece ao viso-rei a fortaleza e entrada no reino do seu bemfeitor. O viso-rei Ayres de Saldanha acceita-lhe a menagem, dá-lhe honras de capitão e uma sobrinha sua para mulher. Durante o espaço da ida e volta do perfido feitor e ministro, o rei atraiçoado e suspeitoso assaltou a fortaleza, que os de dentro defenderam, capitaneados por Salvador Ribeiro, que, na ausencia de Brito Nicote, se fezac clamar rei do Pegú, depois de muitas batalhas e tão prósperas quanto cruelissimas victorias. (1) O legitimo rei, porém,—consoante o que lá na India os portuguezes chamavam *legitimidade* — era o primeiro constructor da fortaleza, o traidor por primazia e excellencia, o Nicote que, no di-

(1) O meu amigo J. Pizarro, romanceando Salvador Ribeiro em maviosas trovas, dá-o como «digno de um poema que celebrasse o seu illustre nome, e perpetuassé a memoria de suas prodigiosas façanhas e mais extraordinarias virtudes». E acrescenta: «Quem ler as minhas singelas trovas... dará tardio galardão de piedade ao heroe do meu romance; commigo derramará algumas lagrimas de saudade á sua memoria; e ellas darão refrigerio ás cinzas que uma criminosa ingratidão tinha requeimado». Peço licença ao meu illustrado amigo para lhe observar que o maior obsequio que podemos fazer ás cinzas de Salvador Riheiro é não

zer de frei Luiz de Sousa, «subira de condemnado para a forca a ministro real, e de pobre mercador a rico e poderoso capitão de guerra». (1) Esqueceu ao amêno historiador dizer que Philippe de Brito Nicote, filho de Lisboa e de pai francez, começára em carvoeiro, negociára depois em sal e acabára... como logo de fugida se dirá.

Discutiram os theologos em Gôa se a traição de Brito era acceitavel á luz da santa religião e da lealdade portugueza. Os theologos decidiram que sim; e, no intuito de colorirem a perfidia com os interesses do commercio, enviaram ao Pegú o frade dominicano. Frei Francisco da Annunciação insinuou-se na boa vontade dos reis revoltados contra os invasores e conseguiu tudo que pediu.

No emtanto, o leigo Ruy Gomes, informado das villanias de Philippe de Brito, e presente ás atrocissimas cavillações com que frades e capitães illaqueayam a probidade do principe gentio, rompeu em clamores pouco menos de publicos contra Nicote, indigitando-o como digno vassallo do rei usurpador, que, pela infame façanha, lhe mandára brazão de armas. (2) Subindo no bra-

---

as remexer. O epitheto de *Massinga*, com que o poeta o condecora e elle se quiz nobilitar, fundado na covardissima degolação do rei d'aquelle reino, é uma alcunha mais para vituperio do que para glorificação. Manoel de Faria e Souza, quasi contemporaneo de Salvador Ribeiro, conheceu bastante e viu lucidamente os heroes do padrão de Brito Nicote, de Sebastião Gonçalves Timbaó, de Diogo Soares de Mello, de Salvador Ribeiro e outros.

(1) *Historia de S. Domingos*, tom. 3.°, pag. 351.

(2) *Historia* citada na mesma pag.

do vehemente de suas apostrophes até á toada de propheta, vaticinou affrontosa morte a Philippe e desastroso fim aos cegos ministros de Jesus, que, longe de lhe reprovarem a torpe deslealdade a quem lhe dera vida e riqueza, o andavam acobertando com a bandeira de S. Domingos.

Frei Diogo das Povoas debalde quiz abafar-lhe os impetos da eloquencia, que o leigo propriamente não podia refrear. O frade mensageiro lançou-o de si com desamor; e Ruy Gomes, deposto o babito de leigo nas mãos do amigo, que lh'o recebeu com muitas lagrimas, sahiu das costas do Pegú e já em 1604 se não sabia memoria d'elle em Gôa.

O fim do ingrato ministro do rei de Arração qualquer animo, crente na justiça do céu, podéra antevêl-o, sem illustração prophetica. Não obstante, muitos dos que lhe assistiram ao ultimo desastre se lembraram, em 1613, de umas vozes soltadas com espantoso animo por um leigo dominicano, cujo nome já então ninguem recordava. Digamos em pouco: foi enforcado na fortaleza que defendia, a cujas portas vinham pouco antes ajoelhar os mensageiros dos reis tributarios. Quando a cabeça do traidor se mirrou na haste arvorada sobre os adarves, foi arrazada a fortaleza: «E ficaram as cousas d'este homem como se fôram um sonho ou sombra de sonho», (1) diz frei Luiz de Souza. Tem certo espirito o chancear do rei vencedor, quando lhe mandou arvorar a cabeça no ponto mais alto da fortaleza—*E' para que a guarde bem* — (2). Acho menos espirituoso o dicto do

(1) *Historia de S. Domingos*, tom. 3.º, pag. 453.

(2) Faria e Souza—*Azia Portugueza*, tom. 3.º, pag. 238.

mesmo rei (que, bem feitas as contas, sahiu tão selvagem como o portuguez), mandando metter n'um rio, por espaço de tres dias, para se lavar das manchas de tal marido, D. Luiza de Saldanha, mulher de Philippe de Brito. Limpeza oriental, mas excessiva, a meu ver; mórmente se o selvagem tencionava, como depois fez, atiral-a á cafila das captivas, vendidas em almoeda. Não reza bem d'esta dama o citado Faria... «Porque na memoria dos vindouros — escreve elle — se qualifique a sentença de que ha-de ser rara a ruina em que mulheres não tenham parte, e se acautelem os que manejam grandes perigos e se temam das proprias, mister é dizer que a de Nicote foi um dos principaes motivos de sua miseria. Era de mediana estatura, mas refeita e presumida de formosa, presumpção perigosissima em mulheres, e mais ainda nas que tiveram sua creação em delicias aziaticas e goenses...» Continúa uma historia que não faz ao nosso intento.

XXIII

O ermitão

Andava nas ilhas Philippinas um homem, envolto n'um habito sem distincção de ordem religiosa, tunica preta de capêllo, sandalias, barbas e cabellos intonsos. Não mendigava, mas recebia as esmolas que lhe davam em paga dos beneficios que fazia aos enfermos. As suas curas não eram mais milagrosas do que a sciencia medicinal podia por então operal-as. O valedor dos doentes levava comsigo uns poucos livros dos que andavam entre mãos dos phisicos portuguezes na India. Se os comprou, se lh'os esmolaram, não é ponto assaz claro. O sabido e experimentado pelos enfermos era que o homem da tunica preta e das barbas alvissimas caminhava de terra em terra com dous livros, e muitas variadas hervas e drogas em um lió, que elle mesmo sobraçava.

A' volta d'elle se agrupavam as mães com as creancinhas nos braços e os velhos levados em braços de seus filhos. O povo em redor dos apostolos da lei de Jesus era um tocante espectaculo, mas o outro das mães

dolorosas e dos velhos gementes era mais grandioso. Aquelle homem passava sem nome. Das ilhas Philippinas atravessou longos mares e quedou-se em Macau. Ahi topou, em 1618, um frade dominicano que o conheceu e lhe chamou Ruy Gomes.

Era frei Diogo das Povoas.

Este e outros estavam alli apparelhando-se para a missão na China. Era como certa a morte lá dentro. Aquella investidura apostolica era dada com o adeus eterno dos que ficavam aos que partiam. Os sequiosos de Deus, os que se apressavam em vêl-o, pediam a missão da China e desde o primeiro passo começavam a contar os ultimos de sua vida.

Frei Diogo das Povoas despediu-se de Ruy e disse:

— Até Deus, meu irmão... Onde vaes tu d'aqui?

— A Portugal.

— Vaes á patria, Ruy?

— Vou morrer onde nasci, se Deus quer que eu encontre ainda o tecto da casa em que minha mãe me disse: «Aqui expirou teu pae. Horas antes de render o espirito, fallou assim: Estava aqui a felicidade, e eu procurei-a onde o vicio e o crime a não deixava medrar. Estava aqui a riqueza e eu andei a empobrecer-me tantos annos...»

— Vaes ver os teus...— murmurou o frade, estendendo os olhos saudosos por sobre o mar.

— Não tenho ninguem, amigo.

— E eu tenho ainda mãe... ha seis mezes que ella vivia...

— Tens mãe?... E vaes ao martyrio?

— Deixarás teu pai e tua mãe... diz Jesus Christo.

— Só com a certeza do céu se póde tanto!...

— Eu tenho-a. Ai dos que vacillam e trepidam!... Vaes tu a Portugal, Ruy!... Se uma hora passasses na minha aldeia e buscasses minha familia, e minha mãe vivesse... davas-lhe a reliquia do santo lenho que me ella deu quando entrei na religião. Tenho-a commigo. Os pés dos gentios hão de logo pulverisal-a como aos meus ossos... Aqui a tens. Se lh'a não podéres entregar, se já estiver morta, dou-t'a, Ruy; leva-a comtigo á tua cova!...

Ruy Gomes pendurou do pescoço a reliquia, deteve-se olhando muito fito em frei Diogo e disse:

— E porque vaes tu morrer? Eu passei por meio de regiões e povos que não sabem da nossa fé, e vão assim como tu de rosto sereno ao martyrio e levam a certeza do triumpho no céo. Quem lhes ensinou o sacrificio do sangue? o anniquillarem-se na morte que a si mesmos se dão ou recebem dos verdugos de outra fé? Pensei n'isto no fundo da minha solidão e estremeci do horror das minhas duvidas. Pareceu-me que é mais prestadio aos homens soffrer por elles do que morrer por Christo. Ha que annos me deixaste? Fui mundo além com as mãos cheias de beneficios: dava saude aos enfermos; e, quando elles me queriam adorar, eu apontava-lhes o céu, e os resgatados das angustias do corpo entendiam-me e sabiam que eu os mandava agradecer ao Creador do bem que receberam de minhas mãos. Se eu lhes prégasse o Evangelho de Jesus, em vez de lhes ministrar linimentos á dôr, matar-me-hiam, e commigo se acabaria a força do homem e os dons da caridade ensinados pela minha religião... Jesus Christo não quereria que tu e eu ensinassemos primeiro a caridade e depois o nome de seu divino propagador? O sangue como tu

vaes derramal-o não regará arvore de justiça e misericordia e amor entre os teusalgozes. Deus acolhe tua alma, porém que mais santo serviço farás ao céu, se com a tua levares outra alma!... Diogo, eu pensei nas montanhas, de onde o homem tão pequenino avista a immensidade. De lá vi as nações e os vermes ennovelados de cada nação, e disse entre mim: «Que lucra Deus que aquelles bichinhos se despedacem? Todo aquelle sangue lá em baixo será logo lavado de sobre a terra por um chuveiro da nuvem que vai abrir-se. Já d'aqui não ouço o gritar dos meus irmãos. Aquelle brado não vai mais alto que o bramido das feras nos seus desertos. Porque se matam aquelles ouçãos á volta de uma aresta que um sopro de vento lhes arrebata?» Perguntei isto sem me esconder de Deus; e desci das montanhas, onde orava e comia raizes, e lia os Evangelhos, balsamos da alma, e uns livros que me alliviavam as dôres do corpo e retardavam a morte. Desci, fallei, acheime cercado de bons, desgraçados todos porque todos soffriam; e figurou-se-me que Deus me dizia: «Ahi tens teus irmãos; são almas que eu fiz; estão feitas; não lh'as refaças. Soffrem porque sabem menos do que tu; comem a herva que os mata e despresam a que os aviventára, se a conhecessem. Mostra-lh'a. A caridade é isso. Eu disse aos meus discipulos que o thesouro do meu amor o abrissem para todos. Atira ás rebatinhas os diamantes da caridade. Cáiam onde cahirem; será teu irmão aquelle que os houver da tua bem-querença. Apressa-te. Não scismes nem forcejes por me ver as fórmas. Eu sou tudo em que nasce um grão de alimento; sou tudo em que bate um raio de luz; sou o que sou. A religião de meu Pai é uma milicia valorosa, uma ba-

talha ás legiões perversoras da ignorancia, um arrancar incessante de almas em trevas para este sol que lhes aquece e desabrolha os entendimentos. Não te affrontes com o erro, porque levas no pulso a minha cruz. Preluz-lhe primeiro os bens da redempção; mostra-lh'os praticamente; depois de lhes dares o pão, ensina os famintos a pedir-m'o». A tua morte que prova aos verdugos, Diogo?

O frade não respondeu e disse entre si:

— A desgraça não o perverteu, mas tentou-o. Não se perderá esta pobre alma, porém a razão vai perdida!

Abraçou-o e disse-lhe:

— Meu irmão, lembrar-me-hei de ti na hora do martyrio. Pedirei ao Senhor que te ampare.

— Pede...—murmurou Ruy de Azevedo—pede-lhe que nunca me deixe cahir em tentação de ferir de dôr o seio dos que teem de Deus a vida e a morte. Estes são os meus irmãos, e entre estes são malditos os que trazem para aqui o sermão da montanha escripto nos ferros das lauças e dos pelouros. Não vás entre elles ao martyrio, porque o perfume do sangue assim despresado é um rendimento sacrilego. Diz a estes selvagens do occidente que deixem ao indio a sua cabana, que é um testemunho vivo de que Deus deu ao que a tem uns palmos de terra e a sciencia de cultival-a, e a paga do suor que lhes cahe da face de sol a sol. Diz-lh'o a elles. Evangelisa aos christãos; morre, se anceias o supplicio, ás mãos d'elles. Jesus Christo foi assim. Quiz ser morto ás mãos dos que tinham lido Moysés e os Juizes. Não procurou a cruz entre os barbaros. O teu sangue é inutil, Diogo!

As ultimas palavras foram ouvidas por tres dominica-

nos companheiros de frei Diogo. Um d'elles, accezo em ira santa, disse:

— *Vade retrò, satan!*

Outro murmurou:

— E' herege este homem! De onde vem e quem é?

O terceiro maravilhou-se de ouvir aquillo proferido em linguagem portugueza por um homem que tinha na India, alli a mil leguas distante, um purificado crysol — a inquisição! Não disse isto alto, porventura no saudavel intuito de não afugentar aquella alma tão carecida de recaldeação na fornalha de Gôa.

XXIV

O vidente

Duas naus carregadas, primorosas e das mais ricas que viram os mares indianos, sahiram a barra de Gôa no 1.° de março de 1621.

Uma era a nau capitania chamada *Penha de França:* a outra era a nau *Nossa Senhora da Conceição.* N'esta se embarcára Ruy Gomes de Azevedo, no mesmo dia em que chegára de Macau.

Ao cabo de cincoenta e tres dias de viagem, deram vista do cabo da Boa Esperança. Seguiu-se logo tormenta de quarenta dias, nos quaes pairaram sem poder passar o cabo.

Todos os passageiros olhavam reverentes o ermitão: algumas perguntas lhe fizeram sobre os lugares de onde vinha. Ruy respondia quanto convinha a satisfazer em pouco a muita curiosidade das damas e fidalgos.

Um só dos passageiros se entretinha mais de espaço com elle: era frei Gregorio, frade franciscano, ancião de famosas virtudes já notorias na India a Ruy Gomes, e

mórmente na passagem de Ceilão para Gôa, onde se viram, bem que ao frade lhe não acudissem reminiscencias de tão venerando quão triste aspeito.

Fallaram uma vez de Ceilão e do seu capitão-general de 1598.

— Que mau acabamento foi o do snr. D. Jeronymo de Azevedo... — disse frei Gregorio.

— Acabou mal? — perguntou Ruy.

— Pois não sabeis?

— Sei que elle era ha seis annos viso-rei da India. Quando tão alto o vi...

— Devieis esperar que fosse mais funda a quéda... Que riquezas amontoou!... Já antes de viso-rei era tão abastado, que, dizendo-lhe D. Nuno da Cunha que, apesar das desastrosas perdas de sua fazenda, ainda possuia quatrocentos ou quinhentos mil ducados, D. Jeronymo lhe respondeu: «Só em bestas possuo eu isso». Duzentas mil cabeças de diversos animaes teve elle! Vede, pois, irmão! D. Jeronymo de Azezedo, apenas entrou no Tejo em 1617, foi preso e levado ao calabouço do castello. Assettearam-no de escarneos e injurias; despojaram-no de tudo; morreria de fome, se lhe não acudissem os padres da Companhia de Jesus, em respeito á memoria do martyr Ignacio de Azevedo, irmão do desvalido preso. Morreu e não deixou de si quanto abastasse a um pobre entêrro! Nem um parente sahiu a venerar e cobrir aquelle cadaver! Os jesuitas lhe mandaram a mortalha e fizeram os responsos... N'este morrer assim, affrontado e indigente, cumpriu-se uma iniquidade monstruosa dos homens ou um adoravel decreto da Divina Providencia. Os juizes humanos coloraram tanta crueza com arguil-o de não haver combatido as

naus de Hollanda. Não podia ser, não se punia tão acerbamente e tão sem provas uma culpa desigual ao castigo. Segredos do céu!... Se soubesseis o que elle fez por aquella costa de Ceilão!... As crudelissimas vinganças que tirava de gente quieta, de pobrinhas mães que esperavam a morte abraçadas nos filhinhos!... Se visseis...

—Sei e vi—atalhou Ruy Gomes.—Não m'o lembreis, frei Gregorio... Jesus se amerceie da alma d'elle... A Azia é a garganta do abysmo infernal. Por alli se vão á voragem da deshonra os melhores nomes de um Portugal, que existiu, quando eu era moço. Sabeis, porventura, dizer-me quem vai comnosco? Estes semblantes transluzem uma alegria que me não parece a dos que levam para a patria mais direitos a mercês que o lucro antecipado dos serviços. Quem são estas damas arreiadas de manilhas e estes homens de tão variegadas côres? Devem ser de grande porte!...

— Eu vos digo, irmão—respondeu frei Gregorio, bamboando a cabeça, como querendo exordiar com um tregeito silencioso a ruim conta em que tinha os lustrosos cavalleiros e as tafulas damas. — Aquelle é Pero Mendes de Vasconcellos com sua mulher e filhos. Mercadejou e vai rico. Aquell'outro, é o capitão D. Luiz de Souza, que leva de Ormuz duzentos mil cruzados em ducados e mais de mil quinhentos de pimenta. Sabei que esta nau em que vamos leva o presente do rei da Persia para el-rei de Portugal. Nunca sahiu da India nau mais rica. D. Luiz é o mais opulento homem que, pouco ha, vivia em Gôa. Leva da China camas douradas e de Ormuz as melhores perolas, os primores da Persia e a mais cara pedraria que encontrou em Gôa. Aquella

dama é esposa d'elle; as outras são suas escravas, chinas e japonezas. Além está aquella menina cega... Que dôr me faz vêl-a! E' filha de Pero Mendes. Estará aquelle anjo com os olhos d'alma cheios de luz divina a ver e presagiar desgraças n'esta viagem?... Um que além está encostado áquella peça é Gaspar Mimoso, feitor de Malaca: vai muito rico de bizalhos de diamantes. A' minha vista comprou a Abrahão, joalheiro de Malaca, doze mil cruzados dos melhores. Vão todos ricos...

— Como enriqueceram?

— Como Deus sabe... e os homens tambem... A Azia não é clima em que a probidade floreça e fructifique. A honra aqui é planta que se mirra e fenece... Ouvi dizer que andastes na India trinta annos...

— Vinte e cinco — emendou o ermitão.

— De mais foi para me poderdes dar dous nomes portuguezes que lá deixassem fama de ricos e honrados.

— Não os vi, mas sabei que mui pouco lidei com portuguezes e nada me ingeri em suas vidas. O que eu vi foi catastrophes ingentes, expiações miserandas, e... tremo de ver outras!

Ficou largo tempo cogitativo e continuou, como se o dissesse a si em dialogo com revelações e presagios intimos:

— A vida não na encareço nem a furto aos decretos de Deus. As agonias do afogado, a sepultura no mar, tudo é agonisar e morrer, como lá em terra descer de um leito de palha para outro de terra; mas, frei Gregorio, eu não irei ávante com esta gente enriquecida na India.

— Pois temeis naufragio?

— O primeiro pegão de vento arrebatou um homem.

Enguliram-no as vagas... Não vos estremeceram as carnes por aquelle desastre?... Aziago pronuncio de calamidades medonhas á ideia de quem já viu tantas!...

— As naus vão ás mil maravilhas, a monção é boa? Santa Helena está-nos pela prôa... Não receieis.

— E iremos lá?

— D. Luiz de Souza, temeroso das naus hollandezas, não quer que lá vamos fazer aguada, mas o capitão quer que vamos.

— Lá me ficarei.

— Para pasto de feras?! — perguntou espantado frei Gregorio.

— Fera de mil fauces tragadoras é este mar e vão aqui medradas rezes das que elle folga de engulir.

De feito, aproou a nau *Conceição* a Santa Helena. Tremulavam-lhe nas azas pavezes vermelhos e bandeiras largas. Armaram-se os cavalleiros e marinhagem, puxou-se fóra a artilheria, apostaram-se os pelejadores, dispostos a fazer agua, ainda empecidos por inimigos. O capitão Jeronymo Correia Peixoto subiu ao convez, como ouvisse laborar o cabrestante, quando já estava surta a nau; e mal chegou ao cimo, arrebentou um virador, e logo uma barra do cabrestante, apanhando-lhe em cheio o peito o matou instantaneamente.

— Vistes, frei Gregorio?... — perguntou Ruy Gomes — Dai-me boas esperanças d'este segundo agouro e dizei-me se este capitão ia rico.

— Dizem lá em Gôa que não no havia mais rico na carreira da India.

— Que pensaes d'isto?

— Meu irmão, penso que não deveis, em razão d'este

homem se finar, correr á morte infallivel n'uma ilha deserta e povoada de animaes carniceiros.

— Feras é isto que nos cérca, frei Gregorio — redarguiu Ruy.

— Temido sois por demais. Não receieis que Deus nos confunda com os indignos da sua misericordia.

— Peccador sou tambem e não tento o Senhor, que sabe melhor de todos que cada um de si.

Ancorou a nau. Ruy abraçou estreitamente frei Gregorio e disse-lhe:

— Deus vos leve a salvamento.

— Pois ficaes?

— Fico. Adeus.

E sahiu a terra com os demais. Ao fim de oito dias, que tantos passaram em fazer aguada, estavam os navegantes embarcados todos, salvo o ermitão.

Um passageiro da nau *Conceição* escreve assim a falta do ermitão: «... Mandou o capitão saber se estava toda a gente na nau ou se por descuido ficava alguma pessoa em terra; feita esta diligencia, achou-se que faltava um ermitão que vinha na nau, homem virtuoso e de boa vida, o qual tinha passado pelo mar do sul ás Philippinas e vinha-se recolhendo para sua casa, havendo mais de trinta annos que andava fóra d'ella: foram logo com o batel á terra a buscal-o sete ou oito grumetes e nunca poderam dar com elle: e vindo-se para a nau lhe tiraram uma esmola muito boa de fardos de arroz, de biscouto, de muitas especiarias, e um machado e caldeirão, linhas de pescar, fuzil e tudo o mais que era necessario, para poder passar a vida até virem outras naus que o trouxessem, e isto se deitou em terra á porta da ermida, em lugar de onde elle por força havia de

acudir; e, tornado o barco a terra e começando a despejar o que levava, houveram vista do ermitão e, pegando n'elle o trouxeram por força para a nau; e perguntando-lhe qual era a razão porque se queria ficar n'aquella ilha deserta, respondeu que por não ver o triste fim que havia de ter aquella nau. E foi isto tanto assim, que, chegando a nau á ilha Terceira, foi o primeiro homem que d'ella sahiu e em terra se ficou sem se tornar mais a embarcar: tudo isto foram prodigios do que depois lhe aconteceu.» (1)

Ficou, pois, Ruy Gomes de Azevedo na ilha Terceira.

Agora, em breves linhas, o destino dos mais graudos passageiros da nau batida por dezesete vasos turcos, em frente de Cascaes. O mais rico homem de Gôa, D. Luiz de Souza, captivo, nú, ferido e separado de sua mulher, pediu ao arraes da nau capitania em que ia preso que lhe deixasse vêr sua esposa. Trouxeram-lhe D. Antonia. «O pranto e a lastima que está senhora fez, quando se encontrou com seu marido em tão triste estado, como foi vêl-o ferido, pobre e escravo, fazia compadecer até os mesmos turcos.» (2) Ao fim de tres dias, D. Luiz de Sousa expirou. D. Antonia morreu de peste

---

(1) *Memoravel relaçam da perda da náo Conceiçam que os turcos queimarão á vista da barra de Lisboa, e varios successos das pessoas que nella cativarão, com a nova discripção da cidade de Argel, de seu governo, e cousas muy notaveis acontecidas n'estes ultimos annos de 1621 até 626, por João Tavares Mascarenhas. & Lisboa, anno de 1627.* Encontra-se esta descripção no complexo de naufragios que formam o 3.º e rarissimo volume da *Historia trágico-marítima*.

(2) As palavras comadas pertencem á citada relação de Mascarenhas, um dos captivos.

em Argel, «não se lhe achando para lhe dizerem uma missa.»

Pero Mendes de Vasconcellos morreu no mesmo dia que D. Luiz de Souza. Deixou a esposa, a filhinha cega, e ainda assim formosissima, no dizer de Mascarenhas, e mais dous filhos. Um d'estes morreu nos braços de sua mãe, o outro levaram-lh'o de presente ao granturco. Quanto á mãe, «andou esta senhora desgraçadissima, e ainda o é: pois vindo da India com muita riqueza, deixando seus parentes, metter-se em uma nau, e o dia que viu a terra em que havia de descansar com seu marido, matarem-lh'o de uma pelourada, e o filho mais velho levarem-lh'o para Constantinopla a ser turco, o pequeno morrer-lhe nos braços de peste, ella ficar escrava, e ter ainda, para maior grilhão e trabalho, comsigo uma filha cega e formosissima em poder de barbaros; não sei que mulher houve que soffresse mais golpes de fortuna, e hoje os soffre sendo ella e a filha escravas de aduana».

A Gaspar Mimoso «lhe tiraram dos sapatos doze mil cruzados de diamantes, e veio a morrer em Argel de peste, a poucos dias de captiveiro, sem ter uns sapatos que calçar».

E o collucutor de Ruy Gomes de Azevedo?

Quantas vezes, antes que a peste o despenasse no captiveiro, se lembraria elle do ermitão! Bravo e santo homem era o franciscano! Primeiro pelejou com esforçado braço e com brados alentadores contra os turcos; depois, em Argel, curava os enfermos, confessava e sacramentava os agonisantes, esmolava para remediar os mais desvalidos, reformava hospitaes, ousava entrar á casa dos mouros a consolar captivos privados da luz do

dia, até que, cheio de merecimentos, adormeceu no Senhor.

Ruy Gomes, chegada a noticia do successo da nau á ilha Terceira, disse:

— Meu Deus! meu Deus! que admiravel é vossa justiça e vosso braço omnipotente!...

Oh! livre-se a minha alma de conceber assim a justiça do Senhor e a força do seu braço! Não foi Deus: foram os turcos que mataram aquelles filhinhos nos braços de suas mães. Deus, a querer conservar o nome que lhe damos de Pai, não consentia que as mães vissem o espectaculo horrente dos innocentes sem pai a expiarem ainda a culpa dos que tinham morrido a vêl-os escravos, pobres e nús. Isto de matar mães e filhos promiscuamente só o faziam os generaes portuguezes na India, e os turcos em Africa.

XXV

O assassino de João Esteves Cogominho

Ahi está Ruy Gomes de Azevedo na ilha, onde, trinta e nove annos antes, cahíra ferido, em peleja naval, ao lado do cadaver do conde de Vimioso.

Que scismar dolorosissimo irá no pensamento do ancião, sentado no vizo das rochas sotopostas á ermida de Nossa Senhora do Loreto! Que visões, que imagens, que saudades lhe negrejam d'além do infinito céu arqueado no oceano! Se elle verá ainda o anjo a toucar-se das flores de Ninães! Se da velhice ou das cinzas de Leonor Correia poderá ainda a phantasia de Ruy recompor a formosa que elle vira formar-se, dia a dia, com tantas graças, tantos mimos, tantas cousas bellas e adoraveis convertidas em mortal peçonha de sua vida! Não a esqueceria elle? Como ella fôra seu primeiro e derradeiro amor, é possivel que ainda lhe não gastasse a lima de quarenta e cinco annos os relêvos da imagem no coração? Se aquelle affecto puro teve um altar, não manchado de outro culto, porque não ha-de crer-se

que ha ahi n'esse peito a lampada sempre acceza ao ideal da mulher, que de força ha-de ter o ar, os olhos, o sorriso da unica, da fatal consagração de sua alma?

E, depois, a imagem de sua mãe... As ultimas palavras, o morrer angustiado da extremosa, a quem elle podéra ter dado fins de vida socegados, o prazer de se ver chorada, o tumulo á beira dos ossos de seu pai...

Que vai fazer á patria? Que devaneio é esse de buscar o tecto da casa onde nasceu, porque secreto presentimento lhe diz que é chegado o seu fim? Elle, que não dirá seu nome aos que lh'o souberam, se ainda vive algum; elle, que não tem de seu com que pagar o gazalhado de uma noute, se a caridade lh'o não der: que irá ser na sua aldeia? quem o acolherá nos trances ultimos? quem lhe fechará os olhos e esmolará ao cadaver o habito dos mendigos?

Se estas interrogações lhe inquietam o animo, nenhuma o demovia do intento.

O ermitão, acoutado ao alpendre da capella de Nossa Senhora do Loreto, recebia dos Cantos, fidalgos senhores d'aquellas terras chamadas de S. Pedro, o alimento que lhe enviavam por um negro, todas as manhãs e noutes.

O escravo dizia ao ermitão que muitos annos tinha vivido em Portugal. Que seu senhor fôra soldado em Africa e o filho d'elle morrêra em Alcacer.

Ruy Gomes de Azevedo escutava-o n'um silencio de abstrahido; e o negro, como soubesse que o ermitão esperava navio do reino para se passar a Portugal, dizia-lhe:

— Se Deus me deixasse acabar no Minho, na terra de meus senhores...

— De onde eram teus senhores? — perguntou Ruy.

— Das terras de Vermuin.

— De qual casa n'essas terras?

Do paço de Ninães. Ouviu vossa mercê fallar de um fidalgo que morreu em Africa, chamado Ruy Gomes de Azevedo?...

O ermitão cravou os olhos perplexos no preto e ficou largo tempo sem proferir palavra. Que força de homem! que habito de sopesar os impetos de sua alma! Reconheceu o escravo amigo, o confidente da sua mocidade, o homem que conhecêra Leonor e sua mãe! E perguntou-lhe serenamente:

— Ha quantos annos sahiste d'essa casa?

— Ha perto de quarenta.

Deteve-se Ruy a combinar as epochas e tornou:

— Porque deixaste a casa de teus senhores?

— Porque... foi uma desgraça que me fez deixar a casa de meus senhores, quando nenhum vivia já.

— Que desgraça foi?—volveu com authoridade e presteza o ermitão.

— Perdôe-me vocemecê não lh'a dizer, porque só Deus a sabe. Fiz um crime...

— Diz o teu crime, Vasco!

— Chamou-me Vasco!...— balbuciou o negro.

— E' o teu nome?

— Senhor... foi esse... é esse... mas ninguem sabe n'esta ilha o meu nome.

— Não temas que te accuse ás justiças o teu senhor, o homem que se creou comtigo. Olha bem em mim... Procura debaixo d'este habito Ruy Gomes de Azevedo.

O preto poz as mãos convulsivas, tartamudeou, tregeitou de quantos feitios se exprime o assombro, cahiu

de joelhos diante de Ruy, e quedou-se, por largo tempo, mudo, empedernido.

— Ergue-te, Vasco — disse o ermitão. — Vês que não morri...

Levantou-se o escravo de salto e disse:

— Não posso crer... meu senhor morreu; e a mãe d'elle morreu tambem de paixão... Vossa mercê disse-me que o snr. Ruy Gomes?

— De Azevedo...

— Sim...

— Disse. Não duvides... Procurei-te no paço de Ninães ha quarenta annos, Vasco. Onde estavas?

— Onde estava?

— Sim: o paço estava deserto, quando o exercito de Castella entrou em Portugal.

— Deixe-me chorar! — exclamou Vasco — Depois responderei, senhor... Não morri sem vêr meu amo. Eu sonhava isto... Deixe-me beijar-lhe as mãos. São as de meu amo e senhor Ruy Gomes, são? Pois aquelle moço tão gentil...

— E' este velho... pobre Vasco! querias-me tu mais novo? Sessenta e quatro annos como os meus passaram não nos ha mais gentis... — disse Ruy, sorrindo.

— Foi ella que tudo causou... foi aquella senhora... — tornou Vasco.

— A paz de Deus com ella e commigo... — murmurou o ermitão — Diz-me agora porque sahiste de Portugal? Que fazias em Castella?

— Andava á cata de João Esteves... do matador de meus amos e do snr. ouvidor de Barcellos.

— Matou-o elle?

Vasco começou uma longa historia, cuja substancia

o leitor sabe, e completou-a, quando voltou com o repasto do ermitão.

Concluida a narrativa com a morte de João Esteves Cogominho e fuga do homicida para as ilhas, Ruy Gomes, lavado em lagrimas, disse:

— Vasco, melhor fôra que te deixasses morrer ás mãos d'elle como eu me deixei a mim. Não te havia eu dado o exemplo da paciencia? Fizeste mal... Escondido vives da justiça da terra, mas Deus sabe que estás aqui... Chóro porque não posso louvar o teu zêlo. Não tive mais verdadeiro amigo; perdeste a tua paz de consciencia e arriscaste á perdição eterna a tua alma por amor de mim... e eis que te não posso dizer: «Bem hajas!» Tens tu feito penitencia? tens confessado o teu crime? tens chorado muito aos pés do Salvador?

Vasco, feita breve pausa entre o suspiro e a palavra, disse:

— Ainda não tive remorsos, senhor...

— Apagada está, pois, a luz da tua consciencia, infeliz?

— Matei-o porque me vinha elle matar — replicou o negro — e matava-me porque o não deixei vender o bocadinho de terra que sua mãe não quiz vender, dizendo-me: «Olha se tens cá umas couves para eu comer e mais teu amo». Isto me disse a snr.ª D. Thereza, quando foi a Lisboa esperar vossa mercê... Ai! não vieram comer as couves d'aquella terra cheia das minhas lagrimas... Não vieram; mas foi elle, o ladrão das alegrias de meus amos, a vender a casa onde meu senhor me chamára amigo... a mim, o escravo que cuidava ser da familia pelo muito que lhe queriam, e pensou que era sua obrigação vingar seus amos... Remor-

sos? eu! não os terei nunca... Deus é justo; o que eu fiz, senhor, se fosse mal feito, já a consciencia me gritaria...

— Arrepende-te Vasco! — retorquiu o ermitão — Pede-t'o agora o amigo por quem ensanguentaste as tuas mãos! Vai confessar teu crime; que estás a poucos passos do juizo de Deus... Eu farei penitencia comtigo; resgatarei metade da tua divida; velarei as noutes a chorar á porta da misericordia divina. Não posso desempenhar-me de outro modo comtigo... E's tu escravo, de teu amo?

— Sou livre, snr. Ruy, mas escravo sou de vossa mercê.

— Seguir-me-has a Portugal. Não temas a justiça. Ninguem se lembra de ti nem do morto. Vem; porque Deus é tão bom para os desgraçados que o não offenderam... é tão bom para mim, que me deixará morrer encostado ao seio do unico amigo... do teu seio, Vasco!...

O negro, tomado de commoção e ao mesmo tempo respeito de escravo, hesitava em obedecer a impulsos da alma. Ruy Gomes, porém, estreitando-o ao peito, exclamou:

— Deus perdoará o teu crime, alma que tanto me quizeste! Minha santa mãe lhe pedirá por ti... Dous infelizes, que soffreram tão conformados as torturas de sua vida, podem valer com o Senhor a salvação de tua alma. Vem commigo; que eu não tenho coração que te deixe. Quero despedir-me de ti no fim d'este destêrro, que está no cabo... Que a luz de meus olhos se apague na tua face!...

XXVI

Vivia!...

E os sessenta e quatro annos de D. Leonor Correia de Lacerda o que eram então?

Vivia.

Palavra que encerra um livro.

Vivia a esperar a imagem sempre nova do coração nunca desfallecido. O confidente dos seus anhelos era um crucifixo. Perguntava a Christo pelo desgraçado do seu amor, quando a febre lh'o não avultava na imaginativa. Tinha sobresaltos de alegria e medo. Chorava com a consciencia allumiada pelo incendio do remorso; depois, pedia flores, enfeitava os cabellos e fechava-se na recamara, onde a razão alheada lhe figurava Ruy Gomes, o phantasma, ainda creança como a memoria lh'o debuxava aos dez annos, já homem, ás vezes supplicante, outras accusador.

Douda?

Peior. Vivia-lhe o coração, renascia-lhe o entendimento, quando a lanterna magica se apagava sob um

repentino espessar de trevas. Escuridade e afflicção verdadeiramente era-lhe a hora em que ella dizia:

— Eu delirei... Ruy morreu!

Tinha Leonor cincoenta annos, quando um fidalgo, com prestito de muitos lacaios, parou diante do solar de Pouve e perguntou a outro cavalleiro:

— Quem mora aqui?

— E' a viuva de João Esteves Cogominho.

— Ah!—disse o almirante D. João de Azevedo—A mulher querida d'aquelle pobre Ruy?!

— A mesma creatura.

— Se a vissemos....

— Pede-se-lhe licença para ser vista de dous parentes. Não será nossa prima? — perguntou o outro viajante.

— Deve ser. Vou fallar-lhe em Ruy Gomes.

Apearam. Foi aviso á fidalga. Sahiu um frade a tomar conta do recado.

— Diga á snr.ª D. Leonor Correia que a procura o almirante, seu primo, por Lacerdas—disse D. João.

Recebidos e conduzidos a uma sala, de cujo tecto apainelado pendiam saccos de irrequietos aranhões, como espantados de verem gente e luz, tambem os hospedes se espantaram.

O frade explicou:

— Desde que o fidalgo foi morto, a viuva não voltou a esta casa. Já lá vão vinte annos... Nunca mais se abriram estas janellas.

— Muito lhe queria ao seu defunto marido esta senhora!... — observou o almirante.

— Ella chega — disse o frade.

Entrou Leonor de par com outro franciscano.

— Snr.ª minha prima,—disse D. João—passei acaso á porta de vossa mercê e não perdi o lanço de a saudar. Muitas vezes ouvi fallar de minha prima á snr.ª D. Thereza Figueirôa, que falleceu em minha casa, estando eu captivo em Fez e mais Ruy Gomes de Azevedo, que ella julgou morto e de paixão se finou.

— Que é, senhor? — perguntou Leonor sobresaltada — julgou-o ella morto...

— E não tinha morrido—volveu o almirante—e vivia ainda em 1598, vinte annos depois da batalha de Alcacer. Morreu o senhor D. Antonio, eu vim de Pariz para Lisboa e meu primo Ruy foi para a India. Não voltaram novas d'elle. Hoje iria eu jurar que é morto...

—Sabe que é morto?—acudiu Leonor, offegando.

— Não sei, mas só a morte explica o silencio do homem que tão meu amigo foi...

— Mas não tem o primo almirante certeza...

— Não tenho outra.

Leonor, como as lagrimas lhe rebentassem subitas cobriu as faces, e suffocou os soluços em quanto a ancia não venceu o recato e o pejo.

— Aqui vim eu mortifical-a, sem ajuizar que successos tão affastados a podessem consternar tanto, minha prima! — disse D. João.

A dama, cobrando animo e desatando-se do pio temor que os dous frades lhe incutiam, acercou-se do almirante com vehemencia de gestos, com as faces abrazeadas e disse-lhe:

— Ha-de ouvir-me duas palavras em segredo?

— Mil palavras, minha prima e senhora!

— Cumpre-nos sahir — disse o senhor de S. João de Rey, o companheiro do almirante, aos frades.

Estão sós.

Leonor põe as mãos juntas e diz:

— Elle vive?

— Não sei, senhora.

— Fallou-lhe alguma hora em mim?

— Durante mais de vinte annos, todos os dias.

— Amaldiçoava-me?

— Não, senhora. Não primeiros mezes, teve dias de summa tribulação. Queixava-se quanto devia; mas, depois, fallava de Leonor como se lhe sobejasse a certeza de que ella já era tão infeliz, que seria barbaridade impor-lhe maiores penas.

— Mas elle vive, snr. almirante, vive!... — exclamou ella — Tenho pedido muito a Deus que me não deixe morrer sem que elle venha salvar minha alma com o perdão!...

— Mas senhora! — atalhou D. João de Azevedo — Não entendo essa saudade, esse remorso, esse desejo de ver um homem que vossa mercê tão cruamente abandonou...

— Ah! não me accuse; que farte me despedaço eu!... Elle não sabia que meu pai chorou diante de meus olhos e dizia a cada hora: «Eis-me pobre e deshonrado, se não casas com João Esteves!» E eu fui culpada em obedecer; e castigada logo porque cheguei a amar o homem que meu pai me deu. O que eu padeci, senhor!... e como eu chamava por elle... por meu primo, em meio dos tormentos da minha expiação!... Mas elle vive... Ruy vive!... Bem m'o diziam os sonhos e os delirios!... Que esperanças! que anjo da boa nova me trouxe! Estará em Portugal? Quererá elle que eu lhe lave os pés com as minhas lagrimas?...

Que me venha perdoar... Diga-lh'o... Vá dizer-lhe que me viu assim de joelhos...

— Senhora!—disse D. João, levantando-a para sobre um tamborete de espaldar.

Quando a depoz, Leonor tinha perdido o sentimento.

Sahiu fóra o almirante onde fallavam os frades.

— A snr.ª D. Leonor tem de costume estes desmaios? — perguntou.

— Muito amiudados, em seguimento de uns desconcertos de razão—disse um frade.

— Será bom que as suas aias a levem ao leito e lhe dêem algum sabido remedio.

— Ella volta a si logo — tornou o franciscano.— São flatos passageiros.

O almirante, que entrára aquella casa impellido por sentimentos nada generosos, sahiu tão consternado quanto persuadido de que Leonor, áquella tão tardia hora da vida, expiava ainda uma deslealdade da natureza de outras que elle tinha visto, nem mordidas de remorsos nem lembradas nos annos decadentes.

Quando elle sahiu, Leonor beijou-lhe as mãos e disse-lhe:

— Se eu tiver morrido, antes de elle chegar, peça-lhe que não me vá accusar no dia de juizo... Diga-lhe que os meus ossos hão-de mexer-se na sepultura, se elle lá fôr, a pedir-lhe o perdão da minha alma!

E, desde aquelle dia, recrudesceram as visões, exacerbadas de maiores angustias alternadas com umas esperanças e jubilos mais que muito significativos de loucura.

Se um espelho, encontrado sem proposito, lhe mostrava o rosto emaciado, os cabellos betados de mechas

brancas, os vincos e rugas profundas da fronte, a luz embaçada dos olhos, Leonor retrahia-se, rompia em soluços e tapava o rosto como para de si mesma se esconder.

Que significava isto? Que paixão era aquella de se ver assim repulsiva da formosa de trinta annos antes? Era o amor, que vem como castigo ou como demencia: era o absurdo, que está paredes meias com a razão ininteligivel de Deus. Era, para em duas palavras o dizer, uma cousa que faz suar dez philosophos e faria rir metade de um critico, posto em juizo com o seu imberbe entendimento na cáthedra onde ensina pelas postillas das paixões correntes e notorias nos botequins.

Um dia, D. Leonor disse aos seus vigilantes filhos de S. Francisco, muito deliberada, que se mudava para Lisboa, onde tinha parentes. Então é que os frades, atravessados de penosissima certeza, a deram como douda e tomaram a peito estorvar-lhe o desatino. N'este intento, sem lhe impugnarem o d'ella, foram espacejando as estações da jornada, pretextando guerras, motins, bandos de salteadores e tudo mais que a sua commiserada phantasia lhes suggeriu.

Assim se dobaram dous annos, em que os frades, por vezes, foram a Farelães entender-se com os herdeiros das casas de Roboredo e Pouve, por fallecimento de Leonor. Ao senhor da honra de Farelães desconvinha que a viuva de João Esteves desatasse a alma das pias amarras dos franciscanos.

Verdadeira prova de insania deu Leonor, rompendo com os frades, ao ponto de ordenar a seus criados que lhes embargassem a entrada. Prova de insania, dizemos, porque o seu temor de Deus e respeito aos seus

ministros devia recrescer desde o dia em que ella, ao perfazer cincoenta e seis annos, perdeu o vigor, e, como leza dos pés, entreveceu.

Que velhice! e que solidão á volta d'ella!

E, todavia, aquelle despojo da formosa de Roboredo, aquella irrisão da soberania das graças, ainda punha olhos na cruz e exclamava:

— Elle não vem, meu Deus? Não vem?

Oh! que insondavel agonia n'aquelle interrogatorio ao crucifixo que ella vira cahir das mãos mortas de sua mãe!

Que pedir aquelle tão para ser ouvido do Pai misericordioso!

CONCLUSÃO

Conclusão

Em fim do anno de 1622, desceu das montanhas da Beira o ermitão portador do santo lenho de frei Diogo das Povoas. A mãe do martyr já tinha ido encontrar-se com a alma do filho. Ruy Gomes de Azevedo beijou a santa reliquia, entregou-a á irmã do cavalleiro de Africa e disse-lhe:

— A mim me deu frei Diogo este sagrado deposito, se sua mãe fosse morta... Aqui vol-o dou, senhora; porque não tenho á quem o legar nem longa vida para o ter commigo. Ensinai a vossos filhos e netos que este pedacinho da cruz do Redemptor acompanhou seu tio até pizar terra humida do sangue de martyres. Não vos sei dizer se elle é morto, mas nas ultimas naus vindas da India chegou a noticia de que nenhum missionario ido á China voltou ao seu convento.

Volvidos dias, Ruy Gomes e o escravo oravam á porta do templo mozarabe de S. Thiago de Antas, a meia legua do paço de Ninães. O abbade, avisado de

estar em joelhos á porta da igreja um ancião coberto de burel, mandou abrir o templo á oração do eremita. Depois, convidou-o a entrar em sua casa e deu-lhe uma refeição, que o peregrino acceitou com a boa vontade de quem vinha mendigando pelas aldeias do seu transito.

Por satisfazer á curiosidade do hospedeiro, disse que vinha da Azia e caminhava sem destino. Contou costumes não sabidos das terras que vira e o estado das christandades do Oriente. Pediu-lhe o abbade que descansasse uma noute em sua residencia. Ruy Gomes condescendeu, porque as forças eram-lhe já tão diminutas, que o mais do longo caminho viera arrimado ao hombro do escravo.

Perguntou o peregrino que conventos demoravam por aquelles sitios.

— A tres leguas d'aqui ha Vairão, de religiosas benedictinas; a tres quartos de legua está Santa Maria de Landim, de conegos regrantes de Santo Agostinho.

— Lembro-me de ter visto em Lisboa—disse Ruy—um prior d'essa casa... Era D. Jeronymo...

— Da familia de Azevedos — ajuntou o abbade. — Ainda o eu alcancei já muito velho. Morreu ha vinte annos ou mais. Disseram-me alguns cruzios que o D. prior acabára de paixão pelo desgraçado fim do senhor D. Antonio, que já ouvi dizer alli estivera refugiado em Landim. Tinha o D. prior um sobrinho, que eu não conheci, illustrissimo fidalgo e senhor que foi do paço de Ninães. Contam os cruzios que ainda o conheceram...

— Que ainda conheceram o senhor d'esse paço...— perguntou serenamente Ruy Gomes.

— Sim; porque vivem ainda frades que noviciavam quando o fidalgo de Ninães lá estudou dentro do mosteiro, onde foi creado. Dizem esses que D. Jeronymo não morreu tanto por compaixão de D. Antonio como por não haver mais novas do sobrinho, que, segundo o povo, morreu no captiveiro, depois da batalha de Alcacer, mas asseveram os cruzios que elle ainda vivia quando D. Antonio morreu. O certo é que ninguem deu novas certas d'elle até vir aqui de passagem um fidalgo de Lisboa, parente do de Ninães. Esteve este senhor em Pouve, no paço que está d'aqui a tiro de mosquête, onde mora uma fidalga viuva entrevadinha e louca...

— Louca?—interrompeu Ruy, colorindo com piedade natural a commoção.

— Louca, segundo entendo... Pois que juizo tem uma senhora de mais dos sessenta, entrevada ha bons nove annos, mas de vez em quando dizendo ás aias que a touquem de flores, porque está a chegar seu primo Ruy?!

— Como? — exclamou o ermitão.

— Seu primo Ruy — repetiu o abbade, certo de que o tom sobresaltado do hospede procedia do espanto de tal demencia. E proseguiu: — Este Ruy é o tal fidalgo de Ninães a quem ella quiz até aos vinte annos; depois, casou com o senhor de Pouve para obedecer ao pai, que era o fidalgo de Roboredo, aqui perto nas terras de Ruivães. Pelos modos, o marido, que um negro da casa de Ruy depois matou, deu-lhe vida de galés á pobre dona... E' uma historia que não na ha de cavallerias nem tragedia mais triste!... Como eu lhe vinha contando, esteve aqui ha dez annos em Pouve o tal fidal-

go de Lisboa e disse á snr.ª D. Leonor Correia que seu primo Ruy podia ainda ser vivo, porque ambos tinham andado até ao fim nas guerras do snr. prior do Crato. Ora desde então é que ella de todo em todo ensandeceu! Ninguem lhe tira do bestunto que o primo vem ahi! Está a morrer; todos cuidam que ella morre; veem os sacramentos. Acodem os herdeiros. Chegam a dal-a no ultimo fio... E vai ella resuscita, abre os olhos, senta-se no catre, pergunta se seu primo não chegou e quer que lhe enfeitem os cabellos com as flores. Depois chora, depois ri; finalmente é uma lastima vêl-a estar alli a penar! Os cruzios de Landim entendem que a mulher está penando em vida a perfidia que fez ao primo, sendo ella a causa de morrer de dôr a mãe do fidalgo, não fallando na cruel morte que o marido fez dar a um honrado ouvidor de Barcellos, á conta d'este reprovar o feito indigno da mulher... Pois, se vossa mercê seguir este càminho de dentro, topa ahi logo adiante uma casa com duas torres; é lá que está a encher a conta do seu castigo a triste louca.

Ruy Gomes recolheu-se ao seu aposento, passou em oração o maior espaço da noute, restaurou-se com o dormir ligeiro da madrugada sobre o pavimento estreme; e, ao apontar o sol, despediu-se do abbade e disse ao escravo que o fosse esperar á porta do mosteiro de Landim.

Quinze minutos corridos, o ermitão chegou á porta da casa de Pouve e perguntou se a fidalga quereria dar uma esmola a um peregrino muito necessitado.

Trouxeram-lhe uma tigella de leite com migas de pão de milho, sem consultar a fidalga.

Estavam as criadas olhando de uma varanda o velhinho, que, sentado n'um toro de carvalho, bebia o leite.

— Aquillo é um santo! — diziam entre si as moças.

— Vede que barbas elle tem!... Não vos parece tal qual o S. Pedro da nossa igreja?

— Se elle désse saude á fidalga!...

— Olhaide, moças!... vamos nós dizer á senhora que está aqui este ermitão?

— Vá! Eu lhe vou dizer, se ella estiver acordada.

Entrou a moça pé-ante-pé. D. Leonor levantou a cabeça e disse:

— Ainda não chegou?

— Ainda não, senhora. Quem alli está no recío é um ermitão com ar de santo. Se a fidalga quizesse que elle lhe fizesse algumas orações...

— Ide-me todas buscar flores... Orações! — exclamou D. Leonor agitada — Orações bastam as minhas... Tenho rezado toda a noute e meu primo não chega...

— Mas, se v. s.ª quizesse que o peregrino tambem rezasse, póde ser que o snr. seu primo chegasse mais depressa... — objectou a aia com piedosa astucia.

— Sim? — murmurou a entrevada — Dizei-lhe que entre aqui o ermitão.

Ruy Gomes acabava de beber o leite e cogitava no modo de chegar á presença de Leonor, quando as criadas lhe pediram que fosse ver a fidalga, que o mandava chamar.

— Irei.

Guiado á porta de uma alcova escura, Ruy cravava os olhos no interior sem divisar vulto distincto da escuridade. Deteve-se fóra até poder entrever um leito e uma fórma de mulher sentada entre dous almadraquês.

As criadas, que o conduziram, abeiraram-se do leito

de sua ama. Ruy ficou na ante-camara, tomado de tamanha convulsão e tão extenuado, que não podia dar passada. A enferma, fitos n'elle os olhos, parecia temer e ao mesmo tempo reverenciar aquelle venerando rosto, aquella postura de braços encruzados sobre o peito.

— Póde chegar até aqui—disse a mais velha das tres criadas, dando-lhe lugar.

Ruy permaneceu immovel.

— A fidalga padece muito ha dez annos — tornou a criada.

O ermitão estendendo o braço á hombreira da porta da alcova para se amparar, disse ás criadas:

— Sahi do quarto. Precisa vossa ama de me dizer seus padecimentos. Mandai-as vós sahir, senhora.

D. Leonor acenou ás aias que sahissem. A voz d'aquelle homem tinha uma vibração que todos os nervos lhe alvoroçára.

Estavam sem ninguem que os ouvisse.

Ruy Gomes tomou uma lampada ácceza do oratorio e achegou-se ao leito. Aproximou-a da face de Leonor; tremia-lhe a mão e as sombras da lampada oscillavam no rosto da paralytica. Deixou cahir o braço, com a mão do outro afogou os soluços na bocca e sahiu da alcova. Dependurou a lampada e prostrou-se diante do oratorio, abafando os gemidos no pavimento. Não orava.

E Leonor contemplava aquelles actos com o habitual espasmo das suas visões.

Ergueu-se Ruy, voltou á cabeceira do catre, viu o reluzir dos olhos febris da enferma e disse-lhe:

— Fallai... Quem esperaes, senhora?

— Quem espero?

— Dizei que beneficios esperaes do homem cuja vinda pedis a Deus.

— Elle vive ainda? Acaso sabeis que elle vive? Vistes em alguma parte do mundo meu primo Ruy Gomes? — perguntou ella, arquejando na vehemencia e energia das interrogações.

— Vive, sei que vive.

— E virá perdoar-me? Virá, homem de Deus? Então que me levantem... quero sahir d'aqui... levem-me para Roboredo, que meu primo não quererá entrar n'esta casa... Olhai!—exclamou ella muito irrequieta, sacudindo a roupa da cama—N'esta casa entrei eu, quando a d'elle ficou deserta... Foi d'aqui, d'esta cova de feras, que eu matei aquella familia... Mas elle não morreu, não? Onde está? Que vos disse elle de mim? e quem sois?

— Um mensageiro de Ruy Gomes. De mando d'elle aqui estou. Ouvide as palavras de Ruy Gomes de Azevedo: «Leonor, minha alegria da infancia; anjo bemdito que até aos vinte annos me encheste de alegria e salvaste a minha alma dos vicios que a enfraquecem o homem na lucta com a desgraça; céu que te abriste e me mostraste a bemaventurança dos virtuosos; crença, religião em que eu aprendi a pureza dos pensamentos; imagem que, depois de perdida, ainda me guiavas fóra do caminho da prevaricação; perdido anjo e desgraçada mulher que não tiveste força para me ajudar a vencer a sina funesta; algoz de minha mocidade e victima da tua fragil alma; Leonor, sabe que eu fui menos infeliz do que tu, porque cheguei aos sessenta e cinco annos sem sentir na consciencia o morder de remorso nem receber dos homens outro opprobrio senão o da tua des-

lealdade. Leonor, eu nunca pedi a Deus o teu castigo, nunca pintei na minha imaginação as delicias da vingança. A's vezes, orava por ti, depois de orar por minha mãe. A' santa, que tinha morrido amaldiçoando-te, pedia-lhe que te não chamasse ao juizo de Deus; pedia-lhe, Leonor, porque eu vira todos os maus castigados, a justiça divina vingada em todos os deshumanos, e bem sabia que tu havias de pagar na proporção das agonias de Ruy... Grandissimas foram, terribilissimas hão sido as tuas. Leonor, estás perdoada. Teu primo ajoelha ao pé do teu leito, e banha de seu pranto a mão que ha quarenta e seis annos recebeu outras lagrimas de alegria!...

E, dizendo, ajoelhára e levára aos labios a mão de Leonor,

— Quê!... — exclamou ella a gritos, cortados de pausas afflictivas—Que visão... que voz... é um sonho... Qnem me fallou a mim agora?

— Leonor! — volveu Ruy Gomes, levantando-se — Minha prima, entra perdoada no seio de Deus! As minhas dôres offereço em desconto das tuas. Não m'as acceite o Senhor senão como angustias da tua alma. E' Ruy que te falla. E' este ancião vestido de burel que te pede a quietação de espirito precisa para entrares no reino dos infelizes que a si mesmo se puniram... Vai, pobresinha, vai repousar. Eu ficarei para te chorar um dia... e depois... até lá!

Leonor ouvira as ultimas palavras, quando lhe alvorecia o crepusculo do dia eterno.

Ruy Gomes sahiu. As criadas viram-no passar coberto de lagrimas e sentiram uns calefrios de terror.

Entraram á alcova de Leonor. Julgaram-na desmaia-

da. Esperaram o espertar do deliquio. Desconfiaram-na morta. Agitaram-na. Friccionaram-lhe as mãos e retiravam as suas gélidas do contacto do cadaver.

Vinte e quatro horas depois, fechava-se, com os despojos da fidalga de Pouve, aquelle segundo tumulo que o leitor póde ver no adro da igreja de Santa Maria de Abbade.

Soou a fama que no solar de Pouve entrára o phantasma de Ruy Gomes e matára Leonor pedindo-lhe contas da sua perfidia. As criadas, em quanto vivas, disseram que um ermitão entrára ao quarto de sua ama e sahira deixando-a morta, mas juravam que o tinham visto e lhe ouviram a voz, e não era phantasma, bem que, ao sahir do quarto, as fizesse tremer de medo.

Esta explicação não quadrava á legenda maravilhosa do povo. Teimavam que o ermitão era o phantasma do fidalgo de Ninães.

Os herdeiros de D. Leonor Correia não acharam caseiros que mais quizessem occupar a casa de Pouve. Elles mesmos, comquanto mais desempoados, não ousavam deter-se na sala contigua á alcova onde o phantasma fulminou a paralytica. De modo que, passados cem annos, a casa estava alagada pelo alvião do tempo; e n'este anno de 1866 ninguem sabe dizer sobre o certo onde ella esteve. Mostram um extenso almargeal os velhos de oitenta annos e dizem :

«Foi por aqui».

E Ruy Gomes de Azevedo conseguiu morrer sob o tecto da casa onde nasceu? Não. Aqui tem o leitor o fiel traslado da pagina de um manuscripto, que sahiu

do mosteiro de Landim, quando os conegos regrantes de lá sahiram. (1) Diz o titulo do manuscripto:

Memorial de Dõ Joaquim dagrêda, conego regular em Nandim. Ano 623. No ano findo de 22, vespera do Natal de N. S. Jesus Xpto, cerca de 11 oras, chegou á portaria deste mosteyro hu hermytam da orde terceyra do padre São Francisco, e chamou ao locotoiro de baixo o padre dõ anton'o de barcelos, o qual indo e tendo cõ ele breve pratica, veyo ao dõ pryor, e lhe a ele disse o quem fosse o peregrino, donde ambos deceram á portaria e trouveram para dentro o hermytam; o qual trazia cõ ele hu escravo preto que tãbe entrou. A' volta de 15 dyas contados do dya de Natal correu voz de se estar em arrancos da morte o peregrino, o qual de feito rendeo o espirito neste ano corrente de 23 haa meya noite de 11 de janeyro; e tão somentes despois de sepultado na galilé acostada á caza capytular com escandalo e mermuração da comunidade se soube que o hermytam hera hu grande fydalgo destes sitios chamado Ruy gomes dazevedo, o qual estivera cos noviços que aiada uiuem neste ano, e todos cuidauam morto haa muytos anos, e quigera morrer sem se pubricar seu nome dele. No mesmo mez e ano, foy desta uida o preto que uinha cõ ele muy prouecto de anos, e haa tal que dis ter aquele dito negro matado quando era moço outro fydalgo chamado joanes esteues, cazado que foy cõ hua Leonor Coreya que se fynou pollo mesmo tempo. Esta tragedia vay pôor em escriptura o nosso dõ ant.° de barcelos varon de muytas letras e engenho para historias.

(1) O antigo mosteiro é hoje a bella casa e quinta do meu amigo Antonio Vicente de Carvalho Leal de Sousa, herdeiro e sobrinho do ultimo capitão-mór de Landim.

A escriptura de D. Antonio de Barcellos perdeu-se, se, porventura, logrou escrevêl-a o sujeito encomiado por D. Joaquim de Agreda. As ultimas palavras de Ruy Gomes de Azevedo recebeu-as o seu amigo dos bancos escholares. O mais tocante capitulo d'esta narrativa deveria ser trasladado da historia do conego regrante de Santo Agostinho.

Sabemos que o senhor do paço de Ninães foi sepultado na galilé contigua á casa capitular, mas esta casa, na reforma que alguns priores deram ao material arranjo do mosteiro, foi arrazada, e sobre os ossos sepultos na galilé, chamada dos fundadores, construiram e lagearam a capella-mór da actual igreja parochial de Landim.

Aqui ficaram n'este recinto de um quarto de legua as cinzas dos principaes personagens d'este romance.

FIM

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
— A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
— John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Seca e Meca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

LPor
C3493s

347889

Castello Branco, Camillo
O senhor do Paço de Ninães. Ed.5.

DATE. NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
50-52 Rua Augusta, 52-54
LISBOA